

Tudo sobre nós



Cris Soares



Tudo sobre
nós
e
Cris Soares

Copyright © 2018 Cris Soares

Revisão: Alice Martins
Capa e diagramação: Ge Benjamim – Design Editorial

Todos os direitos reservados.

Tudo sobre nós

1. Romance.
2. Literatura Brasileira.

Edição Digital | Criado no Brasil.
Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610. De Fevereiro de 1998 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Esta é uma obra de ficção e toda e qualquer semelhança com pessoas ou situações reais terá sido mera coincidência.

Aos amores correspondidos não vividos.

Prólogo

03 de setembro de 2003

Estou animada. Hoje é o primeiro dia do curso que a escola ofereceu, e que não faço ideia do que se trata, mas me inscrevi por precisar muito ocupar minha cabeça ou vou enlouquecer. Estranho uma garota de apenas dezesseis anos precisar de algo para ocupar a cabeça?

Certo. Deixa-me explicar melhor. Eu sou Vicky. Ana Victoria Leal Figueiredo, um nome bem longo e uma vida ainda curta para um coração partido. Então, eis o motivo da minha necessidade: preciso arrumar o que fazer e parar de pensar no Rodrigo.

Rodrigo e eu nos conhecemos quando eu tinha treze e ele dezessete anos. Assim que o vi já me derreti inteira. Ele é aquele tipo de garoto que faz as meninas surtarem com seus corações acelerados, pernas bambas e mãos suadas.

A primeira vez que nos vimos, eu estava sentada na calçada de casa conversando com minha amiga, Marcinha. Estávamos discutindo sobre quem era o mais gato entre os integrantes dos Backstreet Boys, e, claro que o Kevin era o mais bonito, apesar de ser o integrante com menos técnica vocal. Porém, o que estava na discussão era quem era o mais bonito e não quem cantava melhor, que, na minha opinião, é o A.J. que por acaso é o “patinho

feio” do grupo, vamos dizer assim.

Bom, o caso é que Marcinha não concordava comigo e defendia o Nick como o mais gato. Fala sério. Todas as meninas morrem por ele e eu não sei o que de tão incrível ele tem. Ele é... padrão. Existe algo mais sem graça do que um padrão? Loiro, olhos azuis, pele branca e lisa como a de um bebê, nariz afilado... Não. Kevin é o mais bonito e ponto.

Certo, eu estava falando do Rodrigo. Vamos voltar para ele, então.

Eu estava no meio de um argumento bem convincente de que eu estava certa sobre a questão, quando ele passou por nós. Ele estava com um grupo de amigos e ria tão alto que de imediato chamou minha atenção. A risada dele era contagiante.

Ergui a cabeça em direção ao som daquela risada e, assim que o fiz, nossos olhos se encontraram. Meu coração acelerou no mesmo instante. Ele inclinou a cabeça para mim em um cumprimento, agora já não mais gargalhando, apenas sorrindo. Um sorriso lindo e brilhante, com uma covinha funda, em um lado das bochechas. Nos encaramos até que ele passasse completamente por nós e ele ficou olhando para trás a cada dois ou três passos, até sumir rua acima. Bom, depois disso acho que fica fácil deduzir tudo.

Foi com ele que dei meu primeiro beijo. Ele fazia eu me sentir especial. Todas as meninas do bairro o queriam e ele escolheu a mim. Era bom demais para durar tanto.

Passamos dez meses incríveis juntos. Completei catorze anos nesse meio tempo e ele dezoito. Tínhamos uma boa diferença de idade e tem todo aquele lance dos hormônios masculinos... eu não estava pronta para fazermos. Ele respeitava minha decisão, mas eu não era o suficiente. As coisas foram mudando. Beijos e abraços foram perdendo a graça para um ‘homem’ adulto e, por fim, o fim.

Faz dois anos desde que terminamos e eu ainda penso nele. Penso que talvez, eu não deveria ter tido tanto medo de dar aquele passo adiante na nossa relação. Agora é tarde. Ele está namorando com uma garota mais velha e sempre que os vejo juntos é como um soco no meu estômago, e, eu os vejo quase todos os dias, já que ainda moramos no mesmo bairro, e, ela era uma das minhas amigas. É difícil não pensar em algo que vive passando pela sua frente. Por mais que eu tente ocupar meu tempo, nada parece suficiente para eu esquecê-lo, então, esse curso é mais do que bem vindo.

Estou cursando o segundo ano do ensino médio, minhas aulas são no período da manhã e o curso será de segunda à sexta, a partir das 14hs, com cada aula durando cerca de três horas. Isso me levará a passar o dia praticamente inteiro com coisas para manter minha mente longe das imagens do Rodrigo com Aline, contrastando com as lembranças incríveis e doloridas de quando estávamos juntos.

Ouçó o sinal que anuncia o fim da última aula de hoje e recolho minhas coisas com ansiedade, indo direto para o vestiário tomar um banho antes de ir almoçar na cantina.

Como minhas aulas terminam perto do meio-dia, não faz sentido eu ir em casa para voltar logo em seguida, então, agradeço aos céus por estudar em uma escola com uma infraestrutura boa o suficiente para me proporcionar essa comodidade.

Estou sentada sozinha comendo meu cachorro quente. Esse é meu segundo ano nessa escola e eu não tenho muitos amigos. Acho que fiquei com um pouco de trauma por causa da Aline. Minha única amiga... colega de classe, é a Paulinha, e ela não é do tipo que gosta de estudar.

“Pra quê procurar mais deveres de casa para fazer? Você já não acha que temos o suficiente com todos os simulados do ENEM e tudo mais?” — foi o que ela disse quando sugeri que nos inscrevêssemos no curso que

começo logo mais.

Termino de comer e olho para o relógio: 13h30min. Levanto da cadeira e levo a latinha de Coca-Cola para jogar na lixeira, enquanto caminho em direção à sala onde o curso será ministrado. Assim que chego em frente a sala, vejo um grupo de meninas e meninos em meio a uma conversa animada. Parece que eles já se conheciam, ou são do tipo muito sociáveis, o que não é o meu caso, eu acho.

Mantenho certa distância porque nunca sei como chegar em um lugar onde todas as pessoas já se conhecem e conversam entre si. É estranho. Eu nunca sei o que falar... o que eu deveria dizer?

Alguns minutos se passam e um homem alto e calvo, talvez de uns quarenta ou cinquenta anos se aproxima da porta da sala e cumprimenta o grupo sorrindo e em seguida, abre a porta convidando todos a entrarem. Deve ser nosso professor.

Assim que todos estão dentro da sala e acomodados em suas carteiras, eu entro. Pois é. Não sou a mais esperta das pessoas, porque se eu não gosto de chamar a atenção, essa não foi uma boa escolha.

Atravesso a porta e todos se viram para me olhar. Nenhuma dessas pessoas são conhecidas para mim. Apesar de estudarmos na mesma escola e no mesmo período, nunca os vi na vida.

— Com licença, — começo com a voz baixa — posso entrar? — peço e o professor se vira em minha direção.

— Claro, pode se sentar — responde com um sorriso caloroso e receptivo.

Eu visualizo uma carteira vazia na fila que fica encostada na parede, do lado oposto da porta, caminho até lá sem fazer contato visual com ninguém, e me acomodo.

O professor organiza alguns papéis em sua mesa e logo depois se

volta para o quadro negro e começa a escrever seu nome. Olho com atenção para a lousa, esperando para saber qual seu nome, e então alguém na porta chama minha atenção.

É uma garota. Sua pele é morena, seus cabelos negros e ela tem traços marcantes. Seus olhos escuros e sobrancelhas grossas e bem desenhadas parecem desafiar o mundo a encará-la, como se ela soubesse que ninguém jamais teria coragem de fazê-lo, e, por incrível que pareça ninguém olha mesmo. Ela parece ter uma daquelas plaquinhas de não perturbe pendurada no pescoço. Acontece que eu não consigo parar de olhar pra ela.

Ela demora alguns segundos parada à porta, passando os olhos pela sala, como se procurasse não apenas uma carteira vazia, mas o lugar ideal para sentar, e é nesse momento que os olhos dela esbarram nos meus e sinto medo de morder meu coração, pois tenho quase certeza de que ele acabou de pular para dentro da minha boca. Eu quero desviar o olhar, mas eu não consigo. Eu continuo encarando-a e ela parece ter visto isso como um desafio, porque ela também não desvia seu olhar do meu. Estamos no meio da batalha, eu quase cedendo, porque de repente sinto vontade de sorrir e tenho medo de que essa garota tão intimidadora pense que estou rindo dela, mas daí sou salva pelo professor.

— Boa tarde, jovem! — o professor cumprimenta a garota que continua parada à porta e a analisa por cima dos óculos de grau. Eu nunca entendi o porquê de as pessoas que usam óculos, olharem por cima deles, uma vez que as lentes, em teoria, sirvam para que a pessoa veja melhor. — Posso ajudar? — ele pergunta sem ter certeza se ela pertence àquela turma.

— Boa tarde, — sua voz é firme, grave e confiante. — estou nessa turma. Desculpe o atraso, posso entrar?

— Claro! — ele responde indicando as carteiras com a mão — Nós já

vamos começar. — Ela assente, adentrando a sala, e eu me obrigo a continuar olhando para frente, evitando voltar a fazer contato visual com ela.

Vejo com minha visão periférica que ela vem em minha direção e fico nervosa. Sinto meus pés suarem dentro dos meus tênis. Ela passa por mim e senta algumas carteiras atrás. Sei disso porque as duas que estão logo atrás de mim já estavam ocupadas. Ouço o barulho da carteira sendo puxada e só então sou capaz de visualizar o nome que o professor escreveu na lousa: Marcos.

— Boa tarde, jovens! — diz com a voz animada.

— Boa tarde... — respondemos, a maioria de nós com a voz arrastada e monótona.

— Bom, como podem ver, eu sou Marcos, e serei o orientador deste curso. — Começa, escorando-se no birô, sempre mantendo contato visual com cada um de nós, olhando por cima das lentes de seus óculos. — O intuito desse curso é desenvolver habilidades; encontrar algo em que vocês sejam bons, e, descobrir como esse talento pode ser usado no mercado de trabalho.

O professor então começa a explicar o cronograma com tudo o que vamos fazer durante os quase três meses de duração do curso, encerrando-se junto com o ano letivo, em dezembro. Porém, apesar de eu estar de frente para ele, de conseguir visualizar sua boca abrir e fechar, suas mãos gesticularem dando ênfase a tudo que fala, eu não estou ouvindo absolutamente nada do que ele diz.

Mexo-me desconfortável na cadeira. Sinto minhas orelhas esquentarem e tenho certeza de que ela encara minhas costas. Fico tentada a virar para confirmar se estou certa, mas me contenho.

Noto que o professor me encara, como se esperasse algo, e fico

constrangida por não saber o que fazer.

— Desculpa... oi? — falo, e as gargalhadas ecoam na sala como orquestradas por um maestro. Afinados.

— Gostaria que todos vocês se apresentassem, para que nós pudéssemos nos conhecer, então, podemos começar por você? — pergunta com um sorriso encorajador. Por que eu? Por que sempre eu? Respiro fundo.

— Anh... tudo bem... — começo insegura, e ele me interrompe.

— Poderia ficar de pé, por favor? Assim você não precisará se apresentar novamente para seus colegas.

— Certo... — sinto minhas bochechas esquentarem, mas levanto e dou um passo para frente, logo em seguida me viro me colocando meio de lado entre meus colegas de sala e o professor, e ele sorri. — Meu nome é Victoria, mas todos me chamam de Vicky. Tenho dezesseis anos e sou do segundo ano — articulo bem cada palavra e falo em tom firme, apesar da timidez.

— Você poderia dizer algo de que goste? Alguma coisa que goste de fazer para se divertir, por exemplo.

— Gosto de música... e de dançar, digo sorrindo, porque não há como não sorrir quando penso em música e dança.

— Obrigada, Vicky! Pode se sentar.

Assim que me acomodei, de um por um, todos foram se apresentando. Carla, Rafael, Larissa, Pedro, Ana, Felipe, Maciel... e tudo que eu queria era que chegasse logo a vez dela. Qual será o nome dela? O que ela gosta de fazer para se divertir? Estou imaginando o que uma garota como ela poderia gostar, e então ouço sua voz. Só ouvi as poucas palavras que ela disse ao chegar, mas tenho certeza de que é ela.

Ela não saiu do lugar em que estava sentada, como todos nós. Não ficou de frente para todos e, a sala inteira se virou para olhar pra ela,

inclusive eu.

— Eu sou Mariana, tenho quinze anos, sou do primeiro ano e, assim como nossa colega — ela me indica com a mão fazendo com que eu ganhe a atenção de todos e tiro o cabelo de detrás da orelha para trazê-lo para frente, tentando cobrir um pouco meu rosto — também gosto de música — começo a abrir um sorriso em reconhecimento ao que ela diz, me sentindo estranhamente bem por termos algo em comum. Porém, antes de meu sorriso sequer chegar a tomar todo o espaço dos meus lábios, ele cessa antes dela terminar sua apresentação — apesar de odiar dançar. — Completa, seus olhos duros dentro dos meus. — Música foi feita para ser curtida, ouvida e sentida, e não saltitada.

Em sua voz não há sorriso, sua expressão corporal não indica nenhuma abertura, nem mesmo uma brecha. Tudo nela grita não se aproxime, mas inexplicavelmente, eu sinto uma vontade incontrolável de chegar mais perto.

09 anos depois...



Vicky



Vicky (Disponível)

vih_leal@hotmail.com

saindo de mais um romance furado.



Mari (Disponível)

mar_e_ana@hotmail.com

vivendo feito louca, explorando algum lugar que ninguém jamais ouviu falar.

Eu não acredito que estou fazendo isso mais uma vez.

Revezo meu olhar entre a linha em que preciso assinar meu nome, os advogados e meu marido. Quero dizer, ex-marido... Ah, porcaria! Marido! Até que eu assine essa droga de papel, ele continua sendo meu marido.

Sinto-me mal. O que me deixa mais frustrada é que não estou de coração partido por ele ter me trocado pela estagiária peituda que me encara ansiosamente com olhos brilhantes, imaginando como será seu casamento com meu marido, posso apostar. Estou chateada por ter errado, mais uma vez. Eu poderia jurar que era ele. Quase acreditei que estava apaixonada de verdade.

Bom, Mari me avisou desde o início que eu estava idealizando de novo, quando conheci Eduardo. Ela sempre acerta. Ela é tão inacreditavelmente diferente de mim. Porém, às vezes, poderia jurar que somos a mesma pessoa, porque ela conhece as partes de mim que nem eu mesma conheci ainda.

Sinto a saudade apertar quando vejo seu sorriso passeando na minha cabeça, entre as muitas particularidades que dividimos, Mari e eu. Um sorriso que ela guarda apenas para mim. Ela não sorri para mais ninguém daquela maneira, mordiscando o lábio inferior discretamente, assim que seus lábios começam a se entreabrirem.

Meu coração acelera e dói. É quase sempre essa a reação quando penso na Mari. Queria que ela estivesse aqui.

— Victoria? — ouço a voz insegura do meu quase ex-marido. Ele parece estar com dor de barriga. — Você não vai assinar?

Encaro-o. Eduardo é um homem bonito com todo o charme de um executivo bem-sucedido aos trinta e cinco anos. Loiro, cabelo estiloso, meio espetado, meio bagunçado. Olhos verdes, músculos tonificados e definidos, uma barba igualmente loira, cheia e bem-feita, que o deixa com um ar de *homão da porra*. Pena que tudo não passe de ar.

— Ah, qual é, Vicky... Você não quer prolongar ainda mais essa situação, não é? — pergunta Patrícia, fazendo círculos imaginários com a unha enorme e vermelha nas costas da mão esquerda do meu marido, que ainda usa nossa aliança de casamento, e noto os músculos de seus braços tencionarem com o toque dela.

Caraca, que espécie de homem traz a amante estagiária para a sessão do divórcio? Ele acha que me fazer de chifruda não é humilhação o bastante? Precisa exibir a Barbie Girl para que todos vejam? Eu pensei mesmo que estava apaixonada por isso?

Fico olhando para as mãos deles e para a aliança que deveria ser símbolo do “seu amor e fidelidade” e me sinto enjoada. As pessoas deveriam dar mais importância para o que a palavra amor significa, antes de saírem por aí, fazendo pedidos de casamento cinematográficos com juras de amor eterno.

— Sra. Victoria? — Meu advogado me chama, me trazendo de volta à

órbita da terra, então eu assino o maldito (na verdade bendito) papel, que para mim, nada mais é do que o segundo atestado de que não sei escolher marido.

— Porra, Vih, — Mari fala quase gargalhando — você tem vinte e cinco anos e acaba de assinar o segundo divórcio! Caralho, qual seu objetivo de vida? Bater o *record* da *Gretchen*?

Olho para Mari na tela do meu notebook enquanto ela fala palavrões e piadas irônicas, devido ao meu segundo divórcio, e apesar de que eu deveria estar triste, até meio moribunda por ter levado o pé na bunda, o que eu sinto é alívio. Agora, olhando para minha melhor pessoa da vida, arriscaria a dizer que estou quase em paz, porque paz mesmo, só quando ela estava mais próxima tipo, uma proximidade que não precise de uma conexão com a internet e uma tela para que eu possa vê-la e ouvir sua voz. E isso faz muitos anos que não sinto. Muitos.

— Dois divórcios não é um número tão alarmante para alguém de vinte e seis anos! Não tenho culpa se sou uma pessoa... intensa. — Tento me justificar, porque sim, essa é uma estatística preocupante. — E você que ainda tem a mesma boca suja da adolescência?

— Hahahaha — Mari ri alto, jogando a cabeça para trás. Noto que ela está em uma rede e há pouca luminosidade onde está. — Garota, quem te disse que caralho é um palavrão? Por que é errado falar porra, foda-se, puta que pariu, filho da mãe, filho de uma puta...? Vih, são apenas palavras.

— E você só as fala para chocar as pessoas — acuso.

— As pessoas são muito frágeis para se chocarem com uns míseros e inocentes “palavrões” — rebate ela.

— Enfim, você não pode me julgar por tentar formar uma família. Quero casa com jardim grande, jantar em família, crianças correndo pela casa

e enlouquecendo meu juízo — respiro fundo sentindo pela primeira vez o pesar por isso não ter sido possível, mais uma vez. — Não tem como eu ter tudo isso sem um marido, não é? E você, senhorita boca suja, deveria aquietar o traseiro. Com algum cara bacana de *Fortal City*, de preferência, para talvez assim, você vir embora de vez para cá — pressiono-a e sou agraciada com sua típica cara de tédio. — Aliás, onde você está mesmo?

— Primeiro: para de condicionar sua felicidade à um macho alfa. Você é talentosa demais para querer usar tanta criatividade e inteligência apenas com cardápios nutritivos, decoração e economia doméstica. Você merece alçar voos mais altos, caralho! Em que pé está aquela questão sobre faculdade? Já decidiu o que vai fazer? Você me prometeu que pensaria em algo! — cobra em tom autoritário.

— Ei! Não tente me colocar na berlinda não, tá? Era você quem estava nas cordas desse ringue, trate de me dá algumas respostas, por exemplo, onde você está e como vai a questão: vida amorosa da Mariana? Porque, acho que a última vez em que você me falou de um cara, foi um tal de Raul, que você conheceu em um Hostel, em alguma cidade pitoresca do Piauí, se não estou enganada, e, isso tem o quê? Uns dez, onze meses? — questiono-a ajeitando o notebook entre as pernas, sentada na cama do meu quarto.

— Caralho, tu é foda. Garota, você não vai me enrolar quanto ao assunto faculdade, okay? — fala, apontando um dedo para a câmera do seu notebook em minha direção e eu cruzo os braços, revirando os olhos, esperando minhas respostas.

— Mariana, não me enrola!

— Aff... Estou trabalhando como sempre, tá? É isso o que estou fazendo e que sempre faço. Não tenho tempo para o lance romântico da vida, romantismo para mim, é capturar imagens únicas com as lentes da minha câmera por esse Brasil à fora e fazer com que o mundo enxergue a beleza do

nosso país, que é muito mais do que as curvas da bunda de uma mulher — diz ela com uma pontinha de irritação na voz, tão típica dela. Mari parece que vive irritada com alguma coisa, sempre como se tivesse raiva do mundo. Não é preciso muito para acender seu pavio, e ele rapidinho é consumido pelas chamas.

— Ei, está tudo bem? — pergunto, atenta aos sinais de quando ela tenta esconder algo de mim. Ela sempre esconde.

— Está sim, Vih paranoica — afirma com um sorriso — Só estou cansada. E estou em um vilarejo, dentro da Chapada Diamantina, na Bahia. Esse lugar é incrível, Vih! — comenta com um sorriso — Um dia te trago aqui.

— Quem sabe esse será o local da minha futura lua de mel, hein? — brinco.

— Caralho, vai te aquietar, mulher! Tu acabou de se divorciar! Tu devia estar pensando em farras e porres, e não na próxima lua de mel, garota!

— Foi apenas um pensamento, ora — digo dando de ombros como se não fosse nada demais, mas vou anotar esse destino no meu bloco de notas depois, para não esquecer. Quem sabe?

— Ei, apaixonada compulsiva, tenho que ir. — Mari avisa, se ajeitando na rede em que está deitada. — Quero pegar o nascer do sol, daqui algumas horas, em um lugar de difícil acesso. Preciso tentar dormir um pouco.

— Tudo bem, toma cuidado! — peço — Não vai se estrepar por causa de uma fotografia.

— Não é apenas uma fotografia, Vih, é o meu trabalho — censura-me, meio contrariada.

— Desculpa, senhora fotógrafa renomada e premiada! Só me preocupo com as partes do seu corpo e prezo por elas inteiras e não

despedaçadas por você ter caído em algum desfiladeiro por causa de um click.

— Hum... então você preza as partes do meu corpo, Victoria? — Mari fala no seu tom grave, tão típico dela, e sou capaz de sentir sua respiração no meu ouvido como se ela estivesse aqui, ao meu lado na cama. Meu corpo inteiro se arrepia. Fico sem graça.

— Ah, vai tomar banho, Mari! Você me entendeu — falo me movendo desajeitadamente na cama, tentando fazer com que meu corpo não dê sinais físicos e claros de que a sugestão escondida me afetou.

— Garota, você é muito fofa, assim sem graça — brinca, gargalhando alto e logo depois ouço-a se desculpar pelo barulho, provavelmente por ter acordado algum desconhecido com quem divide o quarto. — Indo nessa, Vih. Até mais.

— Até, Mari. Vê se não some! Sinto sua falta... Amo você.

— Vou tentar, mas nem sempre tenho conexão com a internet. Vê se não se casa nas próximas semanas... hahaha. Também te amo.

Então a chamada de vídeo se encerra e me permito cair, com a cabeça no travesseiro, o notebook ainda no meu colo. Fecho os olhos bem apertados e tudo que eu mais queria nesse exato momento, era voltar a ter 16 anos.

10 de Dezembro de 2003

Abro os olhos e a única luz que há em todo o quarto vem da minha janela veneziana.

Estou deitada na minha cama com Mari à minha frente. Pegamos no sono logo após acabar o especial de natal da Britney Spears, que descobrimos ser uma paixão em comum. É, Mariana Cara Amarrada Fontenele foi pega pelas performances da Diva Pop, mas também, quem não se renderia? E, a propósito, Mari gosta sim de dança. Mesmo que apenas de

assistir coreografias elaboradas e não “saltitar” junto. Ela me confessou depois que nos tornamos amigas que falou aquilo apenas para me encher, porque estava entediada com o lance de termos que nos apresentar um por um e queria descontar em alguém. Eu parecia a vítima perfeita.

Apesar de eu já estar acordada, Mari ainda dorme. Sinto sua respiração entrando nas minhas narinas e se misturando com a minha. Meu coração parece que vai sair correndo de dentro de mim. Não ousa mover um único músculo. Meu corpo inteiro está tenso e nem mesmo sei o porquê. Meu Deus, é só a Mari!

Sinto o nariz dela roçar no meu, quando ela se move brevemente durante o sono e nossos lábios quase se tocam. Minha Nossa Senhora... quase encostou! Encostar seria o mesmo que beijar?

Baixo os olhos para os lábios carnudos da Mari e de repente, estou imaginando quão macios eles devem ser e, de qual seria o gosto deles, já que ela nunca usa batom.

Caraca! Por que eu estou pensando isso? Questiono-me com os olhos apertados, me virando lentamente para me posicionar de barriga para cima, apenas por ter medo das coisas que sinto vontade de fazer ao olhar para a boca dela.

— Ei, você está acordada? — Mari pergunta, ficando na mesma posição que eu.

— Sim — respondo sussurrando, sem saber o motivo.

— Está meio escuro, não é? — comenta.

— Anh... vou acender a luz, não acendi antes porque não queria te acordar — explico sem graça.

—Não! — Mari segura minha mão, mantendo-me no mesmo lugar, ao seu lado. — Deixa, gosto de como as luzes entram pela janela. Olha. — Mari ergue nossos braços sob a luz, entrelaçando nossos dedos. — É um contraste

tão bonito, não é? — Mari desentrelaça nossos dedos e acaricia meu braço com as pontas dos dedos e meu corpo inteiro reage ao seu toque de uma maneira que jamais senti e que nunca, nem mesmo que vivesse um milhão de anos, poderia explicar. — Sua pele é ainda mais clara em contraste com a minha, Vih. Gosto disso, dos tons juntos. — A cada palavra que ela fala, meu coração bate ainda mais forte e eu realmente não sei como parar isso. Não que seja uma sensação ruim, é só... diferente e apavorante, apesar de eu ansiar por mais. — Você dormiu, garota? — pergunta, baixando nossos braços e descansando nossas mãos junto ao seu peito. Seu coração parece bater tão desesperado quanto o meu.

— Não, — digo baixinho, em seguida pigarreando, mais uma vez, sem fazer ideia do porquê estou sussurrando. — Anh... Acho melhor acender a luz, não faço a mínima de que horas são... Anh... pode ser que esteja tarde e você precisa voltar pra casa, não é? — pondero nervosa e Mari solta minha mão, parecendo contrariada.

Na verdade não é tarde, tenho certeza, mas preciso fugir dessas sensações que se espalham por cada centímetro do meu corpo e, que de repente, parecem querer algo que não deveriam querer.



Mari



Vicky (Disponível)

vih_leal@hotmail.com

Tem passado que vive para bagunçar o presente.



Mari (Disponível)

mar_e_ana@hotmail.com

As lentes da minha câmera embaçam. Meus olhos, não.

Eu amo o pôr-do-sol. O mesmo sol se põe todos os dias, o mesmo aqui e em qualquer outro lugar do planeta, e, ainda assim, ele consegue nos deslumbrar com infinitas variações de cores e tons no céu, dependendo do lugar, ângulo, e, principalmente, dos olhos que o observa. Eu quero captar cada movimento com as lentes da minha câmera.

O dia está quase no fim. Estou no alto de uma serra, tentando capturar até o último vestígio da luz do sol antes que ele se vá completamente. O céu se torna cada vez mais escuro, com alguns salpicados de laranja.

Inclino o rosto em direção ao céu, agradecendo por mais um dia produtivo, ainda segurando a câmera sob meu peito, respirando fundo, mantendo os olhos fechados, e o rosto da Vicky enche todo o espaço da minha cabeça como em uma exposição. Vicky sorrindo; Vicky fazendo bico; Vicky séria; Vicky sem graça (minha favorita); Vicky entediada... *Ana Victoria Leal Figueiredo... Como você consegue preencher cada molécula do meu corpo?*

— Você não acha que já deu por hoje, morena? — Sinto braços

circularem minha cintura e por frações de segundos, sinto meu corpo rejeitar aquele toque. Dez meses que estamos juntos e meu corpo parece que jamais conseguirá reconhecer o dele, jamais deixará de sentir essa estranheza, como se meu corpo não fosse o lugar onde seus braços e mãos devessem estar. — Quero chegar cedo e aproveitar que hoje foi o último dia dos nossos companheiros de quarto no hostel. Estou com um ótimo pressentimento de que não deu tempo de colocarem outros hóspedes no lugar deles e de que teremos uma noite à sós. — Raul cochicha sugestivamente ao meu ouvido e estremeço de ansiedade, entretanto, não é aquela ansiedade do tipo boa, é mais do tipo que torce para ele estar errado quanto ao pressentimento.

— Quem sabe, não é? — viro-me, olhando para ele, com o sorriso que ensaiei a vida quase toda. — Vem branquelo, vamos embora que estou louca por um banho —chamo-o, me desenroscando dele, fingindo que não percebi a intenção dele de me beijar.

— Ah, morena... Sinto que hoje teremos uma noite incrível! — diz todo animado.

— Mal posso esperar... — falo com um riso na voz que não combina com a tensão nos meus músculos, enquanto recolhemos nossas coisas e começamos a caminhar de volta ao hostel.

Quando chegamos, somos avisados assim que passamos pela recepção de que temos novos amigos para dividir o quarto, e sinto o alívio escorrer pelo meu corpo como água fria depois de um dia inteiro de sol, ao mesmo tempo em que vejo a expressão animada do meu... ãnh... do Raul, murchar.

— Parece que teremos uma noite incrível de sono mais uma vez, branquelo! — brinco de bom humor.

— Você é uma mulher muito cruel, sabia? — diz me olhando com ternura e me sinto culpada. — Mas eu adoro você, o que posso fazer? — Ele dá de ombros e beija a lateral da minha cabeça ao passar por mim,

caminhando em direção ao banheiro.

— Ei! Seja um cavalheiro e me deixe ir tomar banho primeiro, como dama que sou! Acaso você não lembra da regra universal: primeiro as damas?

— Você não é uma dama, morena. Sabemos disso, e, esse é meu castigo pessoal por sua crueldade — avisa fechando a porta do único banheiro do hostel e eu sorrio. De verdade, dessa vez.

Entro no quarto e vejo mochilas ocupando três das seis camas do cômodo. Caminho em direção à minha, coloco minha mochila próximo a ela e me jogo nela, permitindo que o colchão macio aconchegue meus músculos doloridos depois de um dia de caminhadas, subidas e descidas.

Passo as mãos pelos meus cabelos, massageando o couro cabeludo, tentando acarinhar meus pensamentos controversos e acalmar os sentimentos que vez por outra se rebelam tentando dominar minha racionalidade.

Caralho, o que eu estou fazendo? Por que me sujeito a isso? Por que continuo nessa farsa? Sinto vontade de chorar. Porra! Você pode chorar sabia, Mariana? Você não é a merda de uma máquina!

Sinto as lágrimas se formando e minha barriga retrair-se com o choro preso que não vou libertar. Respiro fundo.

Bom, sou humana e não fraca — lembro-me, tentando enfiar essa sensação ruim em qualquer parte esquecida dentro de mim.

Caralho... estou morrendo de saudades dela — penso quando tenho um vislumbre do desenho tatuado no meu antebraço esquerdo.

Faz duas semanas desde a última vez que nos falamos. Olho para o notebook e pondero se devo ligar ou não para ela. Verifico a hora e vejo que ainda não são 19hs de uma sexta à noite. Será que ela está em casa?

Pego o notebook, me preparando para ir até a rede, que fica em uma varanda pequena no nosso quarto, com uma vista incrível para um jardim a céu aberto.

— Você não vai tomar banho, sujinha? — brinca Raul, entrando no quarto, então, paro na metade do caminho.

— Vou sim. É... Achei que você fosse demorar mais no banho e ia aproveitar para falar com a Vicky — explico colocando o notebook em cima da cama e separando as coisas de que vou precisar para o banho.

— Você e ela conversam muito. Se conhecem há muito tempo? — pergunta com interesse.

— Que exagero! Faz duas semanas que não falo com ela. E, sim, nos conhecemos desde a adolescência.

— Hum, entendi. Espero conhecê-la, um dia. Ela parece uma pessoa legal, eu acho. Apesar de que não sei muito sobre ela, já que você sempre se esconde quando estão conversando. — Raul me olha de forma estranha, como se me avaliasse. Sinto-me desconfortável, mas decido ficar calada e revirar os olhos como resposta. — Para ela manter contato com você por tantos anos assim, deve ser um amor. — Implica tentando aliviar o peso que sua encarada causou a nossa volta.

— Ah, cala a boca, idiota! — Dou uma tapa em sua barriga com as costas da minha mão quando passo por ele, tentando aliviar ainda mais o clima, e ele segura minha mão, me puxando para perto dele.

Nossos olhos se encontram e ficamos calados por alguns segundos, o ar pesado voltando a nos envolver.

— É estranho sentir sua falta quando você sempre esteve aqui, bem do meu lado — fala em tom sério. — Na verdade, acho que o que é estranho é ver você bem aqui, e não conseguir sentir que você está sequer no mesmo plano que eu, mesmo eu conseguindo segurar você com ambas as mãos — afirma envolvendo meu rosto com suas mãos e olhando no fundo dos meus olhos, querendo ver além deles.

— Ei, — ergo-me nas pontas dos meus pés e dou-lhe um beijinho casto

em seus lábios — eu estou aqui, sim, okay? Só estou mais cansada do que o habitual nesses últimos dias de trabalho — justifico-me.

— Parece que esse cansaço vem de uma vida inteira, Mariana — diz ele, beijando minha testa. — Vai lá, tomar seu banho — pede se afastando, ficando de costas para mim, de frente para sua cama e, meu peito se enche de culpa e pesar.

Fico ali parada por alguns segundos, tentando abrir a boca e acabar logo com isso, no entanto, a única coisa que consigo fazer, é fugir; dessa vez para o banheiro.

Raul é um cara bacana — cochicho para eu mesma enquanto a água fria cai sobre minha cabeça. — Eu gosto dele. Gosto da companhia dele. Ele é descomplicado. Não há cobranças, pelo menos não explícitas, sobre “a gente”. Ele respeita meu espaço e a verdade, é que minhas viagens se tornaram bem mais divertidas depois que o conheci, tirando o lance do “romance”.

Isso pode dar certo, Mariana — asseguro-me. Houve momentos em que os beijos e carícias não foram de todo o mal, não é? É normal que eu tenha precisado da ajuda do álcool pra relaxar, certo? Ou da presença dela na minha cabeça. Merda. Interrompo meus pensamentos quando sinto meu corpo desejar por alguém que não deveria e desligo o chuveiro.

Quando chego ao quarto, ainda com os pensamentos em guerra, entro em parafuso ao ver Raul com meu notebook aberto de frente para si. *Mas que porra é essa?*

— Ei, oi, amor! — *Amor? Que caralhada é essa de amor? Que tom é esse? Que diabos ele está fazendo?*

— Mas que...

— Surpresa! — diz ele, virando a tela do notebook em minha direção e dou de cara com a Vih, me olhando com um sorriso que de longe reconheço

que não é verdadeiro. *Porra!* — Você não vai dizer oi pra Vicky? — ele pergunta sorrindo, como se tudo isso fosse algo normal, ele pegar meu notebook e fazer chamada de vídeo com uma amiga minha que ele sequer foi apresentado.

Sinto-me invadida e com raiva, muita raiva, mas não vou matá-lo agora, porque minha preocupação é a mágoa que com certeza Vicky deve estar de mim, pois é óbvio que Raul contou sobre nós pra ela. Ela deve estar se sentindo enganada.

Caminho em direção à minha cama onde Raul está sentado, puxo o notebook de suas mãos, ódio faiscando através dos meus olhos, até que eles encontram os olhos desapontados da Vicky, camuflados por seu sorriso brilhante, apesar de chateado.

— Ei, garota, e aí? — falo tentando soar com descontração.

— Oi, Mari — cumprimenta, baixando a vista ligeiramente. *Merda, vou matar o Raul!*

— Como vão as coisas por aí? — pergunto, incomodada com a proximidade do Raul entre nós.

— Tudo bem. Tenho algumas coisas pra te contar que você jamais poderia imaginar — diz ela com uma animação que pareceu genuína e espero que não tenha a ver com algum cara, de novo. — Mas me conta, ãnh... E esse bonitão, aí do seu lado? — Vicky pergunta, tirando o cabelo de detrás da orelha, evitando olhar diretamente pra nós.

— Ah, pois é. Esse é o Raul...

— Ah, amor, já somos quase íntimos! Não é mesmo, Vicky? — Sinto algo ruim nas entranhas sempre que ouço Raul me chamar assim. Não sei onde ele quer chegar, não sei o motivo de ele estar fazendo isso e espero que eu consiga entender suas razões, porque eu realmente tenho carinho por ele e odiaria constatar tão tarde que ele é só mais um babaca no mundo.

— Quase isso. — Vicky responde.

— Então, acho que vou deixar as garotas tricotando, como diria minha avó. — Raul avisa se virando para mim — Estou indo encontrar os caras pra tomar umas, mas não se preocupe amor, só tenho olhos pra você — tranquiliza-me e me beija, de forma indiscreta, pegando-me desprevenida. — Até mais, Vicky, foi um prazer — despede-se e sai.

— Por que você não me contou que estava namorando? — Vicky pergunta assim que Raul bate a porta.

— Porque eu não estou. Esse lance não tem importância, não é relevante para que fosse preciso te contar. Não preciso te falar cada passo da minha vida! — respondo irritada, direcionando parte da minha raiva à ela, mesmo que ela não tenha nada com isso.

— Nossa! Duas semanas sem você falar comigo para então engolir suas rabugices, obrigada por isso, Mariana — diz, em tom bravo — Essa é sua maneira de se esquivar do fato de ser uma mentirosa?

— Não sou uma mentirosa, tá? Não contei porque esse caralho de relacionamento não tem importância pra mim! — Quase grito, e a vontade de chorar me sufoca.

Eu não quero gritar. Não quero brigar com ela; quero pedir desculpas por ter mentido, quero explicar porque não contei, mas só consigo brigar.

— Sério que ele não tem importância? Acaso você dorme há dez meses com um cara a quem não dá a menor importância? — Ela sorri incrédula — Okay, não sabia que você tinha mudado tanto. Porém, não te julgo. A vida é sua. Só acho que você deveria deixar claro para o Raul qual a importância dele na sua vida, porque ele claramente não faz ideia. — Vicky aconselha de forma ferina. E ela tem razão, em partes. Respiro fundo tentando me acalmar.

— Olha, não é que ele não tenha importância, tá? É só que... sei lá. Não é o tipo da coisa que vai acabar em um altar, entende? Não é nada sério.

Estou vivendo como todo mundo normal, só isso.

— Você gosta dele? — pergunta em um tom melancólico.

— Claro que gosto — respondo automaticamente.

— Então, por que não o leva a sério? — Sua voz é baixa, quase como se tivesse medo de perguntar. — Ele parece um cara legal e parece ser “seu número” pelo que ele me contou dele. Filho de um fazendeiro multimilionário fugindo da vida monótona da administração de um império por querer viver intensamente. Vocês fariam um bom estrago juntos, pelo mundo. — Ela tenta soar animada, mas sinto uma pontinha de tristeza em seus olhos. *Ou seria ciúmes?*

— Não sou do tipo que sonha com romances, Vih, e você sabe. Você me conhece.

— Sei? Porque a minha Mariana não estaria morando com um cara há dez meses e sendo chamada de amor por ele. Isso não me parece coisa de quem não gosta de romance — pressiona.

— Ele não tem esse hábito, não sei que merda deu nele, hoje — tento justificar.

— Não interessa... Quer saber, Mari? Se eu fosse você, passaria a levar ele mais a sério.

— Tá falando sério? — questiono-a e por algum motivo sinto-me decepcionada com o incentivo dela.

— Claro! — diz ela com um sorriso que não sou capaz de ter certeza se foi sincero — Talvez, se você desencantar para o amor, a vida encare isso como um grande acontecimento e decida desencadear uma reação em cadeia que leve todos à sua volta a encontrarem o amor também. Talvez o destino queira que a gente o encontre juntas.

Assim que Vicky conclui suas ideias loucas, repito sua última frase mentalmente: *talvez o destino queira que a gente o encontre juntas.*

Um silêncio estranho nos envolve, e neste momento, mais do que nunca, queria que estivéssemos face a face, porque de repente, sinto uma vontade enorme de falar coisas que sei que não devo, mas que cada dia mais parecem certas, embora estejam erradas.

— Espero que você não tenha razão sobre isso, Vih. Não vou casar com nenhum cara. Nunca. Nasci para ser dona de mim mesma, sem ninguém para dividir opiniões sobre as minhas escolhas, então, se é o que quer, torço para que seu cara perfeito apareça independente de mim — digo.

— Talvez ele já tenha aparecido — diz incerta.

— Você tá falando de mim? Porque eu já te disse que não tem nada sério com o...

— Eu reencontrei o Rodrigo ontem. — Me interrompe antes mesmo de eu terminar.

— Que Rodrigo? Seu primeiro namorado? Quê? Como assim? Ele não tinha ido morar fora há séculos atrás? — Não acredito que ela vai entrar nesse jogo de novo. *Putá merda, Vih! Você acabou de se divorciar!* Grito mentalmente sentindo meu peito apertar.

— Simmm! — confirma animada, esquecendo a raiva de poucos instantes atrás. *Como ela consegue?* — Ele voltou há poucos dias e nos encontramos por acaso, no shopping. Mari, parecia coisa de novela! Nossa... ele está tão lindo! Foi como se eu fosse adolescente de novo e todo aquele meu primeiro amor renascesse...

— Caralho, garota! Você assinou os papéis do divórcio tem duas semanas! Pelo o amor de Deus. Não acredito nisso. Não acredito que você vai fazer isso de novo! Coisa de novela? Victoria, lembra! Para de achar que tua vida vai ser como um filme ou como os *chick-lit* que você adora... Cresce, Victoria!

Meu coração bate tão rápido e não sei como, apertado também. Dói.

Sempre dói quando ela aparece com mais uma paixão. Eu costumo agir de maneira mais contida, geralmente com o sarcasmo como um véu encobrindo o que sinto de verdade, mas agora não tá dando.

— Por que você está me tratando assim? — questiona confusa, claramente magoada, e me sinto um lixo. Fico calada. Os olhos se enchendo com as lágrimas que engoli mais cedo. — Mari, você está bem? Aconteceu alguma coisa? Pelo amor de Deus, me fala! Você tá sempre se escondendo, caramba!

— É caralho, Vicky! C-A-R-A-L-H-O! Entendeu? Para de falar coisas como “caraca”, “caramba”... é Caralho, porra!

Vejo os olhos da Vicky encher-se de água e elas rolarem, uma, depois outra e mais outra, seu rosto começa a assumir um tom de vermelho e eu só quero me socar por ser uma escrota covarde dos infernos.

— Me desculpa... — fecho os olhos e conto minhas respirações. Um. Dois. Três... — Acho melhor a gente se falar depois — sugiro e encerro a chamada antes mesmo de ela concordar.

Coloco o notebook em cima da cama, deitando-me de lado e acaricio os desenhos tatuados no meu antebraço. Leio a segunda parte de uma frase, desejando poder segurar a mão dela agora e ter seu braço colado ao meu para que eu possa ler a frase inteira.

Choro. Soluço. Fecho os olhos. Caio no sono.

12 de junho de 2004

Sabe aquele lugar que te traz paz? Aquele lugar onde você se sente segura e acolhida? Pois é, esse é exatamente o lugar onde estou e, é para cá que venho sempre que posso: o quarto da Vicky.

Eu não sei o que faz esse lugar ser tão incrível, mas desconfio que seja porque aqui é como se fosse o mundo dela.

— Caraca! Mais um dia 12 de junho que passo com o coração vazio — resmunga Vicky.

Estamos ambas deitadas em sua cama, Vicky de barriga pra cima encarando o teto, entediada com sua solidão de amor masculino; eu, de bruços, com o rosto virado em sua direção, admirando a curva do perfil de seu rosto e contemplando meu próprio tédio por não conseguir entender porque ela sente tanta necessidade de se apaixonar por um garoto.

— Caralho, Vih, é só mais uma data idiota — digo e ela vira-se de lado para me encarar.

— Você já se apaixonou alguma vez na vida, Mari? — pergunta levantando uma sobrancelha e entortando um pouco a boca para a direita, inclinando o rosto ligeiramente, numa expressão de dúvida e desafio.

— Tenho coisas mais úteis em que ocupar meu coração e maneiras melhores para aproveitar minha vida. Além do mais, não tenho o menor saco pra essas coisas de coraçõezinhos e lenga-lenga melosos e grudentos... Iga! — digo colocando uma mão na boca e a outra contra a barriga — Acho que fiquei enjoada só de pensar, Vih — brinco, tentando não me sentir ainda mais esquisita do que já me sinto.

Não sou como a maioria das meninas da minha idade, isso é claro para mim e para quem quer que me olhe, nem precisa conviver comigo para notar. Por exemplo: meu fichário é azul marinho e discreto, enquanto o resto das meninas da escola têm fichários cor-de-rosa com flores, personagens encantados, corações e laços. Elas adoram um salto e eu não abro mão dos meus tênis. Sainhas e vestidinhos jamais! Prefiro ficar confortável, obrigada. Eu amo praticar esportes, elas morrem de medo de quebrar a unha. E claro, elas vivem suspirando pelos garotos, sonhando com beijos e sei lá o quê, eu

nunca sequer pensei em um garoto na vida.

— Ah, é? — Vicky começa em tom brincalhão — E com o que uma garota de quinze anos, enjoada e mal-humorada, ocupa seu coração, hein? Como aproveitar a adolescência sem viver amores juvenis? Dizem que essa é a nossa melhor fase, Mari! — exclama com euforia e eu continuo calada. — Ah, você precisa se apaixonar! Não pode passar pela adolescência sem descobrir a sensação de ter o coração roubado — afirma ela com um tom teatral, colocando as mãos junto ao peito.

— Nem! O coração é meu! Roubado é o caralho. Eu não vou deixar. Jamais!

— Aposto que um dia alguém irá! — afirma como uma vidente prevendo meu futuro e a encaro para rir dessa tolice, mas fico completamente hipnotizada quando meus olhos encontram os dela. Os olhos da Vicky nunca estiveram tão intensos quanto estão agora. O sol entra pela janela e os olhos dela que estão contra a claridade ficam em um tom de castanho quase tão claro quanto cor de mel. Perco o fôlego.

— Vai sonhando, ‘Mãe de nada’ — faço piada, mas nem eu mesma consigo sorrir, porque eu não consigo fazer meu cérebro enviar o comando pra minha boca.

— Quando você menos esperar, quando acreditar que tudo continua sob controle, de um minuto para o outro, você perderá o fôlego de seus pulmões; — PUTA QUE PARIU! Grito mentalmente e, de repente, eu sinto minhas pernas formigarem de uma maneira estranha, como se eu tivesse com muito medo e não fosse capaz de correr do perigo, enquanto ela continua — suas pernas ficarão alheias a sua ordem de pararem de tremer, ou até mesmo de se moverem; — Os olhos dela não soltam os meus e eu quero muito saber que porra é essa, porque meu coração bate tão forte e rápido que tenho a impressão de que ele não quer mais bater dentro do meu peito.

— Seu coração vai bater tão rápido que vai te assustar; — O que ela está fazendo? Isso... isso é... o que é isso? — E aí, minha amiga, linda e rabugenta, você enfim vai se dar conta de que é tarde demais. — Conclui ela batendo o dedo indicador no meu nariz. E só então volto a respirar, engolindo em seco e ouvindo minha própria voz gritar dentro da minha cabeça: Será que estou apaixonada pela Vicky?

— E... o que mais uma pessoa sente quando está apaixonada? — pergunto insegura, desconfiada.

— Alguém já fez você se sentir dessa maneira, Mari? — pergunta Vicky com olhos penetrantes e o quarto ganha um ar que até então eu não conhecia.

— Cla-ro... claro que não! — gaguejo sem graça e tiro meus olhos de seu alcance.

— Mari? — chama em tom baixo.

— Quê? — volto a encará-la.

Silêncio. Ela parece querer me perguntar algo, mas não ter coragem suficiente para isso.

— Tem certeza de que não está apaixonada por nenhum cara? — pergunto.

— Eu não sei, Vih... Acho que não.

— Hum. — Ela respira fundo — Sabe, quando a gente está apaixonada, a gente pensa na pessoa o dia inteiro. — Ela me fita. — Contamos os segundos para encontrar a pessoa, o mundo se torna mais agradável, o coração fica numa mistura de agitação e calma... Entende?

— Como você se sente quando pensa no Rodrigo, não é? — pergunto e sinto algo dentro de mim doer, assim como em todas às vezes em que ela me conta sobre a falta que ele faz a ela. Revisto-me com mais uma carapaça, desejando que essa seja ainda mais dura, querendo que um dia, essa dor não

me atinja mais — Entendo sim. Você é bem transparente quanto a como se sente, então, se tudo isso que me contou até agora é o que uma pessoa sente quando tem o coração roubado e se apaixona pelo ladrão, nenhum garoto jamais roubou o meu.

— É sim... — diz ela em um tom de desânimo — É exatamente como ainda me sinto em relação ao Rodrigo.

— Será que nunca mais você vai se apaixonar por outra pessoa, Vih?

— Algumas vezes acho que não. — Ela responde e respira fundo.

— E se acaso não acontecer? Se nunca mais você se apaixonar? — pergunto e de alguma forma, sinto meu peito esquentar com uma chama quase inexistente de esperança e nem sei do quê.

— Bom, então espero que você continue firme na sua dedicação de não se apaixonar, daí poderemos ser duas desapaixonadas desbravando o mundo! — diz com um riso na voz em tom de brincadeira, no entanto, estou torcendo para que ela nunca mais se apaixone na vida.



Vicky



Vicky (Disponível)

vih_leal@hotmail.com

Dizem que águas passadas não movem moinhos... E amores passados, fazem felizes para sempre?



Mari (Disponível)

mar_e_ana@hotmail.com

Mari: Ao menos meu trabalho me traz paz. Mais uma missão cumprida.

Não preguei o olho a noite toda, e, quando ouço o despertador do meu celular pela manhã, ainda estou tentando entender como meu dia acabou tão mal.

Eu estava contente, mesmo fazendo apenas duas semanas que havia assinado meu segundo divórcio. Reencontrei meu amor de adolescência e me vi em uma dessas comédias românticas, com direito a ‘encontrão’ e suco derramado na camisa branca dele. Entretanto, fui da comédia romântica ao thriller psicológico, no momento em que vi o tal do Raul na tela do meu notebook.

Até agora, não sei o que mais me aterrorizou, sobre aquele encontro virtual bizarro: se foi imaginar Mari apaixonada por aquele cara, ou, se foi a certeza de que ela não está bem. Eu sei que ela está sofrendo, por mais que ela se esconda nos palavrões, na cara amarrada e no sarcasmo. Saber que ela está infeliz acaba comigo.

Gostaria de estar com raiva dela agora. Queria sentir ódio quando lembro dos gritos e da forma como ela me tratou, mas eu sei que aquilo foi

apenas ela perdendo o controle por não saber lidar com algo, que eu gostaria muito de saber o quê.

Remexo-me na cama. Preciso levantar para trabalhar, mas não consigo. Meu corpo parece pesar um milhão de toneladas!

— Vicky! — ouço minha colega de apartamento gritando atrás da porta do meu quarto — Você não vai trabalhar hoje? Não está atrasada?

— Sim! Já levantei! — minto.

— Mentira! — Ela continua berrando do lado de fora e não entendo o porquê de ela simplesmente não entrar na porcaria do quarto. Talvez porque queira me irritar.

— Como você poderia saber? Eu não minto! Jamais.

— Você é uma péssima mentirosa, isso sim! — Ela afirma — Sua voz está saindo meio abafada, então no mínimo, você está com metade da boca no travesseiro. Acaso está deitada de lado? — pergunta com ar de triunfo.

— Espertinha! — digo já de pé.

— Essa é a minha garota! — diz finalmente abrindo a porta do quarto. — Tem café pronto, caso queira tomar antes de sair. Tem pão, também, mas a manteiga acabou. Estou saindo para aquele inferno que chamam de emergência. Bom dia! — Ela sorri e fecha a porta e eu caminho em direção ao meu banheiro.

Desde que saí da casa dos meus pais pela primeira vez, quando casei aos dezoito anos, não voltei mais pra lá. Não por falta de incentivo da parte deles para que eu voltasse, é só que eu não quero andar para trás. Saí de casa para construir minha própria família e, é exatamente isso o que vou fazer.

Fabília e eu nos conhecemos logo após meu primeiro divórcio, quando eu comecei a procurar um lugar para morar. Eu respondi a um anúncio em que ela procurava alguém para dividir apartamento e nosso santo bateu logo de cara, então, graças a Deus, tenho sempre um quarto garantido

no apartamento dela e é para cá que sempre volto.

Trabalho como vendedora em uma loja de sapatos, em um dos maiores shoppings de Fortaleza. Não é o melhor dos empregos, mas a comissão é bem generosa, e eu sempre gostei de ter meu próprio dinheiro, nunca fiz questão de nada dos meus ex-maridos após a separação.

Já fiz alguns sacrifícios em prol do meu sonho de ter uma ‘típica família tradicional brasileira’, no entanto, existem coisas de que jamais passaria por cima. Minha independência financeira é uma delas. E essa foi uma das atenuantes que levaram ao meu primeiro divórcio.

Já no trabalho, passo o dia verificando meu celular, entre uma cliente e outra. Aos sábados o fluxo costuma ser puxado e, hoje não está sendo diferente.

— Você está bem, Vicky? — pergunta minha gerente, logo após me ver verificando o celular mais uma vez.

— Está sim, Georgea, só estou esperando uma mensagem da minha mãe. — minto, pela segunda vez no dia. *Preocupante?*

— Mas ela está bem? — insiste ela em tom preocupado.

— Está. Não é nada, de verdade — respondo sorrindo. — Posso tirar meu horário de almoço, agora? — peço.

— Tudo bem. Se precisar de algo, me avise, okay? — diz ela com sinceridade.

— Obrigada — agradeço.

Quando chego na praça de alimentação do shopping, sento em uma mesa qualquer e apenas fico lá com meus pensamentos, sem conseguir parar de pensar na Mari.

Fico repassando a coisa toda sobre a noite de ontem na minha cabeça, absorvendo cada detalhe nas expressões do rosto dela, cada trejeito, cada vez em que ela olhou para o lado ou para baixo, e como seus olhos pareciam

perdidos e pesarosos enquanto ela gritava comigo. Eu não vi raiva neles, apenas dor.

O que será que está acontecendo com você, Mariana...? — Penso e respiro fundo, desejando mais do que nunca ter aquela sintonia afiada de nove anos atrás.

A verdade é que fomos nos afastando ao longo dos anos. Cada uma teve um caminho novo para trilhar, um que acabou por nos levar em direções opostas e, além do mais, é impossível não ver as barreiras que ambas criamos para nos proteger uma da outra, apesar de eu não imaginar do quê.

— Posso me sentar? — ouço uma voz masculina vinda do meu lado esquerdo e viro-me, sem ter certeza de quem poderia ser, e dou de cara com Rodrigo.

Nossa... ele é muito lindo! Eu sei que a Mari tem razão quanto ao lance de eu precisar tomar um fôlego entre uma enrascada e outra, mas como conseguir dar o tal do tempo ao meu coração quando aparece uma coisa dessas, bem na minha frente, praticamente implorando pra ser o pai dos meus filhos?

— Então, eu posso?— pede.

Rodrigo continua parado ao meu lado com a mão nas costas da cadeira, fazendo menção de puxá-la para sentar-se comigo, e sorri, com aquela covinha funda em apenas um dos lados de suas bochechas. *Ah, minha Nossa Senhora dos corações desamparados... ele é tão fofo!*

— Vicky? — insiste ele, esperando minha aprovação e claramente se divertindo com a possível cara de idiota que eu devo estar fazendo.

— Claro! — respondo com um sorriso sem graça — Me desculpe... É que estou meio distraída hoje... Alguns estresses no trabalho... Coisas para resolver e esse tempo sempre tão corrido... Ãhn... sabe como é, não é?— tento me explicar e não consigo dizer coisa com coisa, então desisto e

finalmente me calo.

— Acho que tem coisas que não mudam com o tempo, não é, Victoria?
— Questiona ainda sorrindo e sentando-se ao meu lado. Sinto um sentimento de conforto familiar me circular ao ouvir ele me chamar pelo nome. Ele nunca gostou de apelidos.

— Se você se refere ao fato de que ainda continuo avoada e atrapalhada, sim. Existem coisas que nunca mudam — respondo com um sorriso e nossos olhos se encontram.

— Me refiro ao quanto você fica linda quando fica sem graça — ele afirma com um tom de voz displicente, mas seus olhos o entregam. Ele está flertando.

— Sua gentileza parece que também não mudou com o tempo — digo sustentando o olhar dele — No entanto, espero que tenha aprendido a manter os hormônios sob controle, desde a última vez em que nos vimos — alfineto. Claro que eu não perderia a chance de jogar a Aline na cara linda e fofa dele.

— Graças a Deus eu cresci — afirma ele em tom sério. — Mas então, quase não conversamos ontem, e você me deve uma camisa nova. Tive que comprar uma pra não aparecer com a camisa coberta de suco de laranja no meu primeiro dia de trabalho.

— Me desculpa! Como você mesmo já constatou, tem coisas que não mudam — digo dando de ombros.

— Tudo bem, deu tudo certo, no fim. Causei uma ótima primeira impressão como chefe do departamento de TI o Shopping.

— Nossa... que legal! Você trabalha aqui, agora?

— Sim, mas que tal a gente conversar mais sobre isso amanhã... hum... Você aceita sair comigo?

— Vou pensar no seu caso — aviso, olhando seus lábios apetitosos, apesar de finos, se me lembro bem. — Me passa seu telefone, que eu talvez te

mande um oi, pra gente combinar algo. — Volto meu olhar para seus olhos entregando meu celular para que ele possa anotar seu número e ele sorri.

— Parece que algumas coisas mudam sim, hein? — pergunta ele prendendo meu olhar.

— Sim, parece que sim. Vamos ver se você vai ter a sorte de descobrir o quê — digo pegando meu celular e colocando-o no bolso de trás da minha calça jeans.

— Espero que sim. — Torce.

— Preciso ir. Estou passando do meu horário de almoço — aviso, levantando, e ele levanta-se para se despedir.

— Tudo bem, então. — Ele estende a mão para mim e me puxa levemente em sua direção, dando-me dois beijinhos, um em cada lado da minha bochecha, quase no cantinho da minha boca. — Até mais, Victoria.

— Tchau, Rodrigo — despeço-me e saio andando sem olhar nem mesmo de relance para ele.

É Rodrigo, algumas coisas mudam sim, com o tempo — digo pra mim mesma mentalmente — Eu, por exemplo, aprendi alguns jogos interessantes, e, confesso, eu realmente gosto muito dos de flertar.

Estou na paz do meu quarto, com o silêncio e duas questões a serem resolvidas como minhas companhias. Fabrícia ainda não voltou do plantão e estou decidindo se: Mando uma mensagem pra Mari, e arrisco o humor dela, ou se espero ela falar comigo; ou mando uma mensagem para o Rodrigo agora ou o faço esperar mais um pouquinho. Aposto que ele achou que eu iria mandar um “oi” logo após nos perdemos de vista.

Passo alguns segundos olhando para o meu celular, tentando me decidir sobre o que fazer, então, decido que não vou falar com nenhum dos dois, por hora.

Puxo meu notebook, deito de bruços e começo a navegar na internet, quando uma foto da Mari chama minha atenção. É um artigo sobre ela.

“O Centro de Arte e Cultura de Fortaleza finalmente recebe a exposição da fotógrafa Mariana Fontenele. Apesar do enorme sucesso da nossa conterrânea, essa será a primeira vez que Fortaleza receberá a exposição que conta com mais de oitenta fotografias. As imagens de tirar o fôlego trazem toda a sensibilidade das lentes e do olhar talentoso da jovem e promissora fotógrafa que, conseguiu capturar o pôr-do-sol de vários municípios cearenses de maneira singular. Mariana fará a abertura da mostra dia 19/10 (Sexta-feira) e a exposição ficará aberta para visitação até o dia 27/10 (Sábado).”

Dezessete dias. Mariana estará aqui daqui a duas semanas e sequer me contou.

Menos de um mês para acabar com essa saudade que já dura quase seis anos.

Meu coração começa a correr dentro do meu peito. Sinto minhas mãos suarem, minhas pernas bambearem e um enjoo ao avesso no meu estômago. Mari está voltando, e apesar da felicidade que me transborda, de repente, sinto um medo tão grande que me cobre quase completamente. *Por que será que ela escondeu isso de mim?*

02 de outubro de 2004

— *Tem certeza de que você vai mesmo fazer isso?* — Mari me pergunta pela zilhion  sima vez, desde que marquei a data do meu casamento, para janeiro do ano que vem.

Estamos na Ponte dos Ingleses, na verdade, além dela, sentadas nas ruínas da antiga ponte de concreto que fora substituída por uma de madeira,

apreciando o pôr-do-sol e, em teoria, deveríamos estar comemorando o aniversário dela, porém, a única coisa que fizemos até agora foi discutir.

— Tem certeza de que vai se mudar sozinha para São Paulo? — rebato sua pergunta com outra, em tom sarcástico, lembrando-a que ela estará indo embora logo após meu casamento para estudar fotografia, e ela me encara.

— A questão é essa? Porque você sabe que isso é totalmente diferente, Vih! — diz soprando o ar em frustração.

— Por quê? Por que você vai estudar e eu casar? Temos sonhos diferentes, mas ainda assim são sonhos, Mari. Você deveria respeitar os meus e me apoiar, assim como eu apoio essa loucura que você está prestes a fazer! — argumento olhando para o lado, porque olhar para ela agora, dói. Dói muito.

Eu sei que ela estará indo embora enquanto eu estarei caminhando, na verdade correndo, para amarrar minha vida a de outra pessoa, e nossas vidas jamais serão as mesmas. Estamos exatamente naquela linha limite entre a adolescência e a vida adulta e além de todo o pavor do desconhecido que essa nova vida é, sinto um pânico ainda maior devido a certeza de que ela não vai mais estar ao meu lado.

Olho para além do horizonte a nossa frente ainda evitando olhar pra ela, que parece ter perdido a voz, finalmente.

O sol está cada vez mais próximo do mar a nossa volta e o céu parece uma mistura de azul, laranja e rosa. O pôr-do-sol mais lindo que já vi sendo desperdiçado.

Sinto as mãos da Mari junto a minha e um leve puxão, assim que nossos dedos se entrelaçam. Aproximo-me mais dela e apoio minha cabeça em seu ombro, ainda em silêncio. Só temos o barulho das ondas batendo nas pedras abaixo de nós com força, estremecendo quase que imperceptivelmente

a estrutura condenada que ainda mantém-se de pé.

Inspiro cada vez mais fundo a cada rajada de vento que bagunça os cabelos da Mari e traz seu cheiro pra mim.

— Eu só não quero que a gente acabe, Vih. — Mari fala quase sussurrando, e juro que sou capaz de ouvir seu coração martelando em seu peito. — Você sabe que está acabando com a gente, não sabe? Você está destruindo tudo — afirma com a voz trêmula. É a primeira vez que vejo Mari chorar e algo se rompe dentro de mim.

— Ei, — chamo-a, virando-me em direção a ela e puxando seu rosto para que eu possa olhar em seus olhos — não importa o caminho que cada uma de nós precise seguir; não importa para quão longe seus sonhos te levem, de quem seja a aliança que estará no meu dedo esquerdo, ou quanto tempo passe sem que estejamos respirando o mesmo ar, a gente nunca, jamais, irá acabar. Isso é uma promessa, Mari! Você está me ouvindo? — pergunto ainda segurando seu queixo para impedir que ela desvie os olhos dos meus. Silêncio.

O sol agora é só uma risca amarela e laranja na linha do mar. O céu já começando a escurecer e algumas poucas estrelas brilham nele com timidez.

Estamos tão próximas, aqui, nesse pedaço de concreto arruinado, nosso lugar de fuga e paz; sinto meu coração esbravejar coisas tão altas e com tanta força que não consigo compreendê-las. O que está havendo?

Mari se aproxima ainda mais, o ar de sua boca entreaberta mantendo a brisa fria longe do meu rosto e instintivamente fecho meus olhos ansiando por algo desconhecido que não é certo querer, então, seus lábios estão no meu ouvido, causando arrepios ao meu corpo quando ouço suas palavras, baixinho.

— Eu sei que as coisas vão mudar. Sei que há coisas das quais não

conseguiremos evitar. As coisas já começaram a mudar, você não vê?— questiona ela com um riso sem graça, sem se afastar de mim. Sinto seu peito pressionado ao meu, como se estivéssemos em um meio abraço, então ela continua.

— Ninguém deveria fazer promessas de que não teria o controle para poder cumprir. Você também não deveria fazer —diz ela com pesar, afastando seu corpo do meu e voltando a me olhar. — Mas uma coisa eu posso garantir a você: eu te amo, Victoria. Eu amo muito você. — Pausa. Suspiro. Respiração funda. — Amo ainda mais a gente, e isso, posso prometer que jamais irá mudar — afirma, e vejo várias lágrimas rolando em seu rosto, enquanto as minhas também inundam o meu. — Sempre seremos Vicky e Mari, no meu coração, mesmo quando chegar o dia em que deixaremos de ser para o mundo.

A noite escura finalmente nos encontrou. A lua brilha alta no céu e as estrelas antes tímidas, iluminam o céu como luzes de natal e eu não sei o que quero ou o que sinto ou o que está acontecendo. Eu só quero que isso não acabe nunca. Só quero poder eternizar esse momento, porque quanto mais os minutos se passam e a hora de irmos pra casa se aproxima, mais certeza eu tenho de que hoje, é o começo da despedida do ‘nós’.

— Promete? — peço aflita. Querendo e precisando me agarrar a qualquer esperança de que ela está enganada e que nada vai mudar entre nós. — Promete que sempre vai me amar; prometa que seremos Vicky e Mari, de agora e para sempre? — ergo minha mão direita em punho, mantendo o dedo mindinho em forma de gancho.

— Ao infinito e além, Vih — ela promete, encaixando seu dedo mindinho ao meu — Eu prometo.



Mari



Vicky (Disponível)

vih_leal@hotmail.com

Você já sentiu medo de algo que quer mais do que tudo na vida?



Mari (Disponível)

mar_e_ana@hotmail.com

Não estou preparada pra isso; ainda não; um dia, um dia.

Encaro o contrato assinado e firmado pelo Raul, incrédula. Ele não tinha o direito de fazer isso, apesar de ter o poder para fazê-lo. Ele sempre me consultou antes de fechar qualquer exposição, porém dessa vez, achou-se no direito de tomar a decisão sozinho, e, se eu controlei a vontade de matá-lo por dois dias inteiros, agora não estou com a menor vontade de manter minha ira contida. Ele foi longe demais.

— Mas que porra é essa, agora, Raul? — falo alto e com a voz um pouco mais grave do que o costume, assim que ele entra no nosso quarto, recém-saído do banho, e agradeço por sermos os únicos no quarto nesse momento. — Desde quando você toma decisões sem me consultar, a respeito da minha carreira? Enlouqueceu de vez? Seu espírito invasivo não se satisfaz com a babaquice de dois dias atrás? — Quase esfrego o contrato na cara dele, de tanta raiva que sinto, e agora que finalmente dou voz a ela, sinto vontade de socar ele.

— Nossa, morena, pega leve... Eu quis te fazer uma surpresa! Ia te contar hoje, no jantar que estava organizando para comemorar o fim de mais

um trabalho. — defende-se em um tom doce e assustado, e eu não consigo dizer se ele fala a verdade, ou, se está se fazendo de doido.

— Surpresa? Por que diabos você inventou essa merda? Não passou pela droga da sua cabeça que eu poderia não estar interessada? Caralho, Raul! É a minha vida, minha carreira! Eu tomo as decisões, droga! Não me faça me arrepender de ter aceitado que você me assessorasse... Na verdade, já estou arrependida. Merda. Porra. Caralho!

Eu quero muito bater nele. Ando de um lado para o outro e sinto vontade de gritar! De chutar tudo a minha volta, de colocar todo esse maldito lugar abaixo com ele ainda dentro.

Há dois dias vinha me limitando a falar o básico com ele. A única razão pela qual fiz isso foi evitar os questionamentos que seriam levantados com a briga, entretanto, agora estou completamente fora de controle, depois de dois dias de ira sendo fermentada dentro de mim.

— Qual o problema, afinal? Não estou entendendo o motivo de tanta raiva, morena! Poxa, por acaso eu achei que seria uma surpresa agradável o fato de você estar voltando pra casa, depois de tanto tempo. Você ama sua cidade, sempre me falou do quanto Fortaleza é incrível... Eu achei que seria uma oportunidade de conhecer mais sobre você, de onde você veio, suas raízes, conhecer sua família.

— O quê? — paro de procurar algo em que possa bater e o encaro — Do que você tá falando, Raul? — pergunto com uma careta — Conhecer minhas raízes? Você... — *Não... Isso não pode estar acontecendo...* — O que você tá pensando?

— Morena, estamos juntos há dez meses... Eu amo você e quero mais do que ser seu companheiro de viagem/ajudante/assessor! Caralho! Sou seu namorado também! Acho que estamos prontos pra darmos mais um passo, deixar as coisas mais... Oficiais, digamos assim?

— Oficiais? — rio sem humor algum — Você não quis me fazer uma surpresa, Raul — afirmo chegando mais perto e olhando dentro dos seus olhos, nossos narizes se tocando — Você quis fazer uma armadilha.

— Isso não é verdade — diz ele com uma voz fraca. — Achei mesmo que você iria ficar feliz em estar com os seus, com a Vih...

— O nome dela é Victoria, Raul — advirto. De alguma maneira, não gosto de que a forma como a chamo saia da boca dele.

— Desculpa, não sabia que esse era um tratamento exclusivo seu — ele fala com rancor. — Há algo mais que eu deva saber que cabe exclusivamente a vocês duas? — pergunta em tom sarcástico. Meu sangue gela.

Raul está curioso demais sobre meu relacionamento com a Vih e eu não estou pronta pra responder sobre isso, nem para ele e nem para ninguém, nem mesmo para mim.

— Olha só, Raul, — começo com uma respiração profunda pra tentar aplacar parte da raiva que estou sentindo dele — quando começamos, quando nos conhecemos, achei que tivesse deixado muito claro que minha vida é MINHA VIDA. Apenas eu tenho autoridade e autonomia para decidir o que quer que seja sobre ela — falo com firmeza e ele permanece calado, atento. — Em dois dias você se mostrou uma pessoa que não reconheci. Eu gosto de você, sua companhia tem sim, tornado meu trabalho mais divertido, mas eu não vou admitir esse tipo de invasão. Nunca mais tome decisões por mim. Nunca mais mexa nas minhas coisas ou tente conhecer meus amigos, família ou quem quer que esteja atrelado a mim, pelas minhas costas e eu estou pouco me fodendo para as suas boas intenções. Não teste meus limites sobre esse relacionamento, Raul. Ele não é alto. Você me entendeu?

Quando termino de falar, Raul me encara intensamente, seu queixo erguido, seus ombros retos, ele calado. Passado algumas frações de segundos, vejo seu rosto murchar, e seus olhos fitarem os próprios pés.

— Me desculpa, morena — pede, rendido, com as mãos nos quadris ainda olhando para baixo. Sua postura é de arrependimento, mas ainda estou com aquele olhar e aquela transformação facial de agora a pouco bem fresca na minha memória. *O que você quer, Raul?* — Eu realmente sinto muito, só queria te fazer uma surpresa legal, queria te fazer feliz, mas você não deixa, não é? — questiona voltando seus olhos para os meus. Tristes. Não sei quais são as intenções reais dele comigo, mas é certo que ele gosta mesmo de mim e eu não sei mais o que pensar.

— Você não pode, Raul — afirmo categoricamente.

— Por que não? Por que não me deixa te fazer feliz? Eu poderia te fazer tão feliz! — suplica — Deixa-me entrar, Mariana. Abre a porta para mim!

— Você não entende? Ninguém tem esse poder. De fazer outra pessoa feliz, quero dizer. Isso é algo individual, vai de cada um fazer-se feliz e eu não preciso de você pra isso, sinto muito.

— Você é muito fria e cruel, às vezes. Sabe disso, não é?

— Na maioria das vezes a verdade é, Raul. Acontece que existem as verdades que queremos ouvir e as que não. Não sou fria ou cruel, só não minto. Não sem necessidade.

— Você vai terminar comigo? — pergunta em tom preocupado e eu o fito, pensativa. Silêncio.

Apesar dos pesares, ele mantém minha vida normal e eu não sei se estou pronta pra perder essa falsa segurança.

É, eu sei. Não sou tão destemida quanto tento parecer. Não estou preparada para enfrentar ainda mais perguntas sobre minha vida amorosa.

Minha vida atrai muitos curiosos por causa da minha profissão e do reconhecimento público que meu trabalho já teve. Tem gente demais analisando “meu jeitão”. Um namorado encerra o assunto, em partes, mas eu

tenho um limite e estou nesse exato momento analisando se Raul já o ultrapassou, ou se seria melhor estender um pouco mais esse limite em prol da minha falsa paz.

Passam-se alguns longos minutos sem que ninguém fale mais nada. Ele mantém-se calado a espera da minha resposta como se eu fosse sentenciá-lo a morte ou a vida eterna.

— Ei, pessoal! — ouço a voz do Gregory, um dos hóspedes que divide o quarto com a gente — O que ter para a noite de boa? — ele pergunta com seu melhor português. Respiro fundo, colocando o sorriso que tanto odeio no rosto.

— Bom, não sei para você, Greg — falo me virando para ele, estendendo a mão na direção do Raul que suspira com alívio. — Mas esse bonitão aqui e eu temos um jantar romântico para ir — afirmo.

— Homem de sorte, hein, Raul? — brinca Gregory.

— Sim, de muita. — Raul concorda.

— Vou tomar um banho e me arrumar, então — aviso pegando minha mochila, me virando em direção a porta e as lágrimas despencam dos meus olhos antes mesmo de eu fechar ela atrás de mim.

Estou bêbada. Caralho, é sério! Estou muito bêbada. Raul está em cima de mim agora. Não sei bem o que estamos fazendo, acho que estamos fazendo amor. É assim que as pessoas chamam, não é? “Fazer amor”? Bom, talvez seja isso para todo o resto do mundo, mas jamais foi ou será pra mim. Isso que estamos fazendo é... Nada. É vazio. É um buraco sem nada no fundo, nem mesmo chão. E é assim que me sinto, ou melhor, não sinto. O álcool me entorpece, me adormece. Isso é bom. O álcool é meu amigo leal

para essas horas difíceis.

Sinto que Raul está quase lá e o alívio me inunda. *Está quase acabando.*

Raul estremece em cima de mim, uma última estocada mais viril e enfim, a libertação, dele e minha. Porém de formas completamente diferentes.

— Eu amo você, morena. — Raul fala, aliviando o peso de seu corpo do meu, deitando-se ao meu lado e puxando-me para seu peito. *Isso deveria me confortar? Por que esse vazio não diminui? Vih...*

— Preciso tomar banho — falo em um tom arrastado, sentindo minha língua dormente, assim como todo o resto do meu corpo.

— Quer ajuda? — ele pergunta, quando me sento na cama.

— Não, estou bem — respondo. A ajuda dele significa “fazer mais amor” no banho, e eu já tive “amor” o suficiente por um mês, eu acho.

— Tudo bem, então. — Ele concorda, dando um beijo nas minhas costas e deitando-se de novo, apreciando o cansaço depois do gozo.

Enrolo-me no lençol e pego uma roupa qualquer. Visto-me e saio para o banheiro, mas antes, vejo que a tela do meu telefone acendeu e pego-o para conferir. Ligação perdida da Vicky. *Será que estou bêbada demais pra falar com ela? Devo falar com ela agora? Foda-se!* Junto o celular com o resto das coisas que preciso para o banho e saio para o banheiro.

Tuuuuu — Shhh... está chamando — digo para mim mesma sussurrando. — Tuuuuu — chamando mais uma vez — Tuuuuuu — será que ela já dormiu? Que horas são?

— Mari? Aconteceu alguma coisa? — Ouço a voz aflita da Vicky do outro lado da linha e sinto meu coração antes vazio encher-se por completo por algo imensamente bom e prazeroso que jamais saberia dizer o que é. *Ou será que sei?*

— Oiii, Vih! — cumprimento-a sorrindo — Eu amo você, sabia? Sou

uma escrota filha da puta e grossa, eu sei, tá? Mas eu te amo — confesso.

— Você está bêbada? — pergunta com um riso que tenta evitar. Conheço essa garota bem demais pra saber quando ela quer me dar bronca, o que não combinaria com risadas.

— Não. Estou apenas alegre — respondo rindo.

— Eu queria muito brigar com você, mas não vai adiantar fazer isso agora — sabia — Mas... Você sabe que horas são? Cadê o tal do Raul?

— Não, eu não sei que horas são. Bom, eu estou no banheiro agora... E é... Ah, o Raul! Bem, Raul está no quarto. *Espero que dormindo* — penso alto.

— Vocês brigaram? Você está bem? — pergunta ela em tom aflito.

— Ele está ótimo, posso apostar — digo cutucando o rejunte dos azulejos da parede, ao lado do vaso sanitário em que estou sentada.

— O que está acontecendo, Mari? Você... Você não me conta nada, me deixa no escuro sobre como se sente e o que se passa na sua vida... Eu... Eu me preocupo com você! Isso não é justo comigo! Você... Você nem me contou que estava voltando, droga! — esbraveja.

— Achei que você havia dito que não adiantaria brigar comigo agora. Você tá brigando, Vih. Disse que não ia brigar, mas está brigando! — resmungo ainda sentindo o álcool dançando e saltitando nas minhas veias e sinto vontade de rir.

— É, eu sei que não adianta, mas você me tira do sério! Eu te amo, mas você me tira muito do sério.

— Vih? — chamo.

— Oi, Mari — ela responde.

— Você falou um palavrão. Hahahahahaha — gargalho alto e ela também rir me transportando de imediato para o passado, me levando para um lugar melhor. Respiro fundo sentindo a saudade encher meu peito.

— Droga não pode ser considerado um palavrão, isso não é justo! — diz ela ainda com o riso na voz. Eu amo essa risada.

— Pra alguém que ainda fala caraca, aos vinte e seis anos, ao invés de caralho, é sim.

— Ah, isso não é culpa minha! Peguei esse troço da Naiara e nunca mais consegui largar. Você lembra dela? Ela fez o curso com a gente.

— Lembro, sim — falo com uma voz debochada — Menina mais insuportável. Parecia um carrapato, grudada em você. Caralho, ela era muito intrometida!

— Você ainda tem raiva dela? Hahahahaha — Vicky pergunta voltando a rir alto.

— Eu não tenho raiva dela. Nunca tive. Não tenho culpa de ela ser insuportável!

— Você morria de ciúmes dela! Confessa!

— Jamais!

— Saudades daquela época, Mari. Saudades da gente — Vicky fala de repente e meu coração aperta e dói. Se ela soubesse o quanto também sinto e de que maneira sinto...

— Também sinto falta da gente... Sinto muitas saudades de você — confesso. — De tantas maneiras diferentes que você nem poderia imaginar ou entender.

Sinto o álcool começando a sair do meu sangue e começo a tomar consciência de que estou jogando um jogo bem perigoso agora e sinto medo.

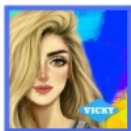
— Então me explica. — Ela pede com a voz mais baixa. Seu tom fica diferente, de um jeito que não sei explicar, mas que faz meu coração bater ainda mais rápido. — De que jeito você sente minha falta, Mari?

— Preciso desligar, Vih. Vou tomar banho — fujo, mais uma vez. — Depois a gente se fala — despeço-me e desligo antes que ela tenha a chance

de prolongar essa conversa. Parece que vou fugir para sempre.



Vicky



Vicky (Disponível)

vih_leal@hotmail.com

Tem gente que vive para se esconder.



Mari (Disponível)

mar_e_ana@hotmail.com

Off para o que quer que seja.

Estou encarando meu celular tentando entender a bagunça que é Mariana Fontenele. Sempre tive fascínio por enfim compreendê-la desde que a conheci; descobrir todos os seus pensamentos, intensões, sentimentos... Mas apesar da forte amizade, da inegável conexão que sempre tivemos, e, de Mari ser capaz de penetrar cada célula que forma Victoria Figueiredo, meu acesso à ela é restrito e estritamente controlado. Ela nunca me permite ir além do seu controle e quase nunca deixa a guarda baixa. *Isso é tão injusto!*

Desde que nos conhecemos, ela sempre me passou a impressão de viver em uma linha tênue entre silenciar e gritar. Por muitas vezes, presenciei inúmeras brigas internas (e intensas) dela com ela mesma. É como se ela mantivesse uma bomba dentro de si e fosse preciso um esforço descomunal para evitar que explodisse e essa fosse a única coisa que ela não conseguisse esconder de mim: essa bomba relógio interna de que nem mesmo ela sabe o *timer* para a explosão. Acho que ela quase explodiu agora a pouco, e, até agora, não sei quem ela quer tanto proteger ou do que sente tanto medo. Poderia ser uma explosão de coisas boas, não?

Jogo-me na cama com o celular ainda na mão e encaro o teto. *O que*

you want, Mariana? Me enlouquecer? É, capaz de ser isso — conluo meus pensamentos, e ela, por mais uma noite, é a última coisa na minha cabeça antes de eu dormir.

— LEVANTA DESSA CAMA! — grita fabrícia atrás da minha porta. Ela está sempre gritando atrás da minha porta.

— Me deixa, miga! — resmungo — Hoje é meu único domingo de folga no mês inteiro, quero ficar na cama o dia todo!

— Ai, que preguiça de você, Vicky! — reclama ela — Hoje é domingo, está um sol incrível para ser desperdiçado e, coincidentemente, também estou de folga. Quero ir à praia! Vaamooooos!!!! — choraminga.

Maybe this isn't a bad idea.

— Tá bommmmm... Vou me arrumar... — rendo-me — Mas eu escolho a praia e já adianto que não quero nenhuma daqui!

— Tudo bem, chatonilda! Só não escolha uma muito longe ou vamos gastar todo o tempo no carro — sugere, ainda parada atrás da minha porta.

— Cumbuco? — pergunto, já de pé.

— Fechado! Agora vai se arrumar! — diz ela com um gritinho e dando algumas batidinhas na porta como se ela fosse um tambor.

Quando chegamos, a praia está cheia, como era de se esperar para um domingo. Eu sempre gostei de vir para essa praia, porque a vista dela é linda, tanto a causada pela natureza, quanto a causada por homens lindos de pele bronzeada, braços torneados, molhados e cobertos de sal, que adoram o mar daqui para praticar *Windsurf* e *Kitesurf*, tipo esse para quem estou olhando agora.

— Miga, vou te contar... Eu amo essa vista! — falo encarando o cara enquanto ele passa parafina em sua prancha. Ele é alto e exibe um abdômen impecável com todos os gominhos que apenas infinitas abdominais seriam capazes de esculpir.

— Você parece uma devoradora de homens, às vezes — afirma ela com a sobancelha saltando para fora da armação dos óculos de sol — Você sabe disso, não é?

Estamos deitadas na areia, cada uma em sua canga lado a lado, e ela ergue a parte superior do corpo, sustentando o próprio peso com os cotovelos para me fitar enquanto espera minha resposta.

— Oxe, eu gosto de apreciar homens bonitos, quem não? — Olho para ela com um sorriso divertido esperando que ela ria, mas ela está séria. — Eu só olho, Fabrícia! Não é como se eu quisesse comer todos eles — falo na defensiva.

— Eu acho que é mais do que isso — afirma categoricamente.

— Hein? — pergunto sem entender onde ela quer chegar ou porque essa bobagem, de repente, parece algo digno de uma análise.

— Você nunca relaxa, Vicky! Parece estar sempre “caçando” — Ela usa os dedos e faz aspas imaginárias, balançando a cabeça em descrença. — É como se você esperasse encontrar seu futuro marido em qualquer um desses caras, a qualquer momento.

— Isso não é verdade! — afirmo com veemência — Qual o problema de eu dar uma secada em uns caras gostosos?

— Você não dar uma secada, Vicky! Aposto que você olha pra um cara e já imagina como ele ficaria com o terno do casamento, se as manias irritantes dele seriam suportáveis ou não quando estivessem morando juntos, se ele quer ter filhos, como seriam os filhos de vocês...

— Ahhh taahhh! Sei! — falo meio irritada — Eu não faço isso! — afirmo, não com tanta confiança quanto gostaria.

Droga, ela tem razão. Eu estava mesmo pensando se nossos filhos seriam loiros, ou morenos, como o desconhecido gostoso que acabou de correr para dentro do mar — penso, vendo o possível futuro pai dos meus

filhos sumir ao ser encobrido pelas ondas.

— Por que você faz isso? — pergunta se sentando com as pernas cruzadas em uma daquelas posições de yoga, então, sento-me também, imitando-a.

— Eu não sei, miga. Mas você não acha que isso faz algum sentido? — questiono-a esperançosa — Tipo, qualquer um desses caras poderia sim, ser o amor da minha vida... Não acha?

— Você não procura o amor da sua vida. Você procura um marido; um cara pra te colocar em uma casa com filhos e almoços como nos comerciais de Coca-Cola.

— Isso não é verdade — repito a frase mais uma vez como um daqueles brinquedos antigos do Gugu, “reque-repete”, mas não posso evitar me perguntar se ela tem razão ao afirmar isso.

— Amiga, se eu estivesse no seu lugar, estaria furando meus olhos para evitar olhar pra qualquer macho com potencial para futuro marido, depois de ter passado por dois divórcios antes de chegar aos 30, e não “amolando-os” para deixá-los ainda mais afiados.

— É o tal do tempo que eu deveria dar pra mim mesma entre um relacionamento e outro, não é? O tal do luto do fim do amor?

— Sim. Todo mundo passa por um luto quando o amor acaba e o problema é exatamente esse.

— Eu não me permitir viver esse luto e já ir “à caça” do próximo cara para quem eu poderia entregar meu coração?

— Não, Vicky.

— Então, qual o problema? — pergunto *bugada* e ela respira fundo.

— Amiga, não se pode viver um luto pela morte de algo que não existe, entende? Você nunca precisou viver o luto, porque nunca teve um amor que morreu.

— Isso não é verdade — afirmo mais uma vez, mas agora estou mais confiante de que isso realmente não é verdade — Eu já passei por um luto de um amor que morreu.

— Aham — diz ela, sem fé.

— O nome dele é Rodrigo — digo, e ela dar de ombros como quem não acredita.

— É sério! Ele foi meu amor de adolescência e, ele acabou de voltar para o Brasil depois de anos morando no exterior e, adivinha? — pergunto animada.

— O quê? — pergunta, entediada, deitando-se de bruços para bronzear as costas.

— Ele começou a trabalhar como chefe de TI do shopping em que trabalho! Você não acha que isso é o destino nos dando uma segunda chance?

— Não. Acho que isso é você procurando um marido, como sempre.

— Isso não é...

— Verdade — ela completa a frase que usei tanto nos últimos minutos desde que ela levantou essa questão. — Eu sei. Tudo bem. Que seja. — Suspira — Eu só torço para que chegue o dia em que você pare de se passar por cega.

— Do que você tá falando?

— Deixa pra lá, Vicky. Vamos aproveitar o sol para relaxar — sugere ela, virando o rosto para o outro lado.

Sol é algo que enfada muito mesmo, não é? Apesar dos planos de ligar para Mari, para questionar e brigar com ela por ter escondido sua vinda para Fortaleza, e do enorme desejo de dar início aos trabalhos com Rodrigo, o que

acabou ganhando minha total atenção foi o sono.

Chegamos em casa por volta das 17h e, logo após banho e comida, a única coisa que consegui fazer foi dormir, até ser despertada por um bafo quente com cheiro de vodca, bem próximo ao meu ouvido.

— Você está dormindo? — ouço a voz bêbada de Fabrícia e demoro alguns segundos até passar o susto inicial e eu reconhecer que é ela. Ela nunca entrou no meu quarto sem bater, principalmente no meio da noite, ainda menos, deitando-se ao meu lado na minha cama.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunto ainda sonolenta — Você está bêbada?

— Estou feliz! — diz ela e gargalha — E sem sono — completa. — Feliz por causa do álcool e sem sono por culpa sua — acusa.

— Quê? — questiono-a confusa e mais desperta.

— Vicky? — ela chama.

— Oi — respondo.

— Eu tenho ciúmes de você — confessa.

— Você perdeu o sono, encheu a cara de vodca e se jogou na minha cama no meio da noite por causa disso? Não poderia esperar até de manhã pra me contar a novidade? — brinco — E a propósito, eu também sinto ciúmes das minhas amigas — assumo. *Mari que o diga.*

— Não, Vicky! — ela fala aborrecida, se jogando ainda mais em cima de mim, puxando meu ombro, me virando de peito para cima, descansando suas mãos cruzadas no meio deles e me fitando na penumbra do quarto.— Eu sinto ciúmes de você!

— Eu entendi, Bri! É normal sentir ciúmes de amigos também, oxe!

— Às vezes tu é tão lenta que irrita, mas é tão fofa essa sua leseira!

Estou tentando entender onde minha amiga quer chegar, mas não faço bulhufas do que esteja acontecendo, então fico calada esperando que ela caia

no sono embriagado a qualquer momento, só que ela não cai.

— Você já ficou com meninas, Vicky?

— Hein? — *onde essa conversa vai chegar, meu Deus? Que direção foi essa?*

— Sim ou não?

— Não. Nunca fiquei com meninas. Sou hétero, gosto de homens.

— E nunca teve curiosidade de experimentar? Nem quando era adolescente?

Meu corpo começa a gelar, ao mesmo tempo em que fica mais quente, assim que minha cabeça se enche com as lembranças das muitas tardes “esquisitas-incríveis” que tive com a Mari quando éramos adolescentes.

— Vicky? Você dormiu? Responde! — insiste ela empurrando suas mãos entre meus seios como em uma ressuscitação.

— Nunca tive curiosidade, Fabrícia — digo com o máximo de firmeza que consigo, porque estou com medo do que o álcool possa fazer por ela.

Estamos sozinhas nesse quarto, deitadas em uma cama com quase nada de roupas nos separando. A pele dela alcança a minha em determinadas partes que o lençol não cobre e me sinto vulnerável e estranha.

— Você quer tentar? — Sua pergunta soa como um pedido de permissão.

— Você está bêbada, amiga! Aposto que amanhã nem vai lembrar dessa insinuação e, caso lembre vai morrer de vergonha! — rio sem graça.

— Pode ser que eu esteja meio alta, mas estou falando sério. Eu gosto mesmo de você, Vicky. Por que você acha que nunca ocupo seu quarto? — pergunto como se a resposta fosse óbvia e ela esclarecesse tudo.

— Porque você é minha amiga, oxe!

— Não é só por isso.

Silêncio.

— Sabia que eu sempre faço uma aposta interna quando você inicia um novo relacionamento? — Ela ri, deitando-se ao meu lado e olha para o teto. — Não que eu deseje que você se ferre, não é isso, tá? Eu juro! — Apressa-se ela se explicando — É que não é isso quem você é, eu sei. Eu vejo.

— Acho melhor você ir pro seu quarto, Fabrícia. Amanhã, quando o álcool não estiver confundindo seu discernimento, a gente pode conversar sobre o que você quiser — advirto-a em tom sério, em um convite para ela sair do meu quarto.

— Tem certeza de que não quer experimentar? — insiste — Garanto que você vai gostar — conclui com uma voz maliciosa.

— Amanhã a gente conversa, Fabrícia. Melhor você tomar um banho frio para melhorar da bebedeira. Isso já perdeu a graça faz tempo.

— Ok. Entendi. — Acata, levantando da cama e caminhando em direção a porta. — Se fosse a Mari seria diferente — afirma de frente para a porta e logo após ouço o baque na madeira, tão forte que não me espantaria se ela tivesse quebrado.

Que insanidade foi essa, agora? Por que ela disse aquilo sobre a Mari? Será que eu... Não. Nada mudaria se fosse Mari aqui nessa cama. Tenho certeza... Tenho?

08 de novembro de 2004

Meu celular está tocando na minha mão, enquanto estou olhando para a tela com um sorriso abobado no rosto. Essas ligações sempre me arrancam esse sorriso e eu nunca soube explicar o porquê. Talvez por se tratar de algo tão bobo, tão nosso. Uma invenção boba e nossa que criamos, pouco depois que nos conhecemos, Mari e eu, e, que não abandonamos mesmo que hoje em dia não tenhamos mais precisão disso.

Estou na sala da minha casa, com meu noivo Marcelo ao meu lado, que me encara meio confuso.

— Você não vai atender? — pergunta ele.

— Não precisa. É a Mari. Ela espera três toques e desliga — explico, e vejo-o fazer uma careta desconfiada ao espiar a tela do meu telefone.

— Te amo? — Inquire ele, em um tom que deixa minhas armas em alerta para me defender. — Esse é o nome no contato dela? Por quê? Isso é um apelido?

— Meu contato também é salvo com te amo. A gente salvou assim para quando uma ligar para outra, aparecer “Te amo” na tela, como se a gente mandasse uma mensagem para a outra, ou um lembrete. É só isso — justifico, logo depois retornando a ligação, levando o celular ao ouvido para esperar o terceiro toque para encerrar a chamada. Marcelo me encara incrédulo. Não sei porquê. O que tem de mais nisso?

— Você tem certeza de que essa menina não é sapatão? Tem certeza de que ela não está afim de você — questiona ele.

— Oxe, por causa disso? Tá louco? Eu também faço o mesmo. Isso é algo nosso. Somos amigas próximas e você sabe disso, sabe que somos como irmãs, praticamente. E você precisa falar assim?

— Assim como? Se ela gosta de garotas, o que acredito que sim, ela é sapatão, não?! E eu não ando mandando “lembretes” de te amo para minha irmã. Além do mais, eu não confio nela.

— Marcelo, acho melhor você parar — aconselho. De alguma forma que não sei explicar, ouvir ele se referindo a Mari dessa maneira me deixa profundamente irritada. Sinto vontade de bater nele. No fundo, me questionando se quero mesmo me casar com ele.

— O quê? Essa menina vive no seu pé, amor! Isso sem falar no jeito dela. Ela não me engana! Ela quer te pegar e não me engana. Você pode ser

ingênua, mas eu não sou. Estou de olhos abertos com essa garota, você também deveria — adverte ele.

— Você sabe que está sendo babaca, não sabe? — pergunto, mas ele sabe que na verdade, não estou perguntando, e sim afirmando. Ele não pode julgar a sexualidade de uma pessoa pela maneira como ela se veste ou se porta. Isso é ridículo.

Marcelo me encara. Ele faz menção de falar algumas vezes, mas permanece calado. Sei que ele quer insistir, sei que quer comprar essa briga, mas ele sabe que não vai se sair bem caso encare essa peleja.

— Só toma cuidado, tudo bem? — pede.

— Não tenho porque tomar cuidado com a Mari. Ela nunca faria nada que me desrespeitasse. Pode ter certeza de que aonde quer que ela vá comigo, é com meu total consentimento — falo encarando-o com firmeza.

— Vicky... — Ele começa, mas nossa conversa é interrompida pelo som de alguém batendo palmas à minha porta. Sorrio.

— Melhor tratar ela bem. Ela acabou de chegar — aviso.

— O quê? Como sabe que é ela? — questiona.

— Só ela bate palmas para me chamar, ao invés de tocar a campainha. E esse jeito de bater palmas, é dela — explico sem conseguir disfarçar a animação.

Faz um tempo que não nos vemos e estou morrendo de saudades dela. Confesso que temos nos visto cada vez menos, desde que conheci Marcelo. — Vou abrir a porta. Comporte-se.

— Vicky? — Ele me chama assim que paro com a mão no trinco e olho para ele.

— Só temos meus dias de folga para namorar. Despacha essa menina logo, okay? Estou com saudades de você — pede. Reviro os olhos assim que volto a olhar para frente e abro a porta. Meu coração ansioso e feliz.

Mari está parada na minha porta, com sua mochila preta de sempre pendurada em um de seus ombros. Ela usa o uniforme do time de Vôlei em que joga e eu me perco de mim mesma ao passear meus olhos por seu corpo torneado.

O shorts que ela usa é colado às pernas musculosas e definidas, fruto de todos os esportes que ela ama tanto praticar. Seus cabelos estão presos em um rabo de cavalo alto, com várias trancinhas caindo até o meio de suas costas. Sua camiseta, apesar de um pouco folgada, tem um decote em V que marca bem o contorno de seus seios e meus olhos caem por vontade própria, espiando-a.

— Boa noite, garota. Tudo bem? Vai me convidar para entrar ou vamos ficar paradas aqui na porta? A propósito, meus olhos são mais pra cima — diz ela em tom baixo, quase sussurrando para que apenas eu ouça.

Droga. Volto meus olhos para os seus, e tenho um vislumbre do seu sorriso traquino no caminho. Sorrio.

— Culpada. Porém, não me julgue — assumo usando o mesmo tom, com os olhos trancados nos dela. — Esse decote tem mais culpa do que eu. O jogo de hoje era contra meninos? Esse uniforme é uma espécie de carta na manga para desconcentrar o time adversário? — brinco, cerrando os olhos.

— Cala a boca, garota! — ordena ela, me puxando para um abraço. Respiro fundo sentindo o cheiro do seu cabelo. Envolver seu corpo com meus braços retribuindo o abraço, matando um pouco a falta que senti dela.

— Vem, entra — convido-a, puxando pela sua mão ao me desvencilhar do seu abraço, nossos dedos se entrelaçando automaticamente, atraídos uns pelos outros, encaixando-se confortavelmente. Seguros.

— Boa noite, Marcelo — Mari cumprimenta meu noivo sem se esforçar para sorrir.

— Boa noite, Mariana — responde ele, também sem esforço algum em

ser simpático. O clima fica estranho, mas nem tenho tempo de sentir a estranheza daquele encontro, porque logo estou subindo as escadas para meu quarto com Mari ainda de mãos dadas comigo, me seguindo.

— Amor, volto já! — aviso.

— Até mais, Marcelo — despede-se Mari e eu dou um apertão em sua mão.

— Que foi? — pergunta ela assim que estamos no andar de cima, com um sorriso malicioso rasgado em seus lábios carnudos e lindos.

— Não finja inocência, Mari! — censuro-a — Por que você gosta de provocá-lo?

— Eu só estava me despedindo dele. Sou uma adolescente muito gentil, sabia? Apesar da cara de marra — diz ela, com um riso escorregando entre as palavras.

— Aham. Você sabe que ele tem ciúmes de você e não facilita, não é? — acuso-a.

— Só quero que ele aceite o fato de que faço parte da sua vida. Ele vai ter de lidar com isso. Eu cheguei primeiro, a preferência é minha — avisa ela, me parando de frente para a porta do meu quarto, segurando minhas mãos. Engulo em seco. Fico nervosa. Desnorteada com a profundidade com que seus olhos me devoram — Estava com saudades. Se eu não venho te ver, não nos vemos mais, não é? — acusa-me.

— Isso não é verdade! — nego, abrindo a porta do meu quarto e puxando-a para dentro dele. — Só estou com o tempo um pouco mais corrido com o último ano na escola.

‘— E com o Marcelo — completa ela revirando os olhos. — Daqui a pouco seu tempo será todo dele, quando as aulas acabarem, já que você vai casar ao invés de ir para a faculdade.

— Ei, para com isso — peço — Não vamos falar sobre isso agora, a

gente sempre acaba brigando — digo sentando-me na minha cama e ela faz o mesmo. — Eu estou aqui com você, não estou? — lembro-a. — E ele, onde está?

— Sozinho lá em baixo! — responde ela gargalhando.

— E você se acha por isso, não é? Diverte-se.

— Eu? Imagina! — ironiza ela.

— Você é terrível, garota! — afirmo e rimos juntas jogando nossas cabeças para trás, descansando sobre a cama, e nos viramos uma de frente para outra.

— Melhor mesmo ele se acostumar, — pondero — porque eu sempre vou escolher você. Jamais abriria mão da paz que sinto quando estou com você, Mari.

Meu coração bate forte e meus pés formigam. O silêncio deita-se conosco nos aconchegando.

Mari se aproxima um pouco mais de mim, ainda sem que nenhuma de nós quebre o silêncio. Nossos narizes se tocam e ela move a cabeça, roçando seu nariz no meu, transpassando nossa respiração uma pela outra, e beijo a pontinha de seu nariz.

— Eu amo você, Vih — declara sussurrando, o ar de sua boca é quente e seu cheiro delicioso me faz querer saboreá-lo dentro de minha boca. Isso me deixa tensa.

Meu Deus, por que sinto isso? Mari é minha amiga! Meu noivo está lá embaixo, esperando por mim, caramba!

— Eu também amo você, Mari, mas acho melhor a gente descer, agora — digo me afastando. Fugindo. Escondendo-me.

— Melhor — concorda ela, me olhando frustrada. E eu finjo que não notei. Finjo que também não me sinto tão frustrada ou mais. Frustrada pelos desejos escondidos, sentimentos reprimidos e toda a coisa sem sentido que

cerca Mari e eu.

Mari é minha amiga. Vou me casar com Marcelo e tudo ficará bem.



Mari



Vicky (Disponível)

vih_leal@hotmail.com

Decidi tirar um tempo pra mim antes que a vida use sua “delicadeza” para me obrigar.



Mari (Disponível)

mar_e_ana@hotmail.com

Quando você não enfrenta os medos por vontade própria, a vida se encarrega de esfregar eles na sua cara, e não é com carinho.

Passei as duas últimas semanas em uma viagem de carro por quase todos os estados da região nordeste, parando em quase todas as praias, ficando dois dias aqui, um dia ali; até chegar em Fortaleza, apenas para manter a ilusão de que eu estava atrasando minha chegada, porém, logo após deixar Raul em um hotel, aqui estamos.

— Virgem Santíssima, menina! Você é louca e quase me mata de preocupação, sabia? — começa minha mãe com um suspiro de alívio, me abraçando — O que te deu para cometer essa loucura, Mariana? Vir de Salvador para cá de carro? E ainda levar duas semanas para chegar aqui? E quem é esse que viajou com você? Qual é mesmo o nome dele... — Minha mãe nem respira entre uma pergunta e outra. Nem me solta de seu abraço. — Artur?

— É Raul, mãe — respondo tentando sair do abraço sufocante — Ele é um cara legal, logo todos vocês vão conhecê-lo. Agora, será que a senhora pode me soltar? *Tava afinzona* de dar um abraço no meu pai — peço em tom divertido.

— Ele pode esperar mais um pouco! Eu estou com mais saudades, tenho mais direitos! — adverte ela, me dando uma última apertada antes de enfim me soltar. Sorrio contente por respirar o ar da casa onde cresci.

— Ela não supera o lance da gente ter se visto há três meses, moleca. — Conta meu pai me dando uma piscadela e me puxando para um abraço caloroso. — E aí? Como foi? O *Troller* T4 2010 aguentou bem a viagem?

— Sim, pai! Saiu tudo melhor do que o planejado! Valeu pela indicação, coroa — agradeço com um sorriso largo as inúmeras conversas ao telefone antes de eu fechar a compra do meu carro, em Salvador.

— Eu sabia que ela não tinha feito essa loucura sem apoio, Sérgio! Você sempre dando corda para as sandices de Mari! Não toma jeito, não é? — censura minha mãe que é sempre a última a saber, e, às vezes apoiar, as aventuras de que meu pai e eu adoramos.

Meu pai e eu sempre fomos uma espécie de cúmplices, cumplicidade que causava tanto ciúmes, quanto cabelos brancos a minha mãe e, esse meu amor por esportes, pé na areia, ar puro, mar, veio tudo dele. Ele quem me viciou em tudo isso, e sou grata.

— Certo, coroas, dados os abraços e feito a conferência de que estou inteira e com todos os meus órgãos vitais em perfeito estado, como podem ver, — falo soltando-me dos braços do meu velho e faço um pequeno giro com os braços abertos para ampliar o campo de visão deles em relação a mim —Estou indo para o meu quarto, tomar um banho e desfazer as malas. Ainda tenho um quarto, certo?

— Foram muitos anos sem vir aqui, Mari — diz minha mãe em tom conspiratório, olhando para meu pai que sorri.

— Realmente... Anos demais para manter um quarto vazio, sem dar uma utilidade pra ele — completa meu pai indo para perto dela e passando o braço por seus ombros. Eu os encaro apertando os olhos.

— Mas ele não estava vazio... E as minhas coisas? — pergunto com um sorriso metade inseguro, metade uma tentativa de soar divertido.

— Demos tudo para caridade — responde minha mãe e arregalo os olhos.

— Mãe!

— Ahh, Joana... — começa meu pai com uma gargalhada alta, seguida de uma ainda mais alta de minha mãe. — Pobrezinha, você é cruel!

— Ela merecia alguns segundos de aflição, Sérgio! Depois de tudo pelo que passei ao longo dessas duas semanas? Isso não foi nada — diz ela ainda sorrindo.

— O quê? — pergunto ainda nervosa sem saber se eles realmente deram minhas coisas ou não.

— Tá tudo do jeitinho que você deixou, filha. — Tranquiliza-me meu pai — Vai lá descansar.

— Vocês são pais cruéis. Sabem disso, não é? — acuso-os seguindo o caminho tão familiar que leva até meu quarto.

— Você mereceu! — responde minha mãe enquanto subo as escadas para o andar de cima, prendendo o riso.

— Não estou mais ouvindo a senhora, desculpe — grito, já no fim das escadas que levam ao corredor onde ficam os quartos.

É, eles realmente mantiveram tudo do jeitinho que era — penso. Parece até que nunca saí daqui e, de repente, é como se os anos não tivessem passado e eu ainda tivesse 15 anos.

Acendo as luzes embutidas ao redor do teto e respiro fundo ao sentir o efeito que elas causam ao visual do meu quarto.

As paredes do meu quarto são pintadas em um tom de azul noite com pequenos pontos de tinta fluorescente que, com as luzes negras embutidas acesas, causam a sensação de estar suspensa no meio do universo.

Contrapondo, no canto esquerdo ao fundo, há uma lua brilhante envolta em algumas sombras como de nuvens. Eu adorava admirá-la antes de dormir e acordar com os raios de sol entrando pela minha janela que nunca fechava ou colocava cortinas.

Coloco minha mochila em cima da cama e sento-me, apreciando cada detalhe de onde passei boa parte da minha vida. Deito-me, e encaro o “céu estrelado” respirando fundo e tentando acalmar o reboiço que sacode dentro de mim. Estou em casa. Tenho uma exposição importante amanhã, minha primeira mostra na minha terra natal e, a única coisa que me deixa nervosa e com medo nesse momento é o fato de que não terei como fugir dela.

Victoria... De você não conseguirei me esconder, mas ainda posso tentar quanto aos meus sentimentos — penso, e uma batida na porta me traz de volta à terra.

— Filha? — meu pai chama — Trouxe o resto das suas coisas, posso entrar? — pede.

— Claro pai, a porta está aberta.

Meu pai entra, coloca minhas malas e parafernalias no chão e fica parado olhando tudo em volta como se não viesse aqui há muito tempo.

— É muito bom te ter em casa, moleca — diz ele com as mãos nos bolsos da bermuda.

— É muito bom estar em casa, velho — digo e ele sorri.

— Vou deixar você descansar e, quanto ao Artur, melhor ele ser um homem decente, ou chuto a bunda dele de volta para de onde quer que ele tenha saído — ameaça com humor.

— É Raul, pai! Agora, sai daqui! — ordeno.

— Nossa, respirar o ar desse quarto velho trouxe mais do que lembranças para você, hein?

— Do que você tá falando, pai?

— Mal chegou e já está agindo como uma aborrescente me enxotando do seu quarto! — brinca.

— Ah, sai fora, coroa! — brinco, jogando um travesseiro contra sua barriga.

— Ok, estou indo. — Avisa me olhando com ternura. — Amo você, Mari.

— Pai...

— Oi, querida.

O desejo de me abrir vem com força. Deveria parecer tão fácil exhibir as verdades sobre quem eu sou e o que quero para alguém que me ama tanto, no entanto, sinto-me sufocar apenas com a ideia, e volto a encolher-me dentro de mim mesma.

— Também te amo, pai — declaro com um sorriso caloroso e com o estômago se comprimindo, prendendo o choro e as verdades que mais uma vez vou manter presos dentro de mim. E então, depois de um meneio de cabeça e um sorriso, meu pai sai fechando a porta atrás de si e eu perco a chance de enfim apresentar sua filha de verdade à ele.

— Mariana, você não vai descer para o jantar com essa roupa!

Minha mãe está parada de braços cruzados na minha frente, impedindo que eu passe pela porta.

— Mãe, qual é? — olho para ela impaciente. — Qual o problema com a minha roupa? — pergunto dando uma conferida em mim mesma, abrindo os braços e girando para que ela olhe direito. Um giro nada gracioso, longe de ser feminino, e me sinto ridícula ao fazer isso, mas esse é meu último recurso para tentar convencê-la de que estou sim, vestida adequadamente para a ocasião.

— Filha! — exclama ela.

— Mãe?! — repito seu tom com o acréscimo de uma pitadinha de deboche. — Eu estou em casa, caralho!

— Olha essa boca suja, mocinha! Ou vou ter que lavar ela com alvejante! — ameaça de cara feia e me sinto como se eu tivesse sete anos de idade. *Meu Deus, foi por coisas assim que saí de casa*, penso.

— O que está havendo? — pergunta meu pai tentando passar pela barreira de braços que minha mãe faz de frente a porta.

— Sua filha sendo malcriada como sempre, Sérgio! É isso que está acontecendo! — responde ela.

— Não, pai. Na verdade, o problema é minha mãe me tratando como se eu fosse uma idiota! — explico sentando na cama e soltando uma baforada de frustração.

— Olha isso, querido! — pede minha mãe apontando para mim, que encaro os dois, entediada.

— Qual o problema, amor? — Sorrio ao notar que ele ainda a trata assim, depois de tantos anos. Sinto-me feliz por isso. — Ela parece ótima pra mim. Você está linda, moleca!

— Sérgio, não a encoraje! — adverte ela.

— Oxe, Joana... Ela está mesmo linda! O que quer que eu diga? Que eu minta? — questiona ele com uma cara bem humorada — Okay! Nossa, Mariana... Você está um horror! Acho que trocaram você na maternidade porque tanta feiura não pode ter vindo de nós! — diverte-se e gargalhamos alto. Menos minha mãe, claro.

— Sérgio! — chama ela, irritada.

— Querida... Relaxa! Nossa filha está em casa e tem todo o direito de usar o que a deixa à vontade. E ela está ótima, mesmo assim.

— Mas preparei um jantar formal para receber o Artur! Eu até tirei

nosso jogo de jantar para ocasiões especiais! Aquele que quase nunca usamos! O mínimo que ela poderia fazer era vestir-se à altura de todo trabalho que tive! — esbraveja ela.

— Tenho certeza de que Artur vai adorar a forma como ela está vestida, amor. Eles já estão juntos há um certo tempo, e Deus sabe que estou tentando não pensar sobre isso, mas com toda certeza, ele já a viu com trajes... ãhn... enfim. Ele a conhece bem. Não vai se incomodar por ela recebê-lo de shorts, tênis, regata e cabelo preso. Agora, vamos descer que o Artur deve estar chegando daqui a pouco. — sugere meu pai.

— Muito bem! — digo fingindo animação — Pai, eu te amo. Obrigada por compreender que quero estar confortável na minha própria casa — falo indo até ele e dando-lhe um beijo apertado em sua bochecha. — E, mãe, eu também te amo! Obrigada pelo jantar que tenho certeza de que está incrivelmente saboroso e impecável. Sinto muito por eu não ser uma *Barbie* — desculpo-me com um beijo em sua bochecha e abraço os dois ao mesmo tempo, um braço para cada, e nos aconchegamos uns nos outros. Respiro fundo. — E a propósito, o nome dele é Raul — aviso me afastando um pouco, dando tapinhas nos ombros deles.

— Eu sei! Foi o que dissemos... Não foi querido?

— Foi sim, Joana. Raul. O nome dele é Raul. Sabemos disso. Tudo certo — confirma meu pai e, então, como se tivesse sido ensaiado, a campainha toca. — Vamos lá, então. Vamos conhecer o Artur.

— Pai eu já...

— Eu sei... — Interrompe meu pai dando risadas. — Estou brincando com você, moleca. Vem, vamos abrir a porta para o Raul.

Minha mãe mantém um sorriso contente, acredito que satisfeito, enquanto fazemos o caminho até a porta. Meu pai continua na nuvem de tanto faz dele. Não que ele não se importe comigo, ele só não “liga” para

minha vida amorosa, ele quer apenas que eu seja feliz; ele confia nas minhas escolhas, sempre me deixou livre para fazê-las. Acho que por isso tenho tanto medo de desapontá-lo. Ele jamais esperaria que eu tomasse o caminho errado.

Raul é o primeiro cara que trago para apresentar aos meus pais. Antes dele, eu sequer tive um namorado. Não foi com quem dei meu primeiro beijo, porque enfim, adolescentes algumas vezes são idiotas que acabam fazendo coisas apenas porque acham que já passaram da idade de fazê-lo; foi com esse pensamento, e por querer muito me descobrir uma pessoa “normal”, que fiquei com alguns caras na faculdade e perdi minha virgindade. Eu sei, não me orgulho disso, mas não sou do tipo que se arrepende do que fez, se o mal causado for apenas a mim mesma.

— É melhor que ele seja um cara bacana — Meu pai fala em tom de aviso — Odiaria chutar o traseiro dele porta à fora — brinca e sorrio, enquanto minha mãe o encara, sem conseguir evitar sorrir também.

— Comporte-se, Sérgio! Ele pode ser seu futuro genro, e talvez tenhamos que conviver com ele pelo resto de nossas vidas. Seja bonzinho — pede ela, então meu pai abre a porta.

— Boa noite! — Raul fala com um sorriso simpático e um arrepio sinistro sobe em minhas costas. Meu coração aperta. Meu estômago embrulha e me sinto enjoada com a voz da minha mãe entoando como um eco infinito: *... pelo resto de nossas vidas.*

— Boa noite, rapaz! Entra aí! — convida meu pai com um sorriso amigável.

— Trouxe flores para a senhora, D. Joana. Espero que goste de rosas — diz ele entregando um ramalhete de rosas amarelas, seu sorriso jamais abandonando seus lábios.

— São para mim? — Minha mãe pergunta surpresa e encantada. — Achei que fossem para Mari!

— Mari não é muito do tipo que curte flores, não é amor? — pergunta e olha pra mim em um pedido de confirmação, solto meu sorriso tão bem ensaiado, o embrulho no estômago aumentando ao ouvi-lo me chamar assim, de novo. *Por que diabos ele faz isso?*

— Verdade... — concorda meu pai me observando. — Mari não é do tipo que curte essas coisas de flores. Estou surpreso que ela não tenha vomitado depois que você a chamou de amor — brinca ele com um sorriso seco. *Droga. Acho que ele notou meu desconforto.*

— Sérgio! — repreende minha mãe. — Espero que não se incomode, Ar... Raul! Meu marido gosta de bancar o piadista de vez em quando. Bem-vindo à família Fontenele: Um pai engraçadinho, uma filha marrenta e uma mãe incrível — gaba-se ela com uma piscadinha. — Mas, sentem-se — pede apontando para o sofá da sala de estar — Vou colocar minhas rosas em um jarro com água e logo em seguida vou servir o jantar! — diz ela animada entrando casa a dentro e o clima é de desconforto entre Raul, meu pai e eu.

— Olha só... Já vi de quem Mari puxou o gosto por esportes — começa Raul, observando algumas medalhas em um quadro pendurado na parede da sala — Essa também é uma paixão minha — diz ele tentando atrair a atenção do meu pai.

— Sim, eu a incentivei a praticar alguns esportes, mas o interesse sempre foi dela, desde pequena — explica meu pai, pegando um retrato com uma foto nossa andando de skate no calçadão da Beira Mar, quando eu tinha por volta dos doze anos.

Fico observando os dois interagindo. Meu pai continua com a guarda alta, porém Raul não desiste de ganhar a simpatia dele.

— O senhor está *inteirão*, Sr. Sérgio. Aposto que a prática de esportes o ajudaram nisso. Com certeza ainda atrai o olhar da mulherada —brinca.

— Não sou do tipo que repara nisso, Raul. Tenho uma esposa linda

demais para perder meu tempo com essas mensagens de egos, saca? — diz meu pai com um sorriso forçado. — Mas tenho certeza de que você entende do que estou falando, já que namora minha filha e provavelmente se sente da mesma forma, estou certo?

— Cla-ro — gagueja — Com toda certeza. Mariana é uma mulher incrível e eu sou completamente louco por ela. Só tenho olhos para ela...

— Certo. Já chega. Ou talvez eu vomite — “brinco” revirando os olhos, falando pela primeira vez desde que Raul chegou.

— Ainda bem que você abriu a boca, moleca! Já estava achando que não tinha ninguém aí — brinca meu pai dando soquinhos na minha cabeça.

— Só estava deixando vocês à vontade para se conhecerem, pai! Não enche! — digo sorrindo e Raul me lança um olhar apaixonado.

Raul é um cara bonito. Usando uma calça jeans reta, uma blusa gola polo com aquele jacaré famoso bordado no peito, e seu cabelo loiro bagunçado/arrumado, ele atrairia qualquer mulher.

Raul nos observa com olhos calorosos e seu sorriso é contagiante, o ar a sua volta exalando camaradagem. Ele é aquele tipo de pessoa que em poucos minutos se faz parecer da família, embora algumas vezes eu o ache meio ‘forçado’.

— Vamos lá, crianças! — chama minha mãe — O jantar está na mesa! — anuncia batendo as mãos, empolgada.

— Vamos lá, então — digo enquanto caminhamos para sala de jantar. Tão animada quanto se estivesse indo para a festa, mas meu sorriso ensaiado diz exatamente o contrário e ninguém consegue notar, a não ser, talvez, meu pai, que não tira os olhos de mim, assim como o vinco entre suas sobrancelhas não se dissipa. Ele parece preocupado e, eu estou com medo.



Vicky



Vicky (Disponível)

vih_leal@hotmail.com

Finalmente respirando o mesmo ar novamente.



Mari (Disponível)

mar_e_ana@hotmail.com

Em casa.

Você acredita que duas semanas é tempo suficiente para causar uma reviravolta louca na vida de alguém? Bom, um único dia já seria suficiente, eu sei, mas digamos que eu tenha precisado de um pouco mais de tempo, desde que enfim, percebi que era hora de dar boas-vindas à mudança.

Há duas semanas, eu morava com uma das minhas melhores amigas. Minha vida estava se encaminhando ao eixo novamente após meu divórcio (mais um), e, eu até acreditava que o destino já estava conspirando para que eu encontrasse um novo recomeço me presenteando com uma segunda chance ao colocar Rodrigo de volta na minha vida. Pois bem, ledô engano. Nada estava caminhando em direção ao eixo. Eu sequer tenho a porcaria do eixo para que minha vida possa caminhar até ele. Eu nem sei o que é um eixo, onde vive, do que é feito, onde procurar... Eu não sei mais de nada.

Vejo-me dentro da minha nova casa. Estou parada no meio da sala/quarto/cozinha e há caixas espalhadas por todo o lugar. Tudo tão cheio. Tudo tão pequeno. Tudo tão grande e tão vazio.

Eu cresci sonhando com o dia em que eu teria minha família de

comercial de margarina. Passei uma vida inteira tentando acertar o ponto da receita de felicidade tão pregada e gritada pelo mundo. Esse sempre foi meu objetivo: marido, filhos, jardim grande, mesa farta. Porém, vinte e seis anos depois buscando esse único objetivo, me vejo completamente no escuro, sem saber mais de nada, sem nenhuma certeza, sem convicção alguma sobre o que diabos eu quero e preciso para “chegar lá”, finalmente.

Quando Fabrícia jogou aquelas palavras contra mim, a forma como ela soou ao falar de Mari e eu, pareceu tão natural, pareceu tão fácil vislumbrar uma imagem de Mari ali, ao meu lado naquela cama, no lugar em que Fabrícia tentava ocupar.

Depois que Fabrícia plantou essas imagens na minha cabeça, me senti como se todos os meus pensamentos, sentimentos e lembranças fossem jogados dentro de um liquidificador e o resultado disso fosse uma massa homogênea e consistente de Mariana.

Uma única frase, uma única acusação, foi o suficiente para abalar todas as certezas de uma vida inteira. Sinto-me como um arremedo do mundo, quando eu deveria ser apenas eu mesma. E o problema é exatamente esse: eu não faço a menor ideia de quem eu sou. Perdi tanto tempo querendo fazer parte do padrão que esqueci completamente de descobrir quem eu sou de verdade.

Estou me sentindo mais bagunçada do que minha nova casa — penso, dando um giro e analisando todas as caixas espalhadas e empilhadas ao meu redor, quando algo se sobressai em meio a toda essa confusão bagunçada.

Dou alguns passos e paro em frente à caixa quadrada e pequena com a etiqueta “Diários da Mari” colada na tampa. Respiro fundo.

Ao fim do ano de 2003, Mari me entregou seu diário daquele ano. Ela me contou sobre sua tradição de queimar seus diários ao fim de cada ano. Porém, aquele, por algum motivo que ela não sabia explicar, não chegou ao

seu fim, por ela simplesmente não conseguir atear fogo nele. No entanto, também não queria ficar com ele, então, ela me deu, não antes de me fazer jurar jamais lê-lo. Eu jamais o li, e depois disso, Mari parou de queimar seus diários e passou a enviá-los à mim.

Durante todos esses anos tive acesso a um tesouro. Poderia, com um abrir de páginas, desvendar todos os segredos e mistérios de que tanto anseio, mas eu nunca quebraria a promessa que fiz porque sei o quanto Mari precisou confiar em mim para fazer isso e, também, porque eu sempre quis que ela se abrisse comigo por vontade própria. Arrancar suas verdades mais íntimas dessa forma seria como roubar, não seria?

Abro a caixa. Olho para oito anos de uma vida ali, tão exposto e vulnerável. Eu poderia finalmente adentrar no mundo que Mari sempre fez tanto esforço para me manter do lado de fora. Enfio a mão na caixa e puxo de lá um dos diários. Todos eles são iguais: trezentas e sessenta e cinco páginas encadernadas com capa dura azul marinho e o ano escrito na parte de baixo. 2005. O ano em que casei.

Minha respiração trava e tenho a impressão de que existem um milhão de olhares acusatórios me condenando por eu apenas segurar esse caderno nas mãos e ter a intenção de lê-lo. Puxo a capa para a esquerda abrindo-o e leio a primeira linha: *01 de Janeiro de 2005. Vih se casa daqui duas semanas e eu ainda não sei o que fazer com o que...*

— Vicky!!! — ouço uma voz abafada soando de detrás da minha porta, acompanhada de uma batida que nem de longe seria julgada de sutil, e jogo o diário de Mari de volta na caixa com o susto, fechando a tampa com pressa e me afastando dela.

— O que eu estava fazendo, caralho! — digo baixinho pra mim mesma e tapo minha boca, espantada também pelo palavrão que escapa de minha garganta. Meu coração batendo forte, meus olhos arregalados e minha

respiração acelerada. A adrenalina enche minhas veias como um ladrão que quase foi pego.

— VICTOOOOORIA! ABRE ESSA PORTA! — ouço a voz que agora reconheço me chamando mais uma vez. — Aposto que ela está dormindo, César! — especula ela.

— Calma, Rosa, ela vai acordar, caso seja isso mesmo. Ela também pode estar no banho...

— E aí, família? Já vieram conferir se não toquei fogo na casa no meu primeiro dia morando sozinha? — pergunto, impedido meu pai de concluir o que ia dizer, e os abraço, grata pela interrupção.

— Nossa... Que recepção calorosa, filha! — exclama minha mãe, me apertando um pouco mais antes de me soltar, logo em seguida acariciando meu ombro e me fitando dentro dos meus olhos. — Isso é só saudade ou aconteceu algo, Vicky? Está tudo bem?

Sinto vontade de chorar. Ficamos os três parados à porta. Meu pai nada disse, porém também me olha com um olhar preocupado. Acho que devo estar com minha famosa cara de culpa.

— Victoria...

— Vamos entrar? — corto minha mãe dando-lhe um sorriso amarelo. Às vezes me odeio por ser tão transparente quanto a como me sinto.

Dou um passo para trás estendendo a mão para dentro do meu novo lar e recebo o olhar desconfiado da minha mãe.

— Bom, pai, mãe, essa é minha nova casa! — falo parando bem no meio do lugar que consigo pagar com o que ganho. — Aqui é meu quarto — digo apontando para a cama que fica do lado esquerdo, com uma janela grande de vidro acima da cabeceira. — É, eu sei, preciso de uma cortina ou não vou conseguir dormir sequer até às sete. Certo, ali é a cozinha — indico o lado direito de onde podemos ver uma geladeira e um fogão, lado a lado. —

E logo mais na frente é a área de serviço — aponto para o espaço alguns centímetros depois da geladeira onde fica uma pia de tamanho razoável. — Aquela porta no fim da sala é o banheiro...

— Que sala, filha? — Minha mãe pergunta incrédula.

— Oxe, mãe... Essa sala! Ali onde tem o painel com a tv — explico.

— Esse que fica a poucos metros da sua cama? — questiona.

— Exatamente! — digo.

— Filha... — Minha mãe fala em tom preocupado.

— Mãe... — respondo em tom de “Qual o problema?”

— Por que você não volta para casa? Hein? Seu quarto está lá, do mesmo jeitinho...

— Ah. Não, mãe! Já conversamos sobre isso. Não vamos recomeçar esse assunto, por favor!

— César... — Minha mãe chama, buscando ter apoio em sua tentativa de me convencer a voltar pra casa e meu pai olha pra ela balançando levemente a cabeça em sinal de rendição, deixando minha mãe ainda mais frustrada, porém rendida, ao menos temporariamente. Lanço um olhar de gratidão ao meu pai.

Meus pais são casados há vinte anos. Casaram-se quando eu tinha cinco anos de idade, porque minha mãe engravidou logo no início do namoro e, apesar da época, minha mãe negou-se a casar ‘apenas’ por conta da gravidez. Ela queria ter certeza de que o casamento seria para a vida toda, que meu pai era mesmo o homem certo. Foi um escândalo. No entanto, minha mãe sempre manteve todos à sua volta na palma de sua mão, exceto eu. Nunca entendi como ela faz isso e acredito que ela encare o fato de seus “poderes” não se aplicarem a mim como uma espécie de castigo divino ou praga de minha avó, que nunca teve uma relação tão boa com ela quanto meu avô.

Meu pai sempre foi apaixonado por ela. Os dois são apaixonados um

pelo outro até hoje. Apesar de meu pai ser um homem de poucas palavras, ele é a única pessoa que minha mãe não tenta controlar. Tudo entre eles é decidido junto, de maneira igualitária, e eu sempre quis um relacionamento assim pra mim, mas nunca tive essa sorte.

— Então, que tal uma ajuda para desempacotar essas caixas? — convido na esperança de que a compulsão por organização virginiana da minha mãe vença qualquer interrogatório que ela planeje fazer sobre o que houve entre Fabrícia e eu, e porquê ela me pegou com cara de quem tinha acabado de ser pega cometendo um crime.

— Meu Deus, Vicky! E você terá espaço para todas essas coisas quando tirá-las das caixas? — pergunta ela em dúvida e, ao dar uma olhada mais atenta, não posso deixar de duvidar se haverá mesmo.

— Vai dar certo, mãe. Vem, vamos começar! — chamo batendo palmas como se fôssemos para um parque de diversões, quando na verdade, vamos praticamente brincar de *tetris*, para encaixar todas as minhas coisas no pequeno espaço livre que disponho.

— Vamos lá, então, mocinha. Mas acredito que algumas coisas terão que permanecer nas caixas — pondera ela. — Onde está seu guarda-roupas?

— Então, mãe... Pois é. Acho que teremos que deixar algumas coisas nas caixas mesmo.

Era mais de meia-noite quando finalmente meus pais foram embora. Pedimos comida chinesa e eles se foram logo após o ‘jantar’.

Meu guarda-roupa não caberia no espaço vazio ao lado da minha cama, sem que cobrisse completamente a visão da tv, então, consegui uma arara, dessas de loja de roupas, com o proprietário do imóvel, para colocar ao menos as peças de roupas que precisam ser passadas.

Esse lugar já fora um estúdio fotográfico um dia, e o antigo inquilino deixou algumas araras para trás quando faliu, então, sorte a minha.

Apesar do meu novo lar não ser tão espaçoso quanto eu gostaria (necessitaria), gosto daqui. A janela lembra a do meu quarto, que automaticamente me lembra Mari e os muitos momentos de paz que trocamos uma com a outra.

Mari... Por algumas horas até consegui tirá-la do foco do meu juízo, ou da falta dele, no caso, já que não conseguia parar de imaginar coisas que um cérebro ajuizado jamais imaginaria.

Faltam algumas horas para amanhecer o dia. Algumas horas mais para que eu a encontre, depois de tantos anos e, sinto medo devido aos tantos questionamentos e sentimentos que vêm se manifestando tão intensamente desde aquela minha última noite no apartamento da Fabrícia.

Olho para a caixa com os diários da Mari e meus dedos coçam para abri-la.

— Você não pode fazer isso, Victoria! — censuro-me. — PORRA, CARALHO, MERDA... AHHHHH — grito, jogando a caixa debaixo da minha cama como se ela estivesse em chamas, tirando ela do meu campo de visão, do perigo que eu mesma represento a minha promessa. — Não vou trair você, Mari. Eu não vou.

Deito-me na minha cama, puxando o lençol para me cobrir, virando de lado, desejando que ela estivesse às minhas costas em uma conchinha aconchegante, me tranquilizando que tudo bem eu ter cometido aquele pequeno deslize mais cedo.

Amanhã — penso — Amanhã vou encontrá-la. Amanhã terei minhas respostas para tudo. Vou fazer Mariana Fontenele falar. Preciso que ela me ajude a entender.



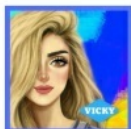
Mari



Mari (Disponível)

mar_e_ana@hotmail.com

Existe uma distância enorme entre o que a gente quer e o que precisa ser feito, e a coragem está bem no meio. Ou a falta dela.



Vicky (Disponível)

vih_leal@hotmail.com

Tem gente que veio à terra com a missão de me bugar.
Q?

Apesar de eu saber que o dia já amanheceu, e de ter ouvido o toque de mensagem recebida no meu celular, duas vezes, continuo adiando o momento de abrir os olhos.

Estou quase me cagando de medo do dia de hoje. Sim, não sou uma pessoa corajosa. Pelo menos não quando estamos falando de Victoria e essa loucura de sentimentos confusos e incoerentes que ela me causa.

Não se deixem enganar por toda a marra que vivo impondo ao mundo, isso é só mais uma prova do quanto sou covarde. Eu me escondo por trás dessa carapuça. Assim é mais difícil que eu seja questionada quanto ao que afirmo, entende? O problema é que essa tática jamais funcionou com a Vicky. Ela nunca recua. Nunca desiste. Nunca se afasta. Sorte a minha ela ser um pouco avoada ou ela já teria notado o quanto sou vulnerável em se tratando dela.

Procuro o celular pela cama com os olhos ainda fechados. Levo-o ao alcance da minha vista e abro os olhos apenas para confirmar o que já sei: mensagens da Vih. Já estava surpresa por ela ainda não ter falado comigo.

Nosso único contato foi a troca de recados no status do MSN, algo que mantemos desde sempre. Abro as mensagens.

Vih – 19/10/2012 07:40am: Então, chegou bem? Eu poderia achar que não, já que sequer me mandou uma mensagem, né? Bom, você não disse nem mesmo que viria. Acho que tanto faz. Porém, obrigada pelo “Em casa” do status de ontem. Enfim, precisamos conversar. Prometo tentar deixar minha ira de lado, tente ligar o botão ‘falar’ quando nos encontrarmos, ou eu mesma vou descobrir onde ele fica e juro que eu te obrigo a abrir a boca. Precisamos CONVERSAR, Mari. Isso significa que você também precisa usar a boca e não apenas os ouvidos.

Vih – 19/10/2012 07:41am: Ah, bom dia. Ainda amo você, ok? Ainda.

Caralho... como vou me livrar dessa? Como me conter se ela me pressionar a falar se estou morrendo de medo do que eu possa fazer apenas ao colocar os olhos nela?! — penso aflita. Meu corpo inteiro tremendo com a ansiedade.

Eu costumo me esconder facilmente do resto do mundo. Porém, tem sido um custo enorme me manter trancafiada dentro de mim mesma para ela, embora eu sempre tenha tido a distância e uma tela de computador como auxílio mascarando a maior parte do efeito que ela causa ao meu corpo e ao meu coração, sempre que conversamos.

Ouçó o alerta do celular mais uma vez e cerro os olhos. Bato as mãos em punhos contra a cama e a vontade que sinto é de bater em mim mesma.

Que porra de medo é esse? É só a Vih! Você já a viu milhares de vezes e tudo sempre deu muito certo. Calma. Respira.

Vih: – 19/10/2012 07:47am: Caraca... eu sei que você tá acordada! Você vai mesmo me ignorar? Eu sei onde você mora. Não se esqueça. Te vejo na exposição.

Te amo. Sim, ainda, mas não me teste! Preciso te contar uma coisa... Não foge de mim.

Puxo várias respirações profundas sem entender o motivo do meu corpo tremer tanto. Ou melhor, eu sei. Estou com medo do que ela tem pra me contar. Sempre foi mais fácil acompanhar a vida amorosa dela de longe, mas agora que vou encontrar com ela, não sei se aguento vê-la se derreter por mais um cara que vai acabar indo embora da vida dela, como todos os outros.

Parece que as coisas só pioraram a cada dia que passou. Eu quase tive esperanças de que a distância e o passar dos anos tornariam as coisas mais fáceis pra mim. Não dizem que tudo é uma questão de deixar o tempo passar? Quanto tempo mais devo esperar até que meu coração desista dela? Quanto tempo até ele entender que não deve desejá-la dessa maneira?

Depois de tantos anos, depois de todas as constatações a que cheguei e que sempre fingi não existirem, não sei se estou pronta para isso.

— Merda. Aposto que é o tal do Rodrigo — resmungo para mim mesma enquanto digito uma mensagem para ela.

Mari – 19/10/2012 07:56am: Deixa eu tentar adivinhar a novidade: Vai casar de novo? Rodrigo? Espero que me chame para madrinha dessa vez;) Desculpe não ter falado com você antes. Muito cansaço. Muitos dias viajando de carro... Jantar com a família... essas coisas, Vih. E também amo você. E acho bom não criar expectativas. Meu botão “falar” continua emperrado, mas o “ouvir” tá funcionando bem pra caralho :D

É tão fácil sorrir em uma mensagem de texto, não é? Você digita: dois pontos e um D maiúsculo e pronto. Pena que não vou poder fazer isso quando ela chegar na minha exposição com o tal Rodrigo fodido ao lado. Sinto azia só de imaginar a cena.

Quando éramos mais novas era mais fácil. Sempre consegui me convencer de que eu estava apenas enlouquecendo, que meus sentimentos adolescentes estavam me pregando uma peça... Mas sei que agora não vai ser nada fácil olhar pra ela e me fazer acreditar que não a quero, da forma que deveria querer o Raul.

Você consegue, Mari — ouço minha própria voz na minha cabeça como se eu fosse outra pessoa — Você fez isso por anos. Você a viu relacionar-se com um babaca atrás do outro e sobreviveu. Você consegue passar por mais essa.

— Filha, já acordou? — Minha mãe chama batendo na porta do meu quarto.

— Já, mãe. Estou indo para o banho — respondo com uma voz desanimada.

— Que voz é essa? — questiona ela abrindo a porta. — Minha nossa, menina, você não dormiu? — espanta-se ela ao olhar para minhas prováveis olheiras de uma noite em claro.

— Insônia, mãe. Acho que é nervosismo por causa da exposição — minto.

— Vou colocar uns sachês de chá de camomila na geladeira para colocar nos seus olhos. Você está com uma cara péssima! Bem que podíamos ir ao salão, o que acha? — convida ela, animada.

— Nem fodend...

— Olha essa boca suja! Me respeita, Mariana! — censura-me ela.

— Nem sonhando, mãe. Aceito os sachês e dê-se por satisfeita. Agora, pode me dar licença? — peço, já de pé.

— Tá bom. Estraga prazeres! Nem para me dar esse prazer, não é? — diz em tom pesaroso, cada palavra transbordando chantagem barata emocional típica das mães. — Tanto tempo que não fazemos isso juntas!

— Isso é verdade, mãe. Desde quando entendi o que a frase “Não gosto” significa! — rio alto.

— Você sempre foi terrível! — afirma em tom saudoso. — Odiava todos os vestidos que comprava pra você e sempre preferiu ir ao shopping com seu pai.

— Como eu iria jogar vôlei, andar de skate, com aqueles vestidos de florzinhas rodado? — justifico-me.

— E seu pai adorava isso. Traidores — brinca, apesar de que não pude deixar de notar uma pontada de tristeza lá no fundo de sua garganta.

Eu sei que minha mãe sempre quis que eu fosse a bonequinha que ela foi a vida inteira. Acho que ela é a mulher mais feminina que conheci na vida e ela tem tanto orgulho disso. Sempre me senti esquisita por não ser como minha mãe, porém, nunca consegui nem mesmo arremedá-la. Nunca fui dada as delicadezas femininas, apesar de que sempre me senti mulher.

— Sinto muito por não ter sido a filha que desejava que eu fosse, mãe — desculpo-me desapontada. Bem no fundo, eu gostaria de ser mais normal. Quem iria escolher o caminho mais difícil de propósito?

— Ei, filha... Está tudo bem! — Tranquiliza-me ela, quando nota meu desalento. — Você sempre teve opinião própria, sempre soube como se impor. Isso não é algo para se desculpar. Eu que sempre tive ciúmes da sua relação com seu pai. Algumas vezes me sentia de fora, vamos dizer assim, sabe? Você sempre teve mais afinidades com ele do que comigo — explica ela suspirando, e sei que de certa forma, essa nossa falta de “reconhecimento”

entre a gente a deixa tristonha. — Eu que preciso me desculpar, Mari.

— O quê? — pergunto confusa — Pelo quê?

— Ainda ontem estava tentando impor a maneira que você deveria se vestir... — Lembra-se ela com um sorriso meio sem graça. — Acho que isso é um mal materno. A gente acredita piamente que sabe o que é melhor para nossos filhos, mas muitas vezes, a gente esquece que vocês não são uma versão mais jovem de nós mesmos, não são nossa segunda chance na vida. Eu sinto muito, filha. — Lamenta me puxando para um abraço, ficando nas pontas dos pés para beijar a lateral da minha cabeça.

Um silêncio confortável nos envolve. É como se finalmente nos reconhecêssemos. Meu coração me avisa que talvez eu não encontre um momento melhor para me abrir com ela, mas assim que faço menção de abrir a boca, minha mãe volta a falar.

— Ao menos posso me orgulhar por você ter herdado meu bom gosto para os homens — gaba-se ela, afastando-se de mim e me dando uma piscadinha. — Raul é o que chamo de pedaço de mau caminho e está caidinho por você! Ele me parece tão gentil. De caráter! Estou muito feliz por você finalmente ter se encontrado, ter se permitido. Já posso sonhar com alguns netinhos!

— Mãe... Ainda é muito cedo para isso — afirmo com aquela certeza indo embora, abandonando meu coração.

— Você já não é uma mocinha, sabia? Daqui a pouco faz trinta anos. Todo mundo sabe que o melhor momento para começar a planejar os filhos é entre os vinte e cinco e trinta anos. Você já está com vinte e quatro. E vocês também precisam ter um tempo a sós para curtir o casamento e...

— Mãe! — falo em tom alto e firme. E ela me olha com os olhos arregalados.

— O quê? — ela responde.

— Quem disse que eu quero casar? Quem disse que ter filhos está nos meus planos?

— Ora, filha... esse é o curso natural da vida. Toda mulher quer isso. Por que você não iria?

— Mãe... — respiro fundo. Ela jamais entenderia. — Acho melhor eu ir tomar um banho. Desço daqui a pouco para tomar café — digo sem força alguma para ao menos começar a questionar o que ela acaba de afirmar.

— Eu só quero que você seja feliz, Mari. Esse é o desejo mais profundo do meu coração — diz ela notando as barreiras que já reagrupei entre a gente. Que sempre existiram e, que pelo visto, sempre irão existir.

— Nem sempre a felicidade que você me deseja é a que me fará feliz, mãe — suspiro, cansada. — Olha, eu admiro muito a vida que você leva com meu pai. Eu vejo e sinto o quanto vocês são felizes, mas esse não é o “tipo de felicidade” que me faria feliz. Não é porque te faz feliz que me fará. Não sou uma versão mais nova de você, lembra-se? Nem toda mulher quer marido e filhos — falo com firmeza, talvez pedindo que ela me questione, que me pressione. Talvez eu queira falar, afinal.

Nossos olhos estão imergindo uns nos outros. O silêncio volta a nos envolver, porém agora ele não é mais leve e confortável.

— Vou deixar você tomar seu banho, filha — diz ela com um sorriso forçado — Hoje é um dia importante. Você precisa se preparar. Te vejo lá em baixo para o café — despede-se apressadamente e sei que ela está fugindo. Somos bem parecidas no fim das contas.

01 de Janeiro de 2005.

Vih se casa daqui duas semanas e eu ainda não sei o que fazer com o que sinto. Eu nem sou capaz de dizer que porra de sentimento é esse. Eu só gostaria de poder impedir essa merda. Queria ter o direito de pedir que ela não se case. Queria que não doesse quando o imagino com as mãos nela.

Hoje fomos ao nosso lugar. O lugar que mais amamos no mundo, depois do quarto dela: as ruínas da Ponte dos Ingleses.

Decidimos ir para nosso cantinho especial para nos prepararmos para o novo ano que se inicia. Um ano de mudanças, boas-vindas e despedidas.

Estarei indo embora logo após o casamento dela. Queria não precisar presenciar essa caralhada que ela vai fazer. Parece que iniciei esse novo ano querendo poder coisas demais, eu sei.

Bem, ao menos ela teve a decência de não me convidar para madrinha. Juro que enfiaria o convite goela abaixo dela. Mentira. Com toda certeza seria em minha goela abaixo. Sempre precisei engolir muitas coisas desde que nos conhecemos, mas nem posso culpá-la por isso. Ela não faz ideia da forma que me faz sentir.

Enfim, apesar do meu coração filho da puta e burro, fiquei tão feliz por sermos apenas ela e eu hoje. Tem sido cada vez mais difícil sermos nós, desde que ela conheceu Marcelo. Ela quase nunca tem tempo pra mim porque quase nunca desgruda dele.

Sempre sinto algo ruim quando penso nos dois juntos, mas essa coisa ruim é insignificante quando me lembro da sensação dos dedos dela entrelaçados aos meus, enquanto assistíamos a lua que estava lindamente cheia e ofuscava o brilho de milhares de estrelas no céu, hoje.

Victoria me enche de paz e eu transbordo em caos. Sinto-me no céu quando estamos juntas e, ainda assim, inserida no inferno. Ela me causa uma sensação de dor deliciosa. Viciante. Quanto mais eu tenho dela, mais eu quero e mais sei que não poderei ter. Eu não sei o que é isso, você pode

chamar do que quiser. Eu só sei que ela é uma das pessoas com quem mais me importo no mundo e, acredite, eu sangraria feliz se tivesse a certeza de que esse idiota a fará feliz. O que me deixa furiosa e quebrada é sentir, dentro de mim, e não me pergunte como eu sei disso, que ele não fará.



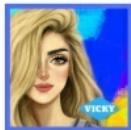
Vicky



Mari (Disponível)

mar_e_ana@hotmail.com

Nervosa.



Vicky (Disponível)

vih_leal@hotmail.com

Ansiosa.

Digito uma mensagem para Mari, assim que tenho um tempo livre no trabalho.

Vicky – 19/10/2012 13:16pm: Não vou te dar spoilers. Mais tarde conversamos. Vou sair mais cedo do trabalho para ter tempo com folga e não me atrasar para o seu evento. Até mais tarde.

P.s.: Talvez eu leve alguém comigo. Acho que vocês vão se dar bem.

Aperto enviar e respiro fundo. Espero mesmo que eu consiga convencer Fabrícia a ir comigo.

Combinei com minha chefe de sair mais cedo hoje. Saio às 14h e vou direto para o apartamento de Fabrícia.

Minha saída de lá foi esquisita. Apesar de Fabrícia ter me pedido desculpas, pelo enorme carinho que mantenho por ela, concordamos que ambas precisávamos de um tempo, depois das confissões e acusações

embriagadas que ela me fez.

Foi meio insano saber que uma das minhas melhores amigas mantinha um interesse a mais por mim. Imagina quão mais louco foi quando ela sugeriu que eu também mantinha sentimentos escondidos, só que em relação a Mari?! E como nunca percebi que Fabrícia era lésbica? Ela é tão feminina... Nossa, não que isso seja indício de nada... caramba, me senti como meu ex-marido Marcelo, agora. Deus me livre!

Guardo o celular de volta no bolso da minha calça e começo a contar os minutos para sair. 13h22min. Mais longos trinta e oito minutos pela frente.

Passo direto pela portaria do prédio que foi meu lar entre um casamento fracassado e outro, sem precisar me identificar, apesar de ter que tocar a campainha, já que devolvi minha cópia da chave.

— Oi, Vicky — Fabrícia cumprimenta-me quando abre a porta. — Entra — convida-me.

— E aí, miga? Tudo bem? Feliz que está de folga hoje. Preciso de você — despejo de uma vez, entrando e jogando-me no sofá da sala, com a cabeça para trás e as mãos cruzadas sobre os olhos. Nervosa.

— Ei, o que houve? — pergunta-me ela em tom interessado e preocupado. — Fiquei surpresa quando me ligou pedindo para vir conversar.

— Como a gente sabe que é lésbica? Como você soube? Será que alguém pode descobrir que é lésbica depois de adulta? Uma mulher pode ser lésbica e se sentir atraída por homens? Uma lésbica consegue ter prazer com homens, sendo que gosta de mulheres? Existe hétero que se apaixonou uma única vez na vida por alguém do mesmo sexo? Eu estou confusa! Eu não sei o que eu sou, não sei quem sou, não sei a que classe pertencço, eu só...

— Eiiii, vai com calma! — pede ela, sentando-se ao meu lado,

afastando minhas mãos do meu rosto, e a encaro, aflita. — Primeiro: respira. — Pede ela, segurando minhas mãos, de frente para mim, e respirando em sincronia comigo. — Mais calma?

— Não! — respondo, sacudindo a cabeça desesperadamente de um lado para o outro com rapidez.

— Certo, então tudo bem. Escuta, vou te fazer algumas perguntas e quero que você apenas diga se sim ou não, por enquanto, tá bom? — pede.

— Tá — concordo.

— Bom. Certo. Isso tem algo a ver com uma certa fotografia que veio para uma mostra no Dragão do Mar?

— Sim — falo fazendo um sinal afirmativo com a cabeça, tão desesperado quanto a negativa à pouco.

— Entendo. Vocês já se encontraram?

— Não. Ainda — respondo.

— Você acha que pode estar interessada de outra forma além da amizade, por ela? — Fabrícia pergunta e eu não sei qual a resposta certa. Não tem como eu responder isso com um simples “sim” ou “não”. Não posso... Não...

— Eu não sei — digo, deixando minha cabeça cair de encontro as nossas mãos que continuam juntas.

— Vicky, tudo bem. É normal ficar confusa — diz ela em um tom quase maternal, tentando me acalmar. — Quero que feche os olhos, agora.

— O quê? — questiono nervosa.

— Ei, não fique com medo. Juro que não vou te atacar! — brinca ela — Eu prometo — diz levantando a mão direita e colocando a esquerda no peito. Rio.

— Tudo bem — recosto-me no sofá de uma maneira confortável e fecho os olhos.

— Quero que tente fazer uma avaliação de si mesma. Quero que se atenha ao que sente, na real. Livre-se dos medos, não existem barreiras, não há limites sobre o que seria certo ou errado. Apenas olhe para dentro do seu coração e me responde: Quem vive nele, Vicky? De quem é o sorriso que mantém seu coração aquecido?

Lembro-me do sorriso que é só meu. Daquele, emoldurado por lábios carnudos e daquela mordidinha no cantinho do lábio inferior antes que a boca se estique formando o sorriso mais lindo do mundo, e sem dúvida alguma, respondo:

— Mari. — Duas lágrimas abrem caminho para fora de mim.

— Quem é a pessoa que te faz querer ser alguém melhor?

— Mari — repito o nome dela e é como se eu a chamasse para perto de mim.

— Quem faz seu coração bater de um jeito especial?

Lembro-me da primeira vez que a vi. Do quanto meu coração pareceu desesperado para chegar mais perto dela e, de como isso nunca mudou, pois meu coração sempre bate feito louco desenfreado quando a vejo e estou sempre querendo estar mais perto dela.

— Mari — respondo mais uma vez e as lágrimas agora parecem que não tem mais fim. Tudo é Mari, ela me preenche completamente. É como se ela inteira tocasse cada parte de mim.

— Se você pudesse escolher qualquer pessoa no mundo inteiro para estar ao seu lado para o resto da vida, mas apenas uma única pessoa, para dividir, partilhar e construir uma vida juntos, e que você tem certeza de que seria plenamente feliz, quem você escolheria? — continua Fabrícia.

Lembro-me do sorriso dela que é só meu, de seus olhos brilhantes sempre que nos víamos, da sensação de seus lábios na minha pele, sua voz grave, seus sussurros ao meu ouvido, sua pele macia sob meu toque, seus

dedos entrelaçados aos meus, seu cheiro, seu abraço, seu aconchego, seu cuidado, suas ironias, palavrões, suas broncas e risadas...

— Mari! Meu Deus do céu... Mari! Mari, Mari, Mari, Mari... — Eu não consigo mais parar de chorar. Choro tanto que soluço, fungo, gemo. — Isso é loucura, Fabrícia! Isso é... Eu...

— Por que seria, Vicky? Por que amar alguém que te faz bem, te traz paz, faz querer você ser uma pessoa melhor, que te faz sentir única! Por que isso seria loucura? Loucura seria não viver isso, amiga!

— Não! Você não entende?! Ela é uma mulher! Minha amiga! Minha melhor amiga!

— E daí, caralho?! Ela é sua melhor amiga e o amor da sua vida, também! Quer sorte maior do que essa? O que você quer mais?

— Eu não sou lésbica, porra! Amar Mari dessa maneira faz de mim lésbica e eu não me sinto assim! Isso não sou eu, não faz sentido! Eu não quis ficar com você, por exemplo, por que você é mulher e eu gosto de homens, me atraio por homens, quero trepar com homens! — xingo e falo alto. Esbravejo lutando para me apegar ao que acreditei a vida toda, mas não importa o quanto eu grite, o quanto eu xingue, no fundo, eu sei. Eu sempre soube.

— Para de querer se encaixar na merda de um rótulo idiota, caramba! O quê? A gente vive em alguma distopia e não me avisaram? Existem classes em que devemos nos encaixar?

— Mas como posso estar apaixonada por uma mulher sem ser lésbica? Eu não me atraio por mulheres! — explico.

— Vicky, porque você quer tanto se encaixar em uma classe? Por que acha que precisa pertencer a alguma?— questiona-me

— Como vou saber meu lugar no mundo, se não sei nem mesmo o que sou, Fabrícia? — pergunto com a voz insegura, fraca, baixa.

— Você não precisa se adequar a um rótulo para encontrar seu lugar no mundo. Você é Victoria, uma pessoa como outra qualquer, que ama Mari, uma outra pessoa como outra qualquer, para o resto do mundo pelo menos, porque para você, ela é mais do que isso, não é? Ela é muito mais do que uma simples pessoa qualquer.

Silêncio.

— Vicky, ser “classificado” por se permitir amar alguém não deveria ser plausível. Você deveria preocupar-se menos com em que classe você se encaixa e mais em ser feliz. E você está deixando passar uma oportunidade incrível — afirma.

— Eu nem sei se ela se sente da mesma forma que eu — argumento amedrontada.

— Acho melhor você tentar se apegar a uma desculpa melhor do que essa, caso queira continuar se escondendo do que quer de verdade — diz me encarando com olhos duros. — Uma vez, me disseram que as oportunidades são carecas, e, quando elas passam por nós, se não as agarramos, depois que elas nos derem as costas, não vai adiantar nem tentar puxá-las pelos cabelos — finaliza tentando me convencer.

— Eu não sei o que fazer, não posso chegar para Mari depois de nove anos e dizer que a amo — explico.

— Eu não sei o que você pode ou não fazer, só você sabe até onde vai e com o que aguentaria viver, amiga. Porém eu sei o que eu faria e, eu jamais deixaria escapar qualquer chance de viver um amor como esse. Nem mesmo se ela não correspondesse, o que eu posso apostar minha vida de que não é o caso.

— Você acha mesmo que ela olha pra mim da mesma forma que eu? — pergunto em dúvida.

— Você nunca vai saber se não disser como se sente e não tem

arrependimento maior do que aqueles que começam com “E se”.

— Você vai comigo à exposição? — peço.

— Pode apostar — promete ela.

— Melhor nos apressar, então! — sugiro com um sorriso temeroso e, de certa forma, aliviado.

É estranho olhar para o mundo agora. Um mundo onde existe a possibilidade de ter de Mari tudo aquilo que achei ser errado quando adolescente. Todos os beijos que fingi não desejar. Todas as batidas que meu coração corria a mais por causa dela. Todas as sensações que seus toques causavam em mim.

Agora tudo faz sentido: o porquê de meus relacionamentos nunca terem dado certo, a razão de eu estar sempre procurando alguém e nunca ficar satisfeita com nenhum deles. O motivo daquela sensação de incompletude nunca me abandonar.

Eu estava desesperada procurando uma pessoa, qualquer pessoa, que me fizesse sentir ao menos um pouquinho do que experimentei há tantos anos atrás. O que eu não conseguia ver é que eu nunca iria encontrar aquilo, porque ninguém mais é Mari. Só ela. E eu nunca havia conseguido enxergar isso, porque sempre estive cega devido ao medo das consequências de estar apaixonada pela minha melhor amiga, além do fato de ela ser uma mulher, assim como eu.

07 de janeiro de 2005

Caso-me daqui uma semana. Estou nervosa, ansiosa e feliz, eu acho. Meu futuro marido é um bom homem. Tem um emprego decente, quer construir uma família comigo e, não foi exatamente isso com que sempre sonhei? — questiono-me ao sentir os lábios da Mari no meu ombro. O que

estamos fazendo? Isso não está certo... Mas por que parece estar?

Estamos no meu quarto, deitadas na minha cama. Estou de bruços, Mari de lado sustentando parte do próprio peso com um dos braços e usando uma das mãos para desatar os laços da minha blusa frente única. Meu coração sempre bate mais rápido quando chega essa parte, a parte em que finalmente vou sentir os lábios dela na minha pele, percorrendo toda a extensão das minhas costas, lá do final da minha coluna, até minha nuca, com algumas escapadas pelo meu pescoço e orelha, de vez em quando.

Eu amo esses momentos. Amo essas tardes em que podemos ficar sozinhas no nosso mundo. Não consigo dizer quando, exatamente, começamos a descobrir maneiras diferentes de fazer carinhos uma na outra; não sou capaz de lembrar quem começou o quê; apenas sei que sentir os lábios dela percorrendo minhas costas nuas é uma sensação incrível que causa reações deliciosas a todos os nervos do meu corpo, reações que jamais foram causadas por mais ninguém, nem mesmo por meu futuro marido nos momentos mais íntimos.

— Eu amo você. — Mari sussurra ao meu ouvido, descansando o peso de seu corpo sobre minhas costas, e sinto todos os pelos do meu corpo se arrepiarem. Aperto os lábios para conter o desejo inconveniente, e, insistente, de beijá-la. Eu não deveria sentir isso.

— Eu também amo você — sussurro de volta com a boca esmagada contra o travesseiro para que ela não me traia se virando em direção aos lábios da Mari.

Eu não sei porquê sinto essas vontades, apenas sei que preciso controlá-las. Somos amigas. Somos garotas. Uma amiga não pode beijar outra amiga, não na boca, pelo menos; isso é algo apenas para os garotos, esse tipo de beijo, quero dizer. Garotas beijam garotos, jamais garotas. Então por que esse desejo nunca vai embora?

Quando estamos à sós, é como se o mundo lá fora deixasse de existir. Como se não houvesse julgamentos de certo ou errado e nossos corpos tomassem vida própria, alheios ao que seria "passar do limite". Nosso corpo vive alheio, nossa consciência, não.

Meu corpo desejou que as mãos e lábios de Mari descobrissem outras partes escondidas pelas camadas de tecido que eu usava, porém, minha consciência não me permitiu esboçar nenhuma reação para que ela viesse mais longe e, ela sempre se manteve ali, na extensão das minhas costas, vez por outra se aventurando pelo meu pescoço e orelha.

Sentir as mãos de Mari em mim e seus suspiros junto à minha orelha me deixa desnorteada, incapaz de discernir qualquer coisa ou fazer algum julgamento. Eu não sou capaz de dizer qual seria minha reação, caso ela fosse além dos limites que sempre respeitou. No entanto, acredito que o controle sempre esteve com ela. Acho que, talvez, eu nunca teria forças para barrá-la.

— Viih? — Mari chama depois de alguns minutos de silêncio, ainda deitada sobre minhas costas nuas — Você dormiu?

— Não — respondo com o coração ainda martelando forte por ter ela assim tão perto.

— Você sabe que isso não pode mais acontecer, não é?

— O quê? — pergunto sentindo o peito apertar, apenas para enganar a mim mesma quanto a não saber ao que ela se refere. Claro que sei.

— Você sabe ao que me refiro, não se faça de doida! — diz ela em tom aborrecido, saindo de cima de mim e eu me viro para olhar pra ela, segurando minha blusa sob meus seios.

— Mari, não fazemos nada demais... Por que não poderíamos continuar sendo nós? — questiono-a.

— Se eu fosse homem, você não acha que seria estranho e errado?

Tipo, um homem que não é seu marido beijando suas costas dessa maneira?

— Se você fosse homem, seríamos perfeitos um para o outro, ou se eu fosse — digo e vejo seus olhos brilharem em uma combinação de alegria e descontentamento.

— Eu não tenho tanta sorte. A única pessoa por quem acho que me apaixonaria é uma mulher e, eu não sou homem — responde ela. — Isso não é esquisito?

— Não, você não é homem, mas é minha melhor amiga. E sim, talvez seja esquisito para quem é de fora, mas não há maldade entre a gente... Ou malícia... Somos amigas e isso é apenas carinho, não é? — falo torcendo para que ela concorde comigo, para que ela possa reforçar o que tento me convencer sempre que fazemos isso.

— É sim. Você tem razão — concorda ela, voltando a deitar-se ao meu lado e aconchego-me junto aos seios fartos e macios dela.

— Mas isso não pode mais acontecer, Vih — avisa.

— Eu sei — concordo, porque no fundo, acho que ambas sabemos da verdade que negamos desde que nos conhecemos.

Vou me casar com Marcelo. Vou construir uma família e aí finalmente perceber que o que sinto pela Mari não faz o menor sentido. Ao menos é isso o que penso para tentar acalmar meu coração.



Mari



Vicky (Disponível)

vih_leal@hotmail.com

Não importa o quão rápido você corra ou o quão bom você seja em se esconder, a verdade sempre te alcança.

Sempre.



Mari (Disponível)

mar_e_ana@hotmail.com

Tem verdade que não passa de ponto de vista.

Nunca me senti tão nervosa em toda minha vida. É sério. Eu estou muito, muito nervosa. Pela primeira vez em vinte e quatro anos estou preocupada até com o que vou vestir. Nunca fui dada a certas vaidades, mas hoje, quero estar bonita. Quero que ela me ache bonita.

Há peças e mais peças de roupas espalhadas por todo o meu quarto e eu não consigo encontrar nada de que goste. Já estou bufando de frustração, porque nada parece ficar bem em mim.

Tenho umas quatro horas até Raul aparecer, para irmos todos juntos à exposição. Quatro horas seria tempo mais do que suficiente para eu me arrumar. Caralho, me arrumo em trinta minutos! No entanto, aqui estou eu, quatro horas antes do horário em que preciso estar pronta, enlouquecendo o pouco juízo que tenho tentando encontrar a roupa perfeita. *Como se uma roupa fosse fazer com que Vih magicamente me enxergasse de outra forma. Eu nem deveria querer isso, para começar. O que eu faria se ela finalmente olhasse?*

— Filha? — ouço a voz do meu pai me chamando e logo depois o

som de suas batidas à minha porta, assustando-me.

— Pode entrar, pai — peço.

— Vou dar uma pedalada antes de irmos para a exposição, pensei que talvez você quisesse me acompanhar. O que acha? Não sei se você está nervosa, mas pedalar sempre te rela...xou... — Meu pai para de falar ao observar meu quarto com mais atenção. Vejo suas sobranceiras franzirem e ele assumir uma expressão confusa. — Está tudo bem?

— Tirando o fato de que eu não tenho uma roupa vestível para logo mais, tudo certo — respondo jogando-me na cama, passando as mãos no rosto com força — Eu deveria ter passado em alguns shoppings no caminho de Salvador até aqui — pondero em tom arrependido.

— E desde quando você se preocupa com esse tipo de coisa? — questiona ele cismado.

— E não é com esse tipo de coisa que as mulheres se preocupam, pai? Em estarem bem apresentáveis? É um evento importante. Minha primeira exposição em Fortaleza. Só quero ficar bonita... Por que me sinto como se estivesse sendo medida? Qual o problema? Não posso estar em um dia fresco de mulherzinha uma vez na vida? — indago com a guarda alta e nem sei porquê. *Que diabos é isso?*

— Ei-ei-ei, moleca! — diz ele com as mãos para o alto — O que foi isso? Será que temos alguém bem nervosa por aqui, hoje?

— Ah, desculpa, pai — peço — Acho que estou com TPM.

— Hum... Então, que tal você abrir o pacote que sua mãe te entregou, logo depois do almoço? Talvez seja o que você estava procurando.

— Qual? Aquele dentro da sacola da loja fresca que ela adora? Duvido — falo cética revirando os olhos com desdém.

— Você deveria dar um pouco mais de crédito a sua mãe. Ela conhece você melhor do que pensa — pede ele em tom reflexivo — Bom, eu acho que

você não está no clima para pedalar com seu coroa, porém, vou te dar quinze minutos para experimentar o que sua mãe comprou pra você, daí, com o dilema do que vestir resolvido, teremos um tempinho para nós dois — diz ele com uma piscadela e sai.

Olho com apreensão para a sacola cor-de-rosa que me encara da poltrona do meu quarto, no meio de várias peças de roupas. Caminho até ela e pego-a, desatando a fita azul. Puxo de lá algo envolto em papel de seda, e reviro os olhos me perguntando: por que tanto suspense? Desembrulho o papel e finalmente vejo o que minha mãe escolheu para mim: um vestido.

Depois de alguns poucos minutos, estou parada de frente para o espelho avaliando-me, e, não posso negar que isso até que ficou... legal, para um vestido.

O tecido é leve e se ajusta de forma confortável ao meu corpo, caindo de um jeito que não marca completamente, mas que também não me deixa com cara de “O defunto era maior, hein?”. O corte é estilo envelope, com uma fita que transpassa por dentro e prende em um laço as minhas costas, marcando minha cintura e deixando um decote nada discreto para seios fartos como os meus, e, essa é a parte que me deixa um pouco desconfortável. No entanto, sua barra termina uns três dedos acima dos meus joelhos. Ele é preto, de mangas três-quartos e, se lembro bem, Vih adorava olhar meus decotes em V.

É, acho que vou dar uma pedalada para relaxar.

Pedalar com meu pai não teve o efeito esperado. Não que algo entre a gente tenha mudado. Esses momentos com meu pai sempre me enchem de conforto e me deixam mais leve, acontece que não consigo parar de pensar na Vicky.

Falta pouco mais de uma hora para precisarmos sair de casa e estou em uma discussão ridícula e desnecessária com minha mãe por causa de maquiagem.

Tantas coisas zunindo dentro da minha cabeça, e ainda tenho de lidar com minha mãe tentando me convencer de que preciso deixar que ela faça sua transformação em mim.

— Por que você não me deixa maquiar você, Mariana?! — resmunga minha mãe.

Put a que pariu — penso, esfregando minhas mãos no meu rosto, me esforçando para não explodir. Devo ter sido uma pessoa horrível na outra encarnação, e hoje estou sendo forçada a me tornar uma pessoa melhor e mais paciente. Porém, acho que esse aprendizado vai ficar para a próxima vida. Se há algo que evapora tão rápido quanto água nos asfaltos de Fortaleza às 15h, é minha paciência.

Encaro-a entediada e cansada dessa insistência dela em me transformar em algo que não sou. Não é por eu querer parecer mais bonita que preciso me camuflar de outra pessoa.

— Porque quero continuar me reconhecendo quando olho-me no espelho, mãe! — respondo irritada — Trabalho atrás da câmera e não na frente dela! E além do mais, o que será avaliado serão minhas fotografias e não minha aparência! — justifico-me.

— As pessoas vão reparar se você aparecer com cara de desleixo no seu próprio evento — diz ela carrancuda, mas logo depois sua expressão facial demonstra arrependimento pelo que disse, assim que os olhos dela batem nos meus. Ela sabe que pegou pesado.

— Acho melhor a senhora sair agora. Preciso terminar de me arrumar, do meu jeito, ou as pessoas vão achar que além de desleixada, sou arrogante, por chegar tarde e deixá-los esperando por mim — falo em tom sério,

convidando-a a me deixar sozinha.

— Não foi isso que eu quis dizer... — Tenta desculpar-se.

— Tudo bem, mãe. Já pedi desculpas por não ser sua bonequinha. Agora, se me der licença.

— Tudo bem, filha. Te espero lá embaixo com seu pai. Raul virá pra ir com a gente?

— Hunrum — respondo.

— Certo — diz ela cabisbaixa e sai.

Respiro fundo e sento-me de frente para minha penteadeira antiga, assim que ela bate a porta.

Meu pai quase sempre está certo sobre as coisas que diz, como quando sugeriu que eu poderia gostar do que minha mãe comprou pra mim, ele acertou. Eu amei o vestido. Entretanto, ela parece não me conhecer tão bem quanto ele fez parecer, ou até pode ser que ela me conheça, o problema é que ela não gosta/aprova o que vê e apesar de eu fazer de conta que não me importo, isso dói.

Pego minha nécessaire de maquiagem, pequena e prática, com tudo de que preciso: bb cream, gloss, pó compacto e protetor solar.

Por que eu precisaria de mais do que isso? — penso analisando minha aparência no espelho assim que termino.

Minha pele é negra, apesar de as pessoas insistirem em dizer que sou “morena” e, os hormônios nunca foram um problema para minha pele, ela é lisa como a de um bebê. Minhas sobrancelhas são grossas e uma de minhas poucas “ vaidades”. Não abro mão de um bom designer. Meus cílios são cheios, longos e escuros. O contorno dos meus olhos é bem marcado por si só, parece até que nasci com eles delineados então, não entendo o porquê de usar algo além do que já uso. Desnecessário. E eu odeio perder tempo.

Levanto-me da cadeira, passo as mãos no meu vestido colocando-o em

seu lugar e solto o cabelo que estava em um coque alto, deixando cair naturalmente para o lado e passo as mãos moldando-o. Coloco dois pares de brincos discretos e estou pronta. Aparentemente, pelo menos. Porque se há uma coisa que não estou nesse exato momento, é pronta para enfrentar essa noite.

— Bom, é isso — digo em tom baixo para mim mesma, dando as costas para o espelho, caminhando apavorada em direção à porta do meu quarto.

Assim que chego ao andar de baixo, deparo-me com meus pais e Raul, que já chegou. Ele está bonito. Usa uma calça de brim escura com uma camisa de botões azul marinho, com as mangas dobradas até o cotovelo. Seu cabelo está todo penteado para trás e seus olhos azuis ficam ainda mais brilhantes quando ele me vê.

— Uau, morena... Você está maravilhosa! — diz Raul, com um sorriso meio embasbacado, surpreso. Eu até me ofenderia com a surpresa, mas essa é a primeira vez que ele me vê com algo diferente de jeans e camiseta, então é compreensível.

— Meu Deus, moleca! Você está deslumbrante! Eu te falei para dar um pouco de crédito à sua mãe. O vestido ficou perfeito — afirma meu pai.

— Você está linda, filha — elogia minha mãe com um sorriso discreto.

— Bom, agora que todos já apreciaram a vista e fizeram suas considerações, podemos ir? — chamo com o coração explodindo de tão forte que bate.

— Claro! Vamos? — concorda Raul, caminhando até onde estou e estende a mão para mim.

— Então, vamos — diz meu pai, abrindo a porta e mantendo-a aberta, esperando que todos saiam. — Nossa filha se transformou em uma mulher linda, não foi, amor? — Ouço meu pai cochichado com minha mãe, assim

que atravessamos a porta.

— Sim, querido. Apesar de eu não me conformar com o que ela fez com o cabelo, ela acabou com ele com esse corte esquisito, praticamente raspando a lateral da cabeça, e não entendo qual a necessidade desse negócio atravessado na orelha esquerda dela.

— Se chama piercing, querida — explica meu pai. — Os jovens gostam. Estava pensando em colocar um no supercílio direito, o que acha? — diz ele quase gargalhando.

— Você não faria uma sandice dessas, faria? — questiona ela baixinho, assustada, enquanto caminhamos até o carro e me permito sorrir com o bom humor do meu pai e a caretice da minha mãe.

Eles são tão diferentes e parecem lidar tão bem com isso! Será que eu conseguiria ser feliz com uma vida assim? — penso, olhando para Raul sentado ao meu lado no banco de trás do carro sem tirar o sorriso largo do rosto. Bom, talvez eu descubra isso um dia. Concluo meus pensamentos e logo depois sinto o medo e a ansiedade encherem minhas veias.

Mais alguns minutos. Mais uns poucos minutos para duelar contra meus sentimentos e sinto meu corpo tremer apavorado.

Esconder-me da Vicky na adolescência, quando eu ainda podia me apegar a “bagunça de hormônios juvenis”, já era difícil, imagina agora que sou uma mulher adulta e consciente de que sempre a quis. Imagina agora que não tenho como fugir.



Vicky



Vicky (Disponível)

vih_leal@hotmail.com

Encontrei-me, assim que reencontrei você.



Mari (Disponível)

mar_e_ana@hotmail.com

Finalmente nos encontramos.

Estou nervosa. Minhas mãos suam. Meu corpo inteiro treme com a ansiedade e não consigo manter-me estável em cima dos meus saltos, como se essa fosse a primeira vez que os usasse na vida. Meu coração bate tão forte e acelerado que poderia jurar que estou tendo um ataque de pânico, mas sei que esse “ataque” não é de pânico, é de Mari. Não dela propriamente, mas de todos os sentimentos acumulados ao longo dos anos que não sei se vou conseguir controlar quando estivermos cara a cara. Estou com medo de assustá-la.

Faltam cinco minutos para liberarem a exposição e ela ainda não chegou. Estamos paradas, Fabrícia e eu, próximo a entrada do salão de exposição, e há algumas pessoas e fotógrafos no entorno, esperando a liberação da visita e a chegada dela.

— Miga, você está bem? — pergunta Fabrícia com olhos preocupados. — Parece que vai desmaiar!

— Só estou nervosa e morrendo de medo. Nada demais — respondo

com um sorriso sem graça. — Você acha que estou bonita, miga? — questiono insegura.

— Um tesão de tão linda — responde ela ao meu ouvido, arrancando-me uma risada, dando alguns tons de descontração ao ar de ansiedade que quase me sufoca. O filtro dela ficou ainda pior depois que ela “saiu do armário” pra mim.

— Sai daqui! — brinco, dando uma tapinha em seu braço, ainda sorrindo, e então, meus olhos encontram olhos negros e marcantes, assim como pouco mais de nove anos atrás. A diferença é que agora eu sei seu nome: Mari.

Inexplicavelmente, todas as pessoas, o barulho das vozes, o ranger da porta gigante de madeira ao abrir-se finalmente para que possamos entrar, somem. Não existe mais nada entre os olhos de Mari e os meus.

Nossos olhos não desgrudam. Igualzinho àquele primeiro dia de curso eles não se perdem ou vacilam. Nenhuma das duas pisca, nem uma das duas sorri. A gente só contempla uma a outra. Dessa vez, aprecia, ao invés de avaliar. Estamos há uma certa distância, mas é impossível não notar o brilho naqueles olhos escuros e intensos, quase devorando-me, pedacinho por pedacinho.

Como é mesmo que puxa o ar para dentro dos pulmões?

— Eita! Que mulher é essa? Ela é ainda mais linda pessoalmente! Porém, eu ainda prefiro você. Se não der certo com ela, minha proposta ainda está de pé, hein? — cochicha em ar divertido, sua voz lembrando-me de que Mari e eu não estamos sozinhas. Sorrio mais uma vez, dando-lhe outro tapa em seu braço e noto Mari desviar os olhos para Fabrícia, franzindo as sobrancelhas.

Então, a movimentação ressuscita. Os fotógrafos que estão fazendo a cobertura do evento a cercam. Seus pais a acompanham, junto com Raul que

está de braços dados com ela.

Mari volta-se para Raul e sorri para ele, de lado, e não sou capaz de ver se foi um dos seus sorrisos forçados ou genuínos. *Merda*. Olhar para os dois juntos faz meus olhos arderem.

Essa é a primeira vez que vejo Mari com alguém. Meu peito agora queima, aperta, dói. E o que antes achei ser um ataque de pânico, evolui para um ataque cardíaco.

Os organizadores nos direcionam para dentro do salão, enquanto ela permanece do lado de fora com seus pais, Raul e os fotógrafos, e minha vontade, é a de sair correndo, agarrá-la pela mão, e levá-la para longe de todos, roubando-a só pra mim.

— Quem é o ator [*Hollywoodiano*](#) que não desgruda dela e nem para de sorrir? — pergunta Fabrícia enquanto entramos, dando uma olhada nada discreta para trás em direção a eles.

— Eu não te disse que Mari tinha um namorado, não é? — pergunto desanimada — Pois é, é ele. Ele se chama Raul, é multimilionário e lindo como um ator de cinema. Acho que é fácil fazer as contas da equação “Fica quieta, Victoria”.

— O quê?! Amiga, ele parece que está em um comercial de creme dental que nunca chega ao fim! Que medo! Ele é real? Tem certeza? — exagera ela, tentando me animar, mas a verdade é que acho que não tenho a menor chance contra esse cara.

(Mari)

Eu tentei me preparar para isso. Tentei me blindar para que nenhum dos meus sentimentos pudesse escapar de dentro de mim e, tentei ainda, preparar-

me para a dor que conheço tão bem. Aquela que preciso lidar quando vejo os olhares apaixonados da Vih destinados para alguém que não sou eu. Porém, estou quase entrando em parafuso e os dois motivos principais são:

Primeiro: Eu soube, assim que nossos olhos se encontraram, que nenhuma tentativa ou esforço será capaz de conter esse rio de sentimentos que ameaça sangrar para fora de mim. *Isso vai dar ruim.*

Segundo: Meu coração não conseguiu bater aliviado quando vi que o “alguém” não se trata de um cara, porque essa garota ao lado dela, foi capaz de arrancar mais de um sorriso sem graça da Vih, e eu percebi a maneira como ela pegou sua cintura ao cochichar ao seu ouvido. O ciúme faísca em minhas veias. *Caralho, isso vai dar muito ruim. Vai dar merda. Certeza.*

Sigo para um espaço reservado, em um ângulo estratégico, de onde farei a abertura oficial da exposição. Raul não desgruda o braço do meu, começo a me sentir sufocada, e respiro um pouco aliviada, assim que Raul é convidado a se juntar aos outros, para que eu possa fazer a abertura da mostra.

O salão está confortavelmente cheio. Alguns conhecidos misturados a grande maioria de pessoas que vieram apenas para apreciar meu trabalho e eu me sinto contente ao notar que existe um bom número de pessoas em Fortaleza que apreciam eventos como esse.

— Boa noite, meus queridos de Fortaleza! — começa o organizador do evento.

Passo os olhos pelo salão, parando assim que meus olhos batem nos da Vih e ela faz um cumprimento com a cabeça, e sorri. Meu coração acelera um pouco mais e eu me desespero ainda mais com o quanto eu estou fodida.

Ela está em pé, no canto esquerdo, com a amiga ao seu lado. *Merda, ela é bonita. Será que Vih a acha atraente? Caralho... O que eu estou pensando? Por que Vih acharia uma mulher atraente?*

Vih olha para mim e seu sorriso fica mais largo. Sorrio de volta, então ela faz alguns acenos discretos com a cabeça para a direita, como se quisesse me dizer algo, mas não sou capaz de entender.

— Mariana? — chama o organizador com um sorriso envergonhado, entregando o microfone para mim. E só então percebo o que Vih tentava me dizer.

Ah, meu Deus... que mico! — penso.

— Boa noite, pessoas! — começo — Desculpem a cara abobada e a falta de jeito, mas é por eu ainda estar meio embasbacada com o tanto de gente bonita aqui presente — desculpo-me, olhando fixamente para Vih. — Bom, para quem não me conhece, sou Mariana Fontenele, tenho vinte e quatro anos e sou natural de Fortaleza. Sempre fui apaixonada por fotografia e, aos dezessete anos, decidi que fotografar é o que eu quero fazer pelo resto da vida. Formei-me na Faculdade de Belas Artes de São Paulo e essa é a exposição “Meu Ceará, Meu Sol”, onde tive a felicidade de capturar o mesmo sol se pondo na sua forma mais linda em diversos lugares do nosso estado, mostrando que somos muito além das cidades litorâneas. Enfim, vou parar de falar, até porque não sou tão boa com palavras, então, sejam bem-vindos a conhecer meu Ceará da forma como o vejo.

(Vicky)

O som de aplausos acalorados preenche todo o ambiente e eu transbordo em admiração e orgulho pela mulher e profissional que Mari se transformou.

Pessoas e fotógrafos a cercam, e apesar de estarmos no mesmo ambiente depois de tantos anos a quilômetros de distância, sinto como se ficasse cada vez mais difícil chegar perto dela.

Mari é atenciosa com todos que pedem sua atenção, porém, seus olhos estão sempre em mim, seguindo-me enquanto passeio entre uma fotografia e outra. Eu quero tanto tocá-la que minha pele formiga, e, o desespero por não saber como chegar até ela só aumenta mais pela quantidade de pessoas que a cercam; principalmente por Raul que não desgruda, parado ao seu lado como um cão de guarda.

— Cuida na fuga! — exclama Fabrícia ao meu lado, puxando-me pela mão em direção a muvuca ao redor de Mari.

— Ei, espera... Não... Eu... — resisto discretamente as suas investidas, tentando me libertar de seu aperto.

— Vicky, você sabe que essas pessoas não vão evaporar, não é? Vai ficar assistindo de longe, é? — indaga ela, parando de caminhar e virando-se para mim. Sua cara carrancuda e suas mãos na cintura.

— Tem muita gente em volta! Não é melhor esperar diminuir um pouco o aglomerado de pessoas em volta dela? — Olho para ela apavorada.

— Menina, relaxa! Você não vai se declarar pra ela nem nada. Ainda não... A não ser que queira... Tá pensando em algo? Eu te ajudo! — diz ela com ar malino. E eu espero que ela esteja brincando.

— Você tá louca? — questiono arregalando os olhos.

— Ah, certo. Tudo bem. Estou brincando. Porém, ou você vem comigo até ela agora mesmo, ou vou sozinha. E não estou prometendo que vou me comportar — diz em tom de aviso, olhando para ela com ar diabólico.

— Pode ir tirando esses olhos maliciosos da minha Mari, okay? — advirto dando-lhe outro tapa em seu braço e noto que ele começa a ficar avermelhado em sua pele branca.

— Ai! Vou ficar com hematomas! — diz ela esfregando o braço — E agora é minha Mari, é? Pois acho bom você me acompanhar, ou em breve você estará dizendo: Mari da Fabrícia — ameaça com uma piscadela e sai

andando sem olhar pra trás e eu a sigo. Nem morta vou deixar ela perto da Mari sem que eu esteja junto.

(Mari)

Observo Vicky com a amiga e percebo um clima estranho. *Elas estão brigando?* — penso, tentando ganhar um pouco de ar para mim, já que Raul respira metade da parte que cabe no meu espaço pessoal, de tão perto que se mantém de mim.

— Acaso você está passando mal? — pergunto a Raul baixinho, próximo ao seu ouvido.

— O quê? — questiona confuso, sem tirar o sorriso atencioso do rosto para as pessoas que não param de se aproximarem, uma após outra.

— Do jeito que está me segurando, achei que estivesse tentando apoiar-se para não desmaiar, ou sei lá. Eu não vou sair correndo! Me dá um pouco de espaço porque acho que até o ar está vindo menos para o meu lado, com tanta proximidade. O que deu em você? — questiono incomodada.

Meu Deus! Parece que isso não vai acabar nunca, e, além de eu não ter a menor paciência para essa coisa de “fazer a social”, só tem uma pessoa deste espaço com quem gostaria de estar e agora que vejo-a caminhando em minha direção sinto o sangue descer para minhas pernas, deixando-as instáveis.

— Vih?! — digo seu nome em voz alta, quando a vejo parando a uma curta distância de mim, tentando encontrar um jeito de chegar mais perto.

Observá-la assim tão perto me causa uma reação insana do caralho e eu não sei mesmo como explicar. Eu tenho medo de para onde meus olhos se levem a olhar, ou o que minhas palavras resolvam confessar.

Ela é tão linda! — penso, enquanto aprecio as mudanças que a

maturidade trouxe para ela, e grata pelo tempo e a vida não ter tirado a expressão quase ingênua de seus olhos. Sempre fui fascinada pela falta de malícia com que Vih olhava para o mundo a sua volta.

Ela está com um vestido floral cor de rosa que vai até um pouco abaixo do meio de suas coxas. O vestido tem a saia rodada, um tecido leve e esvoaçante, com um ombro só. Em seus pés, há um par de sandálias douradas com tiras finas, com um salto alto e fino, do tipo que eu jamais me atreveria a usar, não se eu quisesse me manter de pé, pelo menos.

Seus cabelos estão trançados lateralmente, com sua franja caindo para o mesmo lado, contornando seu rosto afilado.

O silêncio fez-se assim que chamei o nome dela e continuou por alguns segundos, tempo suficiente para eu sorver os detalhes que a distância não me deixava.

— Desculpem, mas vocês me dão licença um minuto? É uma amiga de infância — peço, começando a sair do ciclo em que estava para chegar mais perto dela que está parada sorrindo pra mim.

As pessoas abrem espaço para que eu possa passar, e logo depois Raul está novamente com o braço enganchado ao meu, fazendo meu corpo todo tencionar.

— Você poderia me deixar respirar, por favor? — peço entredentes, mas não temos tempo para que ele retruque, porque agora, Vih está literalmente na minha frente.

(Vicky)

— Mari! — digo seu nome em uma mistura de animação e timidez e a abraço com força, permitindo que o desejo de estar envolta nos seus braços vença qualquer regra de etiqueta ou receio do que possa aparentar.

Fecho meus olhos e sinto seu perfume invadir meu nariz entrando no meu corpo e trazendo-me lembranças dos melhores anos da minha vida.

Você já ouviu falar que quando estamos prestes a morrer, nos segundos finais, toda a nossa vida passa em um flash? Pois é, acho que morri. Estar dentro dos braços da Mari nesse exato momento causa esse efeito em mim, só que a retrospectiva é exclusiva dos últimos meses de dois mil e três ao início de dois mil e cinco, do dia em que a conheci até o dia em que ela foi embora.

Estava tudo ali. Todas as respostas de que eu precisava e, após minha experiência de “quase morte”, pude entender o que sempre fomos e sentimos uma pela outra. Agora tudo faz sentido. Agora não há mais como recuar.

— Nossa! Alguém estava com muitas saudades, hein? — Ouço uma voz masculina e presumo ser de Raul. Meu corpo antes aquecido e confortável, gela.

— Você não poderia fazer ideia do quanto — responde Mari, afastando seu corpo do meu apenas o suficiente para que ela possa olhar nos meus olhos — Tantas saudades que nem mesmo uma vida inteira seria capaz de aplacar — completa sem tirar os olhos de mim, e sinto minha boca secar.

— Eu imagino, amor — diz ele alheio ao fora que acabou de levar — Elas são amigas de infância, sabe? — explica ele sem graça para Fabrícia.

— Eu sei, também posso imaginar. Inclusive acho que deveríamos poupar o pouco tempo que elas têm e dar mais espaço para elas, não acha? — sugere ela em tom descontraído, como quem não quer nada.

— O quê? — questiono sem graça, me arrependendo de ter aceitado o conselho de Fabrícia em relação ao penteado, desejando mais do que nunca ter meus cabelos soltos para puxá-los para frente do meu rosto. *Vou matá-la* — Ela está brincando, não liga pra ela — explico tentando amenizar a situação que minha amiga indiscreta e louca criou. — A propósito, eu sou

Vicky, mas isso você já sabe, não é? — Apresento-me soltando um riso meio desafinado, e noto Mari sorrir largamente. A danada ainda consegue divertir-se com meu desespero.

— É um prazer conhecer pessoalmente a amiga da minha namorada com quem ela troca tantos segredos sempre que não estou por perto. Espero que ela não tenha focado apenas nos meus defeitos — brinca ele, mas nem mesmo eu consigo rir da piada sem graça, e olhe que meu riso sempre foi fácil.

— Não se preocupe, Raul, — Mari começa dizendo o nome dele com uma entonação diferente, quase imperceptível, mas sei que ela está incomodada e se esforçando para não xingar — sempre temos tão pouco tempo para nos falar, que quando o fazemos, aproveitamos para falar apenas sobre coisas interessantes. — Tranquiliza-o em tom sarcástico.

— Eu gostei dela — diz Fabrícia, divertindo-se. — Prazer, Mariana Fontenele, a fotógrafa, sou Fabrícia Moura, a enfermeira chefe, e ex-colega de apartamento de Vicky — brinca, estendendo a mão para Mari, que sorri, e as duas trocam beijinhos no rosto uma da outra em cumprimento.

— O prazer é meu, enfermeira chefe. — Mari diz com o tom de voz claramente mais relaxado.

— Bom, eu continuo sendo Vicky, a vendedora de sapatos — tento soar com ar divertido, mas no fundo, sinto-me um pouco inferior as pessoas à minha volta. Mari me encara.

Ela faz menção de falar algo, seu olhar é de irritação e eu preparo-me para o sermão que ela nunca cansa em me dar, mas seus pais aparecem bem na hora, interrompendo-a. *Graças a Deus.*

— Filha! Estávamos te procurando! — diz D. Joana ao se aproximar. — Ah, desculpem. Boa noite, meninas — cumprimenta-nos, Fabrícia e eu.

— Boa noite — respondemos. Eu sem graça ao revê-la. A mãe de

Mari nunca foi com a minha cara.

— Oi, mãe. Lembra da Vicky? — pergunta ela, recebendo uma expressão confusa como resposta.

— Ah, Vicky! Eu me lembro de você! Você está ainda mais bonita! — diz Sr. Sérgio, pai de Mari. — Não se recorda que Mari vivia na casa da Vicky quando era mais nova, querida? — Lembra-se ele.

— Ah... Sim... Claro. Tudo bem, Vicky? — cumprimenta-me ela com um sorriso forçado, e sinto um frio na espinha devido ao medo que sempre tive da mãe de Mari.

14 de janeiro de 2005

Hoje é o dia do meu casamento e eu ainda estou na cama. A cerimônia que unirá minha vida a de outra pessoa será tão simples, que nem exigirá aquelas coisas de “Dia da noiva” e paparicos que começam logo assim que a noiva abre os olhos no tão esperado grande dia.

A cerimônia está marcada para as 17hs. Irei casar apenas no cartório e um jantar para os familiares e amigos mais próximos será oferecido para comemorar, logo mais à noite. Eu deveria estar absurdamente feliz, não? Entretanto, o que sinto é nervosismo, ansiedade e medo. Porém, dizem que isso é normal em um dia como o de hoje.

Talvez o nervosismo e a ansiedade estejam me impedindo de me sentir feliz, porque eu de fato não me sinto. O que sinto é um peso no peito, sempre que me lembro dela e, esse peso nunca vai embora, porque estou sempre pensando nela, hoje ainda mais do que nos outros dias.

Levanto da cama. São 08h37min e tenho pouco mais de oito horas para selar minha vida a de outra pessoa. Respiro fundo. Preciso vê-la — decido e vou para o banheiro, preparando-me para ir à casa de Mari.



Mari



Vicky (Disponível)

vih_leal@hotmail.com

Só queria alguém para me completar e encontrei aquela que me transborda.



Mari (Disponível)

mar_e_ana@hotmail.com

Eu só quero viver. Só aproveitar cada segundo. Não é por isso que estamos vivos, afinal?

Depois que meus pais apareceram, eles me carregaram para uma maratona de histórias que não me interessam.

Quase três horas tentando ter um momento mais próximo da Vih, mas tudo que consegui, até agora, foi descobrir que minha capacidade de ser paciente é bem maior do que eu pensava.

Não aguento mais ouvir as atualizações das vidas de conhecidos, conhecidos de conhecidos, primos do filho da tia avó de sei quem lá; sobre todos esses anos em que estive fora. Eu nunca vou entender a capacidade que a maioria das pessoas têm de passar horas falando da vida dos outros e, sinto que estou a menção de um filho pra surtar.

O fim da exposição se aproxima. O grupo de apoio dos organizadores começa a anunciar, discretamente, o fechamento da mostra para visitação e as pessoas começam a se preparar para saírem.

Vejo Vicky e Fabrícia começarem a caminhar em direção a porta, Vih sem tirar os olhos dos meus. Faço um aceno discreto, e sei que ela vai me

esperar lá fora, assim que ela faz um sinal afirmativo com a cabeça.

Sinto os olhos do Raul em mim, assim como os da minha mãe e o clima fica desconfortável.

— Bom, parece que temos que ir, não é? — digo, interrompendo o monólogo de uma conhecida de minha mãe, que honestamente não faço ideia do nome ou do que ela esteja falando.

— Então, pois é — responde a mulher que deve ter cerca de cinquenta anos, bem vestida e meio rechonchuda. — Foi um prazer enorme rever você, Mari. Seu trabalho é incrível e você é extremamente talentosa. Parabéns, Joana! Você fez um ótimo trabalho na criação de Mari. Deve se sentir muito orgulhosa! — Especula ela.

— Sim! Somos imensamente orgulhosos de nossa filha — afirma minha mãe com a boca cheia, o peito inflado. — Imagina como ficarei quando Mari finalmente resolver me dar uns netinhos! — diz com ar sonhador.

— Se depender de mim, não demora muito, D. Joana! Sou louco por crianças e sempre quis ser pai. — Intromete-se Raul, embrulhando meu estômago ao plantar a cena do que eles acreditam ser um “lar”.

— Posso imaginar, rapaz — fala meu pai em voz firme — Tenho certeza de que você quer muito fazer filhos na minha moleca, mas por favor, não demonstre tanta empolgação. Eu sei bem como os filhos são feitos e não estou mesmo querendo certas imagens na minha mente. E, além do mais, eu ainda não conheço você.

O clima antes desconfortável fica tenso. Olho para meu pai, meio cismada, sem acreditar que ele tenha dito algo assim. Meu pai me olha e seus olhos refletem a cumplicidade que sempre tivemos. Ele sempre pareceu me ler sem que eu precisasse dizer uma só palavra. Isso sempre me assustou.

— Sérgio! — repreende minha mãe.

— Ele quem foi indelicado, não eu — defende-se meu pai. — E acho que eles só estão nos esperando para fecharem tudo e irem para suas casas, estamos atrapalhando — diz, apontando para o pessoal que trabalhou durante o evento, parados meio sem graça, sem coragem de expulsar a fotógrafa renomada.

— Papai tem razão — concordo. — Vou apenas me despedir do Felipe, e agradecer a oportunidade — aviso virando-me para ir até o curador do Centro Cultural.

— Vou com você — oferece-se Raul.

— Não precisa — digo já de costas, inclinando o rosto apenas o suficiente para olhar em sua direção. — Aliás, não vou para casa. Melhor você voltar para o hotel. Acho que meus pais podem te dar uma carona — aviso e saio sem esperar pela resposta de nenhum deles.

Foda-se. Paciência tem limite. Eu tenho limites — penso, e pela primeira vez na vida decido fazer o que realmente quero sem pensar sequer meia vez a respeito.

Agradeço ao Felipe o mais brevemente possível e sinto meu corpo suar e tremer de ansiedade e medo, mas já decidi o que fazer e não vou voltar atrás.

Passo pelos funcionários que fazem a limpeza do local e respiro aliviada por não ver nem meus pais e nem Raul a minha espera. Sorrio e quero gritar. Eu ainda não sei como ou o que vou dizer ao certo, mas essa noite não será de receios e nem de esconderijos. Não para mim, não para nós.

Eu estou pronta para o hoje e foda-se o amanhã — digo a mim mesma. Porém, assim que saio para o ar fresco, fora das paredes de concreto, sinto minhas forças racharem, quando vejo Vicky, Fabrícia, meus pais e Raul, juntos, em uma conversa claramente engessada entre eles. *Porra!*

(Vicky)

Cinco minutos. Fazem mais ou menos cinco minutos que os pais da Mari e Raul se aproximaram da gente, e me sinto como se eu fosse uma acusada e eles a inquisição. A eles, me refiro ao Raul e D. Joana.

“Estão esperando alguém?”; “Você não havia se casado? Onde está seu marido?”; “Não é tarde para duas moças estarem sozinhas na rua?”; “Querem que eu chame um táxi?”.

Fabília respondeu a maior parte dos questionamentos, ao menos os que não foram explicitamente direcionados à mim.

Olho em direção a porta que dá acesso aos salões de exposição e solto um suspiro de alívio e temor, ao ver Mari vindo em nossa direção.

— Ei, oi! — diz ela em um tom descontraído. No entanto, a conheço bem demais pra deixar de notar a tensão à sua volta — Achei que já tinham ido. — Pondera, trocando o olhar entre os pais e Raul, e vira-se para mim. — Vamos, Vih? — chama e eu arregalo os olhos.

Vejo D. Joana e Raul trocarem olhares de alerta. Seu Sérgio de... *entendimento*? Fabília de empolgação e, o meu olhar, acredito que esteja transbordado em medo. Não sei se estou pronta para o que quer que seja, apesar de saber exatamente o que meu coração, meu corpo e tudo o que mais exista em mim, quer: Mari. Minha. Exclusivamente. Encaro-a. Minha boca seca.

Sinto minha pele pinicar com um arrepio cobrindo cada centímetro dela, e meus olhos arderem com as chamas que se formam neles, quando lembro das sensações que Mari era capaz de proporcionar ao meu corpo. Não sou mais uma menina assustada ou confusa pelos hormônios, e isso me deixa ainda mais nervosa, ao invés de calma.

— Vih? — Mari me chama mais uma vez. Eu continuo meio congelada no lugar, com o olhar duro de D. Joana me dizendo “Não se

atreva”. Eu não sei se posso com ela. Ela é intimidadora. Não de um jeito atraente como Mari, mais de um jeito “*É melhor não ficar contra mim*”.

— Bom, foi um prazer conhecer vocês! — diz Fabrícia, cortando o vácuo que deixei flutuando, em tom de despedida. — Então, vambora comemorar o sucesso desse evento como só garotas sabem fazer? — convida em tom animado, como se estivesse totalmente alheia a tensão a nossa volta.

— Mari, — começa D. Joana — Você não pode deixar seu namorado sozinho assim...

— E o que ele tem? Está doente? Precisando de cuidados especiais, por acaso? — interrompe Sr. Sérgio com ar de tédio. — Querida, apesar de ser o coroa enxuto e disposto que sou, estou querendo mesmo ir para casa, dormir bem e acordar ainda melhor para minha corrida matinal. Então: Raul, caso queira carona, aproveite, estamos indo. Agora.

O tom de voz do pai de Mari é firme e não deixa margem para discussões, mas D. Joana não está com cara de quem vá se deixar vencer e Raul sequer faz menção de falar ou se mover. Ele apenas encara Mari com um olhar estranho que, não posso arriscar sobre do que se trata, já que não o conheço. Estou a uma sílaba de dizer para Mari ir com os pais, quando a voz de Mari interrompe minha boca que já começava a abrir-se.

— Então, estou afim de uma noite de garotas. Não sei o que é isso há anos! Vih, não sei quanto a você, mas estou mesmo com saudades e com muita vontade de colocar nossos assuntos em dia — diz ela sem desviar seus olhos dos meus — Porém, se você tiver muito cansada, acho que vou descobrir o que tem de novo para se divertir em Fortaleza, sozinha.

— Sozinha jamais! — afirma Fabrícia. — Conheço lugares ótimos que abriram recentemente.

As duas se entreolham e sorriem diabolicamente e D. Joana enrugando a testa com ar de reprovação.

— Joana, vamos pra casa, meu bem — chama Sr. Sérgio, indo até Mari. Ele dá um beijo na testa da filha e cochicha algo ao seu ouvido e vejo os olhos de Mari brilharem. Por um instante, pensei que ela iria chorar. — Você vem, garoto? — pergunta ele, olhando para Raul, que continua encarando Mari.

— A gente conversa amanhã, Mari. Espero que saiba o que está fazendo. Espero que se lembre quem você é. — Raul fala em um tom seco, apesar da forma intensa como olha para Mari.

— E não é exatamente essa a questão, Raul? Lembrar quem eu sou? — diz ela sustentando seu olhar. — Boa noite, gente. Pai, cuidado na volta. Mãe, não se preocupe. Confie em mim.

— Então, boa noite. Cuidem-se garotas! — despede-se sr. Sérgio, segurando a mão de sua esposa e levando-a para o carro, ela o seguindo claramente contrariada, resmungando coisas ininteligíveis pelo caminho, com Raul logo atrás.

Inspiro o máximo de ar que consigo logo depois soltando um suspiro de alívio, sentindo a leveza que o ar acaba de ganhar, agora que eles se foram.

— Não se preocupe, tia! Sou uma ótima cuidadora de bêbados! Seguro o cabelo e tudo quando vão vomitar! — grita Fabrícia, e Mari rir alto. Uma gargalhada genuína e alegre, como as que ela costumava soltar, de vez em quando, quando éramos adolescentes.

— Sérgio! Você ouviu isso? — Ouvimos a voz alarmada de D. Joana ao longe, e a risada do Sr. Sérgio logo em seguida e então, Mari estende a mão pra mim, nossos dedos se entrelaçando assim que nossas palmas se tocam, e uma sensação de completude me preenche.

O caminho foi silencioso, do Dragão do Mar até aqui. Um silêncio

confortável e respeitado por Fabrícia, que, por incrível que possa parecer, sabe ficar quieta quando é realmente necessário.

Nossas mãos não se soltaram enquanto estávamos no banco de trás do carro da minha amiga, que não se incomodou em nada em ser nosso chofer. Foram vinte e cinco minutos de toques discretos na palma da minha mão, sorrisos sem graças e satisfeitos, e olhos brilhando, para enfim chegarmos a minha casa.

Quando abro a porta do *studio* em que moro, meu coração parece galopar como um cavalo selvagem no meu peito e minha respiração está ofegante, quase me impedindo de respirar direito, e apesar dos três lances de escadas que subimos pra chegar até aqui, sei que não foram eles que causaram essas reações em mim.

— Que maneiro seu cantinho, Vih! — elogia ela, indo direto para a janela que fica acima da cabeceira da minha cama. — Uau! É quase como estar no seu antigo quarto! — admira-se, olhando através dela para o movimento da rua e eu permaneço parada no meio da sala/quarto/cozinha, sem saber o que fazer ou falar. Sem nem mesmo saber onde colocar as mãos.

(Mari)

Viro-me em direção a Vih e vejo-a parada, sorrindo sem jeito. É engraçado. Somos as mesmas pessoas. Somos Vicky e Mari. Amigas, companheiras que se conhecem praticamente da vida toda, porém o ar a nossa volta é esquisito, como se tivéssemos acabado de nos conhecer. Mas um esquisito bom.

— Você se lembra, Vih? — pergunto, sentando-me em sua cama, em um convite para que ela sente-se comigo. — Lembra-se de como eu adorava aquela janela do seu antigo quarto? — digo com um sorriso aberto, sincero, feliz com as lembranças que me enchem a cabeça e por ter ela assim

novamente, tão perto de mim.

— Você não perdia uma chance de ir pra lá — afirma ela, com um sorriso saudoso, sentando alguns centímetros longe de mim, ainda sem graça. Aproximo-me.

— Eu adorava tudo naquele quarto, porque tudo nele era seu. Cada canto, cada detalhe. Aquela janela, as cores das paredes, os pôsteres da Britney Spears... Era como estar dentro de um mundo só seu, que eu acabava por tomar como nosso, entende? — explico segurando suas mãos, nossos dedos entrelaçando-se imediatamente, seguindo os movimentos que conhecem tão bem e que sempre me trouxe paz.

— Quanta saudade, Mari! — Vih declara, puxando-me para um abraço, jogando suas pernas sobre as minhas para que seu corpo consiga alcançar cada pedaço do meu. Sinto o cheiro do perfume floral de sua pele, do frutado de seus cabelos e preciso de mais.

Passo o nariz por seu ombro, subindo lentamente por seu pescoço, inalando pausadamente, saboreando cada parte de sua pele exposta, soltando a respiração ao pé de seu ouvido, sentindo-a estremecer e os pelos de seus braços se arrepiarem sob minhas mãos que a acariciam.

Sinto nossos corações bater em uma disputa de qual bate mais forte. Nossos peitos estão pressionados um contra o outro, e por alguns instantes, me confundo sobre qual é a batida que vem de dentro e qual a que cutuca meu peito tão forte, do lado de fora.

— Mari... — Vih sussurra meu nome, se desenroscando de mim, deitando-se de bruços ao meu lado na cama, começando a puxar o zíper de seu vestido.

— Por favor... — pede — Somos nós. Quero que sejamos nós. Podemos ser como sempre fomos: Vicky e Mari. Lembra? — pergunta e sei exatamente o que ela quer.

— Sempre — respondo ajudando-a a descer o zíper até o fim, e ela passa os braços pelas alças do vestido, expondo as costas nuas. — Eu lembrei em todos os malditos dias que estive longe — confesso, dando o primeiro beijo na curva de suas costas, sentindo meus lábios queimarem com o calor da pele dela, observando suas mãos apertarem a colcha da cama. — Você, nós, isso... — continuo falando, entre beijos, lambidas e cheiros, cobrindo com a boca toda a extensão da pele desnuda de Vih: costas, ombros, pescoço e orelha. — Nem mesmo se eu sofresse de Alzheimer eu seria capaz de esquecer você, Victoria. Eu amo você, Vih. Sempre amei. Não deixei de amar por um único segundo sequer e sei que jamais irei deixar — declaro ao seu ouvido, deitada sobre suas costas, pela primeira vez me deixando fluir em um choro de alívio, de liberdade.

Eu já disse outras vezes para Vih que a amo, mas dessa vez é diferente porque eu sei exatamente de que maneira esse amor preenche cada célula do meu coração. Eu a amo como meus pais se amam. Como nunca fui capaz de amar mais ninguém.

(Vicky)

Sinto as lágrimas da Mari molharem a lateral do meu rosto, enquanto as minhas molham a colcha da minha cama.

Ouvir as confissões dela causa uma bagunça de sentimentos e reações, dentro e fora de mim; sinto alívio por ela sentir o mesmo que eu; medo por nos amarmos da forma errada; ansiedade por não saber como viver esse amor indevido; mas acima de tudo isso, sinto o desespero por não ser mais capaz de adiar o momento em que finalmente vou descobrir o sabor dos lábios dela.

Movo-me debaixo de Mari, dando a ela a deixa de que quero virar para ficarmos frente a frente. Mari alivia o peso de seu corpo, permitindo que eu

role por cima dela. Eu sem me importar que ela veja meus seios desnudos e meu vestido enrolado abaixo da minha cintura.

— Eu também amo você — confesso — E estou cansada demais de fugir disso. — Desabafo com um sorriso de alívio, assim que ela ergue o corpo e seus lábios roçam nos meus.

— Eu vou te beijar agora, eu posso? — pede ela com a voz trêmula, seus olhos ainda úmidos olhando nos meus. Faço um sinal afirmativo com a cabeça e então, estamos nos beijando.

Assim como nossas mãos, nossos lábios se encaixam perfeitamente, parecendo saber cada passo da coreografia do beijo que nunca foi experimentado antes. E eu finalmente descobri de que gosto é a boca da menina marrenta e intimidadora de olhos desafiadores, que nunca usa batom: chocolate quente. Doce, consistente, e capaz de me aquecer de dentro para fora.



Vicky



Vicky (Disponível)

vih_leal@hotmail.com

E se, como um passe de mágica, você voltasse no tempo para melhor época da sua vida, e tivesse a chance de torná-la ainda melhor?



Mari (Disponível)

mar_e_ana@hotmail.com

Parece que dentre todos os meus talentos, o de fazer mágica é o melhor. Desculpa, não é presunção, só verdades.

Os lábios de Mari pressionados aos meus reverberam em todo o meu corpo, até as partes mais impensadas e inapropriadas, também. Sensações deliciosas que me fazem contorcer e arfar, e, os beijos antes entornados por um amor puro e casto, começa a receber salpicos de desejos, ardores e luxúria, fazendo minha cama parecer em chamas e lembrando-me que estamos longe de sermos aquelas adolescentes com medo do próprio corpo e vontades.

Nunca imaginei que nossa pele fosse capaz de falar. Entretanto, minha pele grita, quase esbraveja, reivindicando ser tocada, ao mesmo tempo em que quer sentir cada centímetro do corpo de Mari; e apesar de não estar nem um pouco segura de minhas próprias ações, e, dos receios de estarmos adentrando em um lugar novo e deliciosamente desconhecido, permito-me guiar pelos gritos ensurdecadores.

Perco-me de seus lábios apenas para percorrer minha boca por seu queixo, descendo por seu pescoço, beijando e sugando sua pele exposta. Puxo delicadamente a manga de seu vestido para ter acesso a curva de seus ombros

e sinto a respiração de Mari acelerar, assim como nossos corações em nossos peitos.

Sua pele é tão macia que meus lábios deslizam fáceis. Ela tem um cheiro incrível. Inspiro profundamente, guardando seu perfume de lavanda, roçando meu nariz docemente, fazendo o caminho contrário, de volta a sua boca. Beijo-a com mais ardor e sinto as mãos de Mari passeando sobre minhas costas nuas, suas unhas arranhando preguiçosamente minha pele, enquanto uma de minhas mãos desce pela lateral de seu corpo.

Mantenho um aperto seguro em sua cintura, enquanto a outra está mergulhada debaixo de sua nuca e meu polegar acaricia a lateral do rosto de Mari, meu cotovelo sustentando parte do peso do meu corpo.

Nossas respirações se tornam cada vez mais ofegantes e enroscam-se uma na outra como fios de brisa quente, fazendo a temperatura subir mais e mais, apesar do vento frio que entra pela janela.

Mari segura meus cabelos sob minha nuca com firmeza, intensificando ainda mais o beijo. Gemidos irrompem timidamente de sua garganta e vejo Mari tentar lutar por autocontrole. Porém, sei que é batalha perdida, assim que sinto a mão livre dela agarrar-se a minha cintura com força, e ouço seu grunhido de desespero, quando ela rola para cima de mim, interrompendo o beijo e olhando nos meus olhos. Os olhos de Mari estão famintos. De amor. E desejo.

(Mari)

A visão da Vicky debaixo de mim me deixa sem fôlego. Sento-me com os joelhos curvados, um de cada lado de seu corpo, completamente desnorteada e incapaz de comandar qualquer parte do meu corpo.

Os cabelos da Vicky, antes trançados lindamente, agora estão uma bagunça assanhada pelo colchão da cama.

Passeio os olhos pelos seus, por seu nariz, lábios e bochechas. Desço por seu pescoço, passo pelos ombros, caio para seus seios, para as auréolas rosadas e os mamilos ouriçados e minha boca seca. Sou consumida por um desejo que me preenche de dentro para fora, fazendo meu corpo inteiro sacudir com tremores de nervosismo e excitação.

Respiro fundo, tentando afastar o medo de fazer algo errado, de assustá-la ao dar ao meu corpo o que ele pede. *Será que ela vai achar estranho?* Volto meus olhos para os seus e vejo uma expressão confusa e insegura se formar em seu rosto.

— Está tudo bem? — Vicky pergunta. Sua voz é baixa, quase como se estivesse com medo da resposta.

— Eu quis você a vida inteira, sabia? — digo, minha voz não passa de um sussurro, porém nunca estive tão segura de minhas próprias palavras. — Quero tanto... — inclino-me para ela, passando meu nariz pelo dela, e, ela beija a pontinha dele, como fazia quando éramos adolescentes. — Estou com medo de fazer algo de que não goste, com medo de te tocar da maneira errada... — confesso, abrindo meus medos para ela.

— Não há uma única parte do meu corpo que não esteja implorando para ser tocada por você, Mari. — Vicky afirma, com os olhos grudados nos meus, nossos narizes ainda se tocando.

Minhas mãos quentes e suadas são um lembrete do nervosismo que atravessa todos os poros do meu corpo, mas eu o enfrento. Passo meu vestido por sobre minha cabeça, dando aos olhos de Vicky todo acesso que eles queiram ter ao meu corpo.

Vejo o peito dela subir e descer com rapidez, e seus olhos passearem, me absorvendo, em chamas. Percorro meus dedos em sua nuca, subindo até os seus cabelos e com um impulso incontrollável, inclino seu pescoço, como um vampiro ouvindo o pulsar do sangue.

De olhos fechados, encosto meus lábios em sua pele, sentindo cada toque, e esperando cada reação de suas mãos que agarram minha cintura.

Roço meus dentes por seu pescoço, mordiscando, sugando, e sou recompensada por um gemido que atravessa meu ouvido, aquecendo minha barriga. Preciso de mais. Muito mais.

Escorrego minha língua até seus seios, fechando minha boca ao redor de um de seus mamilos, sugando-o timidamente, ainda sem ter a segurança sobre meus próprios atos. Porém, sinto meu sexo se contorcer, quando sinto as mãos da Vicky agarrando meus cabelos, puxando-me, levando ainda mais de si para dentro da minha boca, rendendo-se com gemidos e suspiros.

(Vicky)

Sinto as mãos da Mari em cada pedaço de mim. Agora, chegamos ao ponto do desespero, do descontrole. Do caos. Total.

Puxo meu vestido por meus quadris, arrastando minha calcinha junto ao tecido, e arfo assim que sinto a coxa da Mari apertar contra meu sexo, pele contra pele.

Fecho os olhos e ergo meu queixo em direção ao teto, jogando minha cabeça para trás, me deliciando com a sensação da língua da Mari que desce pela minha barriga, chupando e mordiscando tudo pelo caminho.

— Isso é tão... bom! — afirmo com um sussurro. Agarrando seus cabelos, guiando-a para além, para onde preciso. Para a parte de mim que grita e anseia por ela e então, sinto Mari vacilar.

Mari sobe por meu corpo, nos deixando novamente face a face, e vejo insegurança, desejo, amor e medo, girando ao redor de seus olhos.

— Eu preciso que me ajude — diz ela insegura. — Nunca fiz isso... Me mostra como fazer amor com você, Vih? — pede, parecendo uma menina

assustada, parecendo não lembrar que tudo isso é tão novo para mim quanto para ela. — Me mostra como saciar os desejos do nosso corpo?

— Acho que teremos que aprender a nos amar juntas, Mari, porque eu também não sei. Eu só quero sentir você, de todas as formas que puder. Só quero me deixar fluir e fundir meu corpo ao seu. Não importa como.

— Eu estou nervosa — confessa ela, apertando os olhos, frustrada com seu descontrole sobre seu nervosismo.

— Ei, — seguro seu rosto com ambas as mãos, sem permitir que seus olhos se percam dos meus — confia na gente. Confia nesse sentimento louco e verdadeiro que vive dentro do nosso peito e que faz de nós quem nós somos. Somos apenas você e eu. Sem reservas, sem pudores, sem receios ou certo e errado. Você e eu, no mundo inteiro.

(Mari)

Ouvir a certeza da Vicky sobre nós é como uma chave sendo girada na fechadura da cela em que estive presa a vida inteira, libertando-me, puxando-me para a luz do sol depois de vidas nas sombras.

Minha pele inteira incendeia. Beijo-a como se aquele fosse o último beijo de nossas vidas. Vicky me puxa e aperta as pernas em volta da minha cintura, como se realmente quisesse que nossos corpos tornassem-se uma só carne.

Desço minha mão por entre suas coxas, sentindo a umidade de seu sexo encharcar meus dedos, deixando-me ciente de que estou longe de estar fazendo algo que a desagrade e impressiono-me com a quantidade de fluidos que molham minha própria calcinha, sentindo meu corpo quase explodir com o tesão que sai de dentro de mim. Isso é tesão.

Vicky geme, quase choramingando. E por instinto, introduzo um dedo

dentro dela, sentindo seu sexo quente e molhado ao redor dele. Fecho meus olhos. Sensações deliciosas crescem em meu estômago, fazendo minha barriga estremecer.

— Isso... — encoraja-me ela.

Nossos corpos estão encaixados, misturados e bagunçados um no outro. Meus lábios beijam e chupam onde quer que toquem e alcancem. Meu sexo roça em sua coxa, junto com meus movimentos de entrar e sair de dentro dela e sinto que vou enlouquecer se não me permitir ainda mais.

Afasto meu corpo do dela, sentindo a falta imediata que o calor do corpo dela faz ao meu, mas a aflição dura apenas até que eu me livre do pequeno pedaço de renda que forma minha calcinha. Logo estou de volta ao calor dos braços da mulher que amo e sempre amei.

Algo incontrollável invade meu corpo, altera meus sentidos e, sem perceber, já estou completamente fundida aos braços da Vih.

Sinto meu sexo pulsar de encontro a coxa quente e firme da Vicky, meus fluidos marcando sua pele e, de uma maneira que jamais conseguiria explicar, sinto que estou para atingir um ápice que jamais senti antes.

Intensifico as investidas contra Vicky, massageando seu clitóris com a palma de minha mão e ouço-a gritar.

Meus movimentos ficam cada vez mais rápidos e desesperados, sinto meu corpo inteiro sacudir, minha cabeça girar e meus sentimentos misturam-se em uma confusão de prazer e alívio.

Sinto Vih se contorcer debaixo de mim e as paredes de sua vagina apertar-se ao redor do meu dedo, liberando o êxtase em minha mão ao mesmo tempo em que deixo o meu em sua coxa.

Nossas respirações antes aceleradas começam a acalmar-se. Um sono inebriante vai se aconchegando junto a nós.

Beijo seus lábios, descansando meu corpo sobre o dela e minhas mãos

paralisam seu rosto, transmitindo a vontade de fazer o tempo parar naquele instante. Queria ficar aqui para sempre.

— Eu amo você, Vih — digo meio sonolenta.

— De agora e para sempre? — pergunta ela com a voz entorpecida.

— Ao infinito e além — afirmo, puxando-a para aconchegar seu rosto entre meus seios.

— Eu também amo você, Mari.

Respiramos profundamente quase como se ensaiado. Alívio. Paz.

Eu não sei como vai ser quando acordarmos desse sonho. Não quero pensar na vida que tenho fora dessa cama e em todas as razões pelas quais talvez não possamos ter um futuro. A única coisa que quero e que faço, é saborear esse pedaço de céu que acabei de experimentar. E então, dormimos.



Mari



Mari (Disponível)

mar_e_ana@hotmail.com



Vicky (Disponível)

vih_leal@hotmail.com



Acordo com o prenúncio do novo dia trazido pelos primeiros raios de sol que atravessam a janela. Sinto como se o sol nos envolvesse em um abraço caloroso, nos desejando bom dia, celebrando nosso momento, com a gente.

Abro os olhos com um sorriso bobo e preguiçoso nos lábios, satisfeita, apesar de ter consciência do quanto estou fodida por ter dormido fora e pela nuvem da omissão que ainda mantenho comigo. Entretanto, por enquanto convenço-me de que não estou sendo tão filha da puta como me sinto, já que ainda não tenho nenhuma certeza acerca do meu “possível futuro”.

Admiro as curvas que formam a lateral do corpo da Vih, que permanece dormindo, de lado, virada com as costas para mim.

Depois de tanto tempo, depois de tantos anos fugindo dela e de mim mesma, principalmente, permito-me continuar na paz de nossa entrega e descobertas, antes do despertar do vulcão, pronto para entrar em erupção a qualquer momento.

Passo o braço por cima dela, puxando-a para mais perto de mim com o

máximo de delicadeza que consigo. Não tenho a intenção de acordá-la, mas o desejo de sentir ela mais próxima de mim é grande demais e vale o risco.

Vih se move dentro dos meus braços, aconchegando-se ao meu corpo, puxando meu braço e encaixando a bochecha debaixo da minha mão. Meu sorriso se abre ainda mais satisfeito quando percebo o quanto nosso corpo se encaixa tão bem.

Vicky e eu somos como peças contrárias que mais se encaixam do que diferem uma da outra. Temos quase a mesma estatura, sendo que eu sou alguns centímetros mais alta, talvez uns sete, não mais do que dez. Ela tem curvas femininas e arredondadas, eu tenho músculos. Seus olhos são castanhos claros, pequenos, os meus são negros como o breu. Minha pele é negra, ela é branca. Seu rosto é calmo, acolhedor, simpático, e, o meu é cheio de marra e praticamente grita para ficarem longe. É como se ela fosse eu às avessas e vice e versa. Somos como um ímã de um polo só. Ela é norte e eu sul. Os estudos até dizem que não existe ímã com um único polo, bom, ele pode não existir, mas nós sim, e essa é a melhor definição que posso dar sobre o que nós somos, Vicky e eu.

— Bom dia — diz Vih, com sua voz arrastada pelo sono, roçando a bochecha na minha mão — Que horas são? Dormimos demais? — questiona virando-se para mim, ainda decidindo-se se quer “acordar” ou não.

Receber seu bom dia assim, ao meu lado na cama, é uma sensação que eu jamais enjoaria e me dói absurdamente constatar isso.

— Bom dia — respondo, dando-lhe um selinho e ela abre os olhos, levando a mão à própria boca.

— Ei! Eu devo tá com bafo! — diz ela, com olhos arregalados. Tiro sua mão da frente de sua boca, e dou-lhe outro beijinho rápido.

— Não faz isso, garota! — diz tentando soar brava, mas um sorriso lindo brinca em seus lábios e eu não sei o que brilha mais, se seus olhos ou

seus dentes.

Paro meus olhos no rosto dela, e de repente, me perco de mim mesma, de onde estou, apenas contemplando o fato de que estamos juntas.

— Eu ainda não consigo acreditar que estamos aqui, dessa maneira, você e eu, juntas como sempre deveria ter sido — suspiro — Me perdoa, Vih — peço com o peito mergulhado em arrependimento.

— Por que está pedindo perdão, Mari? — pergunta, seus olhos me encarando com cautela.

— Por minha covardia, Vih. Eu deveria ter te contado a maneira que me sentia antes que as coisas chegassem ao ponto de não... — engulo o que ainda não posso confessar a ela e respiro fundo — Eu sinto muito por todos os anos perdidos. Gostaria de recuperar cada dia, porém não importa o quanto eu queira, o tempo não volta, não é? Então, só me resta me desculpar...

— Ei... — começa ela, acariciando meu rosto com os dedos — As coisas são como tem que ser. Estamos aqui onde devemos estar, no exato momento em que deve ser. — Ela afirma com convicção, seu tom firme e seus olhos submersos nos meus. — O importante é que agora que nos despimos dos nossos medos, nada mais nos impedirá de vivermos da maneira que merecemos, Mari. Nada mais nos prende, somos livres! Ahh eu te amo e você me ama e foda-se! — gargalha — Acabei de falar um palavrão! — Espanta-se ela, porém gargalha ainda mais alto — Foda-se! — conclui com um sorriso de alívio, jogando a cabeça sobre o travesseiro, gargalhando para o teto, feliz.

Ouvir o riso feliz da Vih nunca me doeu, porém agora dói como o inferno. *Eu sou uma covarde de merda!* — suspiro frustrada comigo mesma.

— Você trabalha hoje? — pergunto, tentando mudar de assunto — Diz que não! — peço, mas como ordem do que como pedido.

— Depende... — responde ela em tom sugestivo, me olhando com

olhos maliciosos e eu me permito esquecer um pouquinho as inquietações que alfinetam minha consciência.

— Então, acho que deveríamos dar um jeito de recuperar parte desses anos perdidos e, se você for trabalhar, teremos um dia mais na conta — explico, puxando-a para debaixo de mim, colocando metade do meu corpo sobre o seu, dando-lhe beijinhos por todo o seu rosto. — Quero um dia inteiro com você, antes de nos separar mais uma vez — digo, e mal sabe ela de quanta verdade há nessa pequena frase.

— Certo... — concorda ela — Cof-cof — Acho que estou meio adoentada mesmo — brinca.

— É, acho até que está meio febril, sua pele está pegando fogo, garota! — digo em tom brincalhão, tentando roubar-lhe um beijo, porém ela é mais rápida e se esquivava.

— A-Hah! — diz ela, rolando para fora da cama e apontando um dedo para mim — Você é muito porquinha, garota! Você deveria escovar os dentes antes de tentar enfiar a língua na minha boca, sabia? — Diverte-se ela.

— Acaso está dizendo que estou com bafo de onça? — questiono-a.

— Não diria que está um primor de aroma, sabe? — fala sorrindo, fazendo-me lembrar da menina arengueira de anos atrás. Sorrio. — Eu estou indo escovar os meus e tomar um banho, acho que você também deveria vir. — Aconselha ela em tom sensual, a diversão adolescente abandonando seus olhos, sendo substituída pelo desejo de uma mulher adulta.

— Acho melhor esperar você aqui. Quando você sair do banho eu vou — digo, apenas porque preciso de uns minutinhos à sós comigo mesma. Preciso organizar meus pensamentos. Preciso recuperar meu autocontrole que foi tirado de mim na noite passada, para tentar garantir que nenhuma de nós se machuque mais do que o inevitável.

— Você está bem? — pergunta ela, seus olhos agora preocupados, e

sua expressão corporal antes relaxada, tenciona, alerta. *Merda.*

— Está sim — tranquilizo-a. — Vai lá, garota. Preciso avisar minha mãe que estou viva, então vamos decidir de que forma vamos aproveitar nosso dia. — digo dando-lhe uma piscadinha.

— Então, tá. — Vih me lança um sorriso inseguro e some banheiro adentro.

Ela vai entender — penso respirando fundo. Respirar sempre pareceu mais fácil quando éramos só Vicky e eu, antes do Marcelo e dos outros. Agora não tem Marcelo e nem outros, porém temos uma vida de escolhas e caminhos traçados.

Quando éramos adolescentes, eu vivia como se nunca tivesse ar suficiente em volta. Vivia sufocada, me corroendo por dentro, sempre que eu a via com seus namorados, sempre que ouvia sobre seus amores fodidos e que ela vinha chorar por mais um fracasso em sua vida amorosa.

Eu sempre estive bem aqui, com meu coração cheio de amor e de vontade de fazê-la feliz, tendo que me calar, permitindo que ela entrasse em uma roubada após a outra em busca de algo que ela jamais encontraria em outro lugar.

Ninguém a conhece melhor do que eu. Ninguém a faria mais feliz do que eu. Ninguém no mundo compreende Victoria como eu e, mesmo eu sabendo disso, deixei a situação chegar ao ponto em que chegou: a um caminho sem volta. Ao ponto onde seguir em frente nos leva a caminhos opostos; tudo isso por pura covardia. A mesma covardia que vai me silenciar mais uma vez.

(Vicky)

Mari ficou esquisita de uma hora para outra. Ela acha que não percebi,

mas eu vi. Vi a nuvem cinza embaçando seus olhos, pouco antes tão brilhantes. Achei que depois de confessar seus sentimentos, Mari pararia de se fechar para mim, no entanto, aqui está ela, como sempre, guardando seus tormentos para si mesma.

Dou quatro passos até o fim do banheiro e depois, quatro passos de volta, em direção à porta, com o creme dental em uma mão e a escova na outra. Essa é a terceira vez que faço isso desde que entrei aqui e, sequer coloquei creme dental na escova ainda.

Não posso deixar que ela continue se trancafiando assim. Não vou — decido, colocando finalmente uma pequena quantidade de creme dental sobre a escova, e encaro meu próprio reflexo no espelho. Entretanto, hoje não é dia de forçar conversas difíceis. Hoje é dia de nos deixar fluir na leveza de nos amarmos da maneira que merecemos.

Sorrio.

Mari me ama. Eu a amo. Isso vai ser suficiente para enfrentar o que quer que venha pela frente.

— Caralho, garota, ainda não acredito que vou sair na rua com essa roupa! — Mari resmunga, meio rabugenta, ao conferir seu próprio reflexo no espelho.

Como viemos do evento de ontem a noite direto para cá, e como ela se negou a passar na casa dela para trocar de roupas, findou-se que ela precisou pegar uma das minhas emprestadas. Bom, agora, imagine como Mari deve estar se sentindo dentro de uma das minhas roupas, uma vez que temos estilos completamente diferentes, tanto para estilo quanto para biotipo físico.

— Para de reclamar, garota! Você está linda! E esse vestido caiu muito bem em você. Na verdade, melhor do que em mim — digo divertindo-me com sua rabugice e falta de jeito por usar um vestido tão “mocinha”. No

entanto, devo confessar que meu riso cessou assim que dei uma olhada mais atenta a forma como meu vestido marca o corpo dela. Mari é uma mulher linda.

— Você não teria uma roupa menos fresquinha? Tipo, algo mais adulto? — implica ela — Você não se envergonha de ter um guarda-roupa de uma menina de doze anos? — diz ela inconformada, puxando a barra do vestido como se ela fosse aumentar magicamente, logo depois tentando cobrir os ombros, inutilmente, já que o vestido é modelo “ombros caídos” e ele não segura no lugar que ela quer.

— Para de resmungar! Foi você quem não quis passar na sua casa e, confesse, meu vestido é lindo! — digo, percorrendo meus olhos pelo corpo de Mari como em um tour turístico, apreciando cada ponto como se jamais o tivesse visto, até porque, essa é mesmo a primeira vez que vejo Mari em um desses: vestido branco com estampa de flores cor-de-rosa, ombros caídos, com babadinhos caindo em volta dos braços, marcando seus seios por ela se negar a usar um sutiã, com a barra pouco acima do meio de suas coxas torneadas e dois bolsos laterais que marcam ainda mais seu bumbum. Em mim, ele fica mais para o estilo soltinho, sem marcar muito meu corpo, porém, Mari parece preencher a peça de roupa de maneira em que realça ainda mais seu corpo definido, que eu sempre achei lindo, diga-se de passagem.

— Ai, garota, para de me olhar assim! — pede ela, ainda tentando criar mais tecido que possa cobrir sua pele exposta.

— Você é linda, Mari. Não precisa envergonhar-se de mostrar isso — afirmo, devorando-a com meus olhos, e vejo-a engolir em seco.

— Okay, Vih. Agora vamos embora que nosso tempo tá passando e tem muito que quero fazer hoje, com você. — Chama ela, andando em direção a porta, tirando seu corpo do meu campo de visão, envergonhada.

Sorrio, mais uma vez.

— Quem diria, hein? — começo, seguindo-a — Mariana Fontenele sendo intimidada por uma olhadinha inocente? — implico.

— Cala a boca, garota — exige ela com um sorriso encabulado escapando de seus lábios. Sorrio ainda mais. *Meu Deus, nunca pensei que diria isso, mas Mari é tão fofa!* — penso e começo a gargalhar alto.

— Que é que foi, garota? Rindo de mim, por acaso? — diz, virando para me encarar logo após abrir a porta do meu *studio*, e dou-lhe um sorrisinho, divertindo-me ainda mais pelo desconforto dela. Agora ela sabe como é. Ela passou a vida me intimidando com esses olhos predadores em mim!

— Jamais! Tenho amor a minha vida, baby — respondo com uma piscadinha, roçando meu corpo ao dela enquanto passo pela porta que ela acaba de abrir, ainda sorrindo.

Com um movimento rápido, Mari segura meu pulso, me puxa, me gira, e, em frações de segundos, minhas costas estão pressionadas contra o portal da porta e seu corpo colado junto ao meu, nossos narizes ponta-na-ponta e seus olhos negros me convidando para um mergulho no infinito.

Meu corpo estremece, minhas pernas fraquejam e meus lábios esquecem-se de como sorrir. Meu coração sacoleja dentro do meu peito que sobe e desce em um frenesi.

— O que aconteceu com aquele sorriso zombeteiro, baby? — Ouço a voz grave de Mari ao meu ouvido. Mari roça seu nariz descendo pelo meu pescoço, em direção ao meu ombro coberto apenas pela alça fina da minha camiseta, em um movimento tão leve que causa arrepios instantâneos em cada pelo do meu corpo. Em seguida, faz o mesmo caminho subindo de volta até seus lábios estarem ao meu ouvido novamente — Acho que vou me certificar de manter sua boca ocupada, para que aquele sorrisinho não possa

mais aparecer para zombar de mim. O que acha?

Minha respiração treme junto com meu corpo. Tenho certeza de que só estou de pé por ter o corpo dela mantendo-me no lugar. *Meu Deus, como eu a quero.*

Tento abrir a boca, já com uma resposta espertinha na ponta da língua, mas então a boca de Mari está cobrindo a minha e eu me perco completamente quando sinto sua língua quente sobre a minha. É, acabo de concluir que beijar Mari é a minha coisa favorita no mundo inteiro.



Mari



Vicky (Disponível)

vih_leal@hotmail.com

Às vezes nossa liberdade se restringe a proteção de paredes, isso não é irônico?



Mari (Disponível)

mar_e_ana@hotmail.com

Alguém que precisa de 'privacidade' para se sentir livre, tem algo a ser resolvido mais consigo mesmo do que com o mundo.

A cada vez que a beijo, a certeza de que estou a caminho da ruína fica maior; eu só queria saber como evitar de trazê-la comigo. Entretanto, sei, que por mais que eu tente e me esforce, estaremos ambas aniquiladas no fim.

Solto seus lábios dos meus, e sou recompensada com o som da respiração pesada da Vih, um sinal claro do quanto eu a afeto. Tanto quanto ela a mim.

Traço linhas imaginárias pela linha de suas costas, por baixo do tecido de sua camiseta, e vejo-a erguer-se, ainda de olhos fechados, buscando voltar seus lábios ao lugar a que pertencem: os meus.

— Ei, temos que ir — chamo com um sussurro, juntando toda a força que tenho para não desistir dos planos que maquinei para hoje, para ficarmos afundadas na paz e no caos dos lençóis da cama dela.

— Tem certeza de que precisamos ir? — choraminga ela, mordendo levemente meu lábio inferior, logo em seguida dando um beijinho na ponta do meu nariz. Ela sempre adorou fazer isso: beijar a ponta do meu nariz. Não faço ideia do porquê, mas amo quando ela faz isso. Sorrio.

— Sim, baby, precisamos ir. Tenho planos pra nós e gostaria de concluir todos eles. Tenho toda uma programação e você sabe como sou quando organizo algo. — Insisto, agora um pouco mais no controle de mim mesma.

Por mais que eu queira passar um dia inteiro imersa nos braços dela, não posso me dar ao luxo de “perder” um dia inteiro no quarto, quando há tanto que quero fazer e tão pouco tempo pra... Esquece. Não vou pensar nisso agora.

— Ei, tem certeza de que seus planos são bons? Porque sua cara me parece meio desanimada... — questiona-me ela, me encarando com seus olhos castanhos atentos. *Merda. Por que eu nunca consigo me esconder dela tão bem como de todo o resto do mundo?*

— Não se preocupa. Estou bem. E meus planos sempre são os melhores — gabo-me. — Acaso já te levei pra alguma furada?

— Não, mas isso não quer dizer muita coisa, Mari.

— Como assim, garota? — pergunto, finalmente me desprendendo de seu corpo e afastando-me dela.

— Nunca me importei muito em onde estávamos. Sempre me satisfiz com onde quer que fosse, desde que você estivesse comigo — confessa ela, e seu rosto cora, como se ela ainda fosse uma adolescente flertando com o primeiro garoto por quem se apaixonou. Bom, sou a primeira garota por quem ela se apaixonou, acho que isso equivale, não é?

— Porra, Vih! E eu achava que arrasava quando levava você para comer bolo na tia da pracinha, em frente ao colégio em que estudávamos. Gastava minha mesada quase toda, mas valia a pena ver sua cara de satisfação, lambendo os dedos sujos de chocolate, como uma criança, sem se envergonhar por quem pudesse te julgar por isso — lembro em tom contemplativo.

— Caraca, eu adorava aquele bolo! — exclama ela, passando a chave na porta, logo depois se certificando se estava trancada. — Então, para onde vamos? — pergunta, olhando para mim animada.

— Surpresa! — respondo com ar de mistério, entrelaçando nossos dedos enquanto começamos a descer as escadas em direção à rua.

Passam das nove quando saímos do supermercado que fica em um dos shoppings de Fortaleza. Vih não parou suas investidas, tentando descobrir para onde estamos indo, porém continuei fazendo mistério. Ela ficou ainda mais confusa quando saímos do supermercado com nosso café da manhã distribuído dentro de várias sacolas.

— Oxe, achei que íamos comer na padaria do supermercado. Para onde estamos indo? Estou com fome! — choraminga ela, curiosa.

— Calma, vamos comer daqui a pouco. Preciso apenas parar em uma loja antes — explico, deixando-a ainda mais confusa e divertindo-me absurdamente com isso.

— O que você vai comprar que não pode esperar tomarmos café da manhã? — choraminga ela.

— Fica quieta, garota! Você vai ver — peço, entrando em uma loja de moda praia do shopping.

— O quê? Vai comprar biquíni? Agora? — questiona ela e eu rio alto.

— Bom dia! — cumprimento a vendedora — Onde ficam as cangas? — pergunto.

— Mari! Por que você necessita comprar canga de praia antes do café da manhã?

— Baby, fica quieta — peço mais uma vez, rindo.

— Estou quieta. E com fome. Já disse que estou com fome? — brinca ela e ambas começamos a rir.

Pago pela canga, pego a sacola e saímos.

— Pronto, agora vamos para o nosso primeiro passeio do dia — aviso, enquanto caminhamos para o ponto de táxi.

— Parque do Cocó, por favor — digo nosso destino ao motorista e Vih abre um sorriso enorme. Sabia que ela ia gostar.

— Piquenique! Ahhhh!!! — diz ela com um gritinho.

Caralho... Sou apaixonada por uma adolescente! — penso, e um sorriso satisfeito se abre em meu rosto.

(Vicky)

O Parque do Cocó é um lugar lindo! Com muito verde, brisa fresca, ar puro! Estou quase enfartando de alegria. Sempre quis fazer um piquenique aqui, mas nunca houve oportunidade. Algo tão simples, um espaço perfeito próximo a minha casa, e nunca aproveitado antes.

Estendemos a canga no chão gramado, debaixo da sombra de uma árvore enorme, em uma parte mais isolada, para termos privacidade. Com os pés descalços, sentamos e começamos a dispor as comidas que compramos: pão, queijo, presunto, sucos, achocolatado, uvas, morangos, bolo... Tem até tapioca!

— Nossa, acho que compramos comida demais! — digo, olhando para o mundaréu de comida espalhado por cima das sacolas e bandejinhas descartáveis.

— E não era você que estava para dar um piripaque de fome? Então, coloca essa boca para trabalhar, garota! — diz ela em tom divertido.

— Bem que eu gostaria de colocar minha boca pra trabalhar, porém me contento em fazer a segunda coisa para qual foi ela feita para fazer: comer —

digo, encarando a boca de Mari descaradamente, deixando claro que a fome do meu coração é infinitamente maior do que a do meu estômago.

— Melhor ocupar essa boca com comida, Vih, ou não respondo por mim — diz ela em tom de ameaça e eu dou uma olhada rápida em volta, notando que apesar de afastadas da maior parte dos visitantes do parque, não estamos sozinhas.

— Melhor — concordo.

Uma sensação esquisita me preenche e não sei bem porquê. Me sinto meio triste. Fico ainda pior quando ergo a vista e vejo um casal trocando beijos apaixonados, livres e sem se importar com quem quer que testemunhe seu amor. *Mari e eu jamais poderemos ter essa liberdade* — penso, enquanto coloco um morango na boca, e sinto os olhos de Mari me observando.

— Você está bem? Falei algo que não devia? — pergunta em tom preocupado, quase de desculpas.

— Não, amor... — O tratamento carinhoso escapa e fico calada por algumas frações de segundos, meio sem graça, mas decido continuar como se chamar minha melhor amiga de amor fosse normal para nós. *Melhor amiga? Ela ainda é minha melhor amiga?* — Está tudo bem, Mari — tranquilizo-a com um sorriso — Só é estranho sentir vontade de te beijar e pela primeira vez saber que você também quer e, ainda assim não poder me dar esse prazer, entende? — tento explicar, ainda olhando para o casal apaixonado há alguns metros de nós, grudados um ao outro.

— Você quer me beijar, Vih? — questiona ela, virando meu rosto para me olhar nos olhos. Estamos tão perto, que basta um pequeno incline de cabeça para nossos lábios colidirem.

— Sim, mas... — Ela me beija.

O choque inicial daquele "susto" não durou meio milésimo de segundo. Perdi-me em sua boca em um beijo terno, morno, gentil. Beijamo-nos por

alguns poucos minutos, sua mão encaixada na minha bochecha e seu polegar subindo e descendo na curva dela.

— Não se prive de vivenciar o que sentimos uma pela outra ou de fazer aquilo que tem vontade. Desde que nossas ações não agridam ou ofendam, temos os mesmos direitos de qualquer outra pessoa no mundo —diz ela em tom firme — E a propósito, adorei te ouvir me chamando de amor, baby.

Sorrio levantando uma sobrancelha, em uma expressão irônica.

— Eu sei... — continua ela revirando os olhos — Também não acredito que gostei disso. É diferente vindo de você. — Conclui em tom pensativo.

— Certo. Acho melhor a gente comer — sugiro, confusa com o clima estranho que nos cerca. Estranho do tipo que não sou sequer capaz de classificar. Então, comemos.

Trinta minutos depois, estamos ambas de buchinho cheio, deitadas na nossa canga, com o rosto virado para o céu azul, recebendo a luz do sol que vaza dentre as folhas da árvore acima de nós. Mari usando minha bolsa como travesseiro e, eu, usando sua barriga, deitada com os joelhos curvados, horizontalmente.

Estamos em um silêncio confortável, apreciando o cansaço de um estômago cheio e o prazer de estarmos no calor do corpo uma da outra.

— Obrigada pelo café da manhã incrível — agradeço, esticando o braço para encaixar meus dedos aos dela, ao mesmo tempo em que viro o rosto de lado em sua direção.

— De nada — diz ela, mantendo um aperto firme na minha mão, como se quisesse ter certeza de que eu estava mesmo ali.

— Para onde vamos depois daqui? — pergunto com curiosidade.

— Surpresa — responde com um sorriso, usando a mão livre para fazer cafuné na minha cabeça. Eu poderia morar aqui. Sinto-me tão relaxada e segura, que não duvidaria se eu pegasse no son...

— Ei, garota! — ouço a voz da Mari, como se ela estivesse a quilômetros de distância, e abro os olhos. — Tudo bem que o vestido é seu, direito seu babar nele, mas no momento sou eu quem o usa, então, acho que quarenta minutos é um bom tempo para um cochilo, não? — diz ela com um riso na voz.

— Ah, meu Deus! Eu dormi? Mas eu só fechei os olhos por alguns segundos! — justifico-me. — Você está de sacanagem, Mari! Que horas são? — questiono-a, só agora notando que ela está sentada ao invés de deitada e, minha cabeça paira em seu colo. *Quando mudamos de posição?* Penso, sentando-me de frente para ela.

— Quase onze da manhã — responde ela, sorrindo. — Dorminhoca e fomenta. É, vejo que não há muito em que você tenha mudado, não é? — implica.

— Nunca neguei! — brinco. — Mas então, qual o próximo passo da sua programação? — pergunto animada.

— Algo que não permita que você seja vencida pelo sono, Bela Adormecida! — responde em tom zombeteiro.

— Oxe! Uma sombra, uma brisa fresca, um bucho cheio, seu cafuné e colo... Qual é? Vai me culpar por dar um cochilo? — falo na defensiva, de bom humor.

— Certo, tudo bem, baby. Sei que tenho o melhor cafuné do mundo, o que posso fazer? Tenho mãos magicamente relaxantes. — gaba-se ela, com um sorriso sexy nos lábios.

Ai meu Deus... Queria arrancar as roupas dela!

— Então, o que vamos fazer até a hora do almoço? Nem vou perguntar onde vamos almoçar, sei que não vai me dizer mesmo... — tento mudar a direção dos meus pensamentos, a fim de evitar que acabemos presas por atentado violento ao pudor.

— Bom, primeiro, vamos limpar essa bagunça — sugere ela, referindo-se ao amontoado de sacolas e resto de comida a nossa volta. — Depois, pensei em darmos uma volta pelo parque, conhecer as trilhas... Daí, depois do meio-dia, vamos almoçar. O que acha?

— Perfeito! — concordo batendo palmas e logo em seguida começamos a limpar tudo.

Assim que as coisas ficam nos conformes, Mari estende a mão para mim, e saímos.

Estar com Mari é incrível. Porém, apesar disso, não pude deixar de sentir a estranheza do ar nos circulando, antes tão natural para mim. A verdade, é que não há como negar que as coisas mudaram entre a gente: nossos desejos, olhares, carinhos e afagos, hoje têm a malícia que antes jamais teve, e, confesso que ainda estou aprendendo a lidar com toda essa novidade, além do agravante conhecido como moral e bons costumes.

Mari e eu sempre andamos com os dedos entrelaçados, para onde quer que íamos. Nossa troca de carinho e afeto nunca foi algo exclusivo ou camuflado. Nunca nos envergonhamos da forma que somos, mas agora é diferente. Não consigo não sentir um certo desconforto devido aos olhares enviesados que recebemos. Estamos sendo julgadas, sequer cometemos crime algum, e eu não consigo relaxar como gostaria, por mais que queira, por mais que me sinta feliz.

— Mari? — chamo baixinho, quando paramos para tomar água — Você se lembra de sermos alvos de tantas caras feias, quando andávamos juntas? — pergunto, olhando discretamente para duas mulheres que se exercitam próximo de nós, encarando nossas mãos dadas com olhos recriminatórios, trocando cochichos e movendo a cabeça em sinal de descrença, como se Mari e eu estivéssemos fazendo algo vergonhoso.

Mari segue a direção dos meus olhos e logo entende de onde surgiu

meu questionamento e fecha a cara. Então, lembro-me que sim, costumávamos receber esse tipo de encarada, porém, acho que a certeza de que a “maldade” estava apenas nos olhos dos outros, era razão suficiente pra eu nunca me incomodar com aquilo. No entanto, agora incomoda. E, assim como na adolescência, Mari fez o que faz de melhor: intimidar.

— Olá, tudo bem? — Ela fala em tom falsamente casual, olhando para as duas mulheres que devem estar na faixa dos trinta anos. — Então, vocês nos conhecem? Estão querendo perguntar alguma coisa... Estão com algum problema? — Continua ela, sem ter ao menos dado a chance de elas responderem ao cumprimento inicial, mantendo os olhos firmes nos delas, sem vacilar, ombros retos. Sem nariz em pé. Iguais.

Silêncio. Um pouco mais de silêncio.

— Achei mesmo que não teria a menor chance de alguma de vocês serem do meu vínculo social. Tenham um excelente dia. — Mari diz com sarcasmo. — Vem, baby — chama ela, puxando-me pela mão para mais perto dela, dando-me um beijinho na lateral da minha cabeça, e seguimos para a saída do parque.

Estou me esforçando para não deixar a inquietude desse alvo em nossas costas atingir o clima do nosso passeio, mas não está sendo fácil. Acho que eu teria preferido o sossego e a proteção das paredes da minha casa. Eu me senti muito mais livre quando estávamos “presas” lá.

— Então, o que você acha de pedirmos comida em casa? — sugiro como quem não quer nada, desejando ter a alforria dos meus atos, agora escravos pelos receios dos julgamentos alheios. Sinto-me fraca e ridícula, mas se podemos ir pelo lado mais fácil, por que dificultar?

— Não! — Mari quase esbraveja. — Não vamos nos esconder por causa da mente de gente pequena e hipócrita. Vamos almoçar em um lugar sensacional e tenho certeza de que você vai adorar! — conclui ela, agora em

um tom mais relaxado.

— As pessoas nos olham como se fôssemos devoradores de criancinhas, Mari!

— As pessoas são idiotas, baby. Em grande maioria, infelizmente — diz ela com um suspiro. — Mas ei, não deixa isso afetar você. Não permita que afete nosso tempo juntas, Vih. — Pede ela, parando de frente para mim, me olhando com aqueles olhos expressivos. — Sempre seremos Vicky e Mari, lembra-se? Você me prometeu. Não vou aceitar que escolha em quais lugares sua promessa será cumprida.

— Eu sei, me desculpa. Você tem razão. É que eu não sou tão destemida e segura quanto você — explico.

— Ah, garota... Se você soubesse... Enfim, vem. Vamos almoçar — convida ela, sorrindo pra mim e eu sorrio de volta, permitindo que a confiança com que ela enfrenta suas decisões me envolva junto a ela.



Mari



Vicky (Disponível)

vih_leal@hotmail.com

No fim, tudo sempre dá certo, desde que exista amor em ambos os lados.



Mari (Disponível)

mar_e_ana@hotmail.com

Nem só de amor recíproco um relacionamento sobrevive. Existem pessoas que se amam, mas ficam melhores separadas.

Eu queria que esse fosse um dia de leveza, nosso dia. Fácil, fluido, bobo, feliz. Sei que está sendo feliz, sei que ela adorou nosso piquenique, meu colo e cafuné. Porém, sei também que vez ou outra, era como se uma onda viesse do nada e destruísse nosso castelo de areia recém-construído, acabando momentaneamente com a nossa “graça”, até que começássemos a construí-lo mais uma vez.

Talvez eu tenha nos trazido muito rápido para o “mundo”, mas acontece que não temos tempo e, não me arrependo de termos saído da privacidade da casa da Vih, para que pudéssemos ter um vislumbre de como teria sido nossa vida juntas. *Teria sido, não, será.*

Respiro fundo no silêncio do táxi. Vih usa meu ombro como encosto e descansa sua cabeça sobre ele, suas mãos desenhando círculos imaginários na minha coxa.

— Como é mesmo o nome do restaurante que estamos indo? — pergunta erguendo o rosto e me olhando de soslaio.

— Pelicano — respondo sorrindo — meu restaurante favorito. Dá pra

ouvir o barulho do mar, se sentarmos em uma das mesas da varanda.

— Uau... Um forte candidato a se tornar o meu favorito também. Adoro o mar. Além da atenuante de eu estar com você. — Declara ela, dando um beijinho na lateral do meu queixo e sinto meu corpo ser envolvido por uma sensação de bem-estar.

— Vamos descobrir, então. Chegamos — aviso.

— Êba! Estou com fome! — Alegra-se ela.

— Caralho, garota! O que tem aí dentro? Um buraco negro, por acaso? — provoco com uma risada.

— Sou uma garota que gosta de comer e não se envergonha disso, amor — diz ela dando de ombros ao sairmos do carro.

— Sempre soube — afirmo e entramos no restaurante.

Por sorte, ainda encontramos uma mesa vaga na varanda, algo que eu considero um consentimento do destino quanto a termos um dia extraordinário, já que essa é a área mais concorrida do restaurante.

A varanda é ampla, e tem uma vista aberta de tirar o fôlego. O mar azul da Praia de Iracema fica logo a nossa frente, a brisa é deliciosa e traz o cheiro de maresia que se mistura aos aromas dos pratos que são servidos à nossa volta. Sim. Esse é, com toda certeza, meu restaurante favorito.

Amo tanto esse lugar, que quando o garçom se aproxima da nossa mesa, nem preciso do cardápio para fazer o pedido.

— Posso tomar a liberdade de fazer seu pedido? — pergunto, meu tom de voz saindo mais grave do que gostaria, demonstrando uma sensualidade que ainda surpreendo-me por tê-la exalando de mim.

— Pedindo dessa maneira, você pode tomar quantas liberdades desejar — responde, subindo um pouco mais a temperatura a nossa volta.

— Okay então. Quero que experimente o que explode em meu paladar: risoto de camarão ao molho de coco, uma das especialidades da casa. É

servido dentro de uma casca de coco verde e, é uma delícia — digo, mantendo o tom da voz, arrancando pedaços delas com o olhar. Merda. Acho que agora me arrependo um pouco de ter saído da privacidade da cama dela.

— Então, tá — diz ela com o rosto avermelhado, e não sei dizer se é a cor exprime desejo ou timidez. O que eu sei, é que estou quase cometendo uma loucura, porque ela fica ainda mais atraente quando se esforça para manter a compostura.

Levo minha mão a dela sobre a mesa, acariciando-a com as pontas dos meus dedos, e vejo sua respiração alterar com o simples toque de minha pele sobre a dela. *Porra, precisamos nos acalmar* — penso, e somos salvas pela comida que acaba de ser posta a nossa frente.

— Então, é isso! — digo tirando minha mão da sua — Vamos comer — convido, e, ela assente respirando fundo. Tenho certeza de que ela também está grata pelo desvio de atenção que acabamos de sofrer.

Comemos em um silêncio confortável, trocando sorrisos e olhares entre uma garfada e outra.

Senti-me contente por ela ter amado tanto esse prato quanto eu e me diverti extremamente ao ver e ouvir as expressões de deleite dela, enquanto ela comia até o último vestígio do que havia em seu prato.

— Então, que tal? — pergunto enquanto esperamos pela conta, apenas para confirmar o que é evidente: ela adorou.

— O quê? Esse lugar é incrível! — responde com os olhos brilhando, atenta a todos os detalhes ao redor. *Ah, como eu amo fazer esses olhinhos brilharem!*

Assim que saímos do restaurante, estamos ambas novamente sentido o peso de uma barriga cheia, Vih claramente sentindo o cansaço de metade de um dia na rua. São quase 14h e tenho certeza de que ela adoraria a cama dela, porém, tenho outros planos.

— Para onde vamos agora? — pergunta ela em tom animado, apesar de cansado.

— Vih, estamos de frente para o mar, o que acha? — respondo com um sorriso enorme no rosto.

Eu adoro o mar e, esse pedaço que passa entre a Beira Mar, Praia de Iracema e Náutico, é minha parte favorita de Fortaleza. Na verdade, não troco essa vista por nenhuma outra, mesmo que outras possam ser mais bonitas. Aqui é minha terra. Minhas raízes e melhores lembranças estão aqui e não há exuberância em parte alguma do mundo que tire isso da minha cidade.

Com nossos calçados nas mãos, caminhamos até que a água do mar lave nossos pés. Corremos, chutamos água uma na outra, caímos na areia molhada, brigamos por minha brincadeira resultar em sermos cobertas por uma onda gigante que surgiu do nada nos dando um caldo, deixando nossas roupas encharcadas de água e areia e arriscando estragar a "bolsa cara" da Vih; e no fim, acabamos gargalhando alto, em uma luta infantil de cócegas, emboladas em nós mesmas e na dita bolsa, porque na verdade ela não estava nem um pouco preocupada com o possível dano ao que quer que fosse.

— Caraca, estamos parecendo frango à milanesa! — Vicky fala, saindo de cima de mim, cessando seu ataque as minhas costelas, esbaforida.

— Ah, minha nossa! Acho que perdemos a sanidade, baby. O que estamos fazendo? — questiono puxando o ar com dificuldade, tentando me recuperar do ataque de 'cosquinhas' que sofri, o sorriso largo jamais abandonando minha boca.

Eu nunca me senti tão leve. Parece até que meu corpo flutua, como se a presença dela anulasse a força da gravidade.

— Oxe, por que diz isso? — pergunta ela, deitada ao meu lado, com o rosto em minha direção e sua mão protegendo os olhos dos raios intensos do sol. — Só estamos nos divertindo, isso não é loucura, isso é o que somos.

— Não somos mais adolescentes, Vih. E você é maluca. E sua maluquice é contagiosa! — digo com um riso na voz. — Você me torna alguém que me assusta às vezes, sabe? Eu quase nunca tenho controle sobre mim mesma, em se tratando de você. Isso é apavorante, honestamente — confesso sem saber o porquê disso ter escapado assim, do nada.

— Se deixar descontrolar às vezes é bom, quando estamos ao lado de alguém em quem confiamos. Você pode se permitir o descontrole quando estiver comigo, Mari. Pode se deixar fluir.

— Jamais! Você é um perigo, garota. Olha só pra mim! Mariana Fontenele, profissional séria, adulta, bolando na areia com a melhor amiga da vida em uma briga infantil de fazer ‘cosquinhas’? Não, Vih. Deixe-me com meu autocontrole — peço, ainda rindo.

— Sua melhor amiga aflora seu lado infantil, Mari? — Vih fala em um tom sério. Seu semblante ficando levemente borocochô, apesar do claro esforço de esconder isso de mim.

— Ei, estou brincando. E além do mais, gosto desse ar adolescente vida louca que você sopra a nossa volta. Não seja boba — esclareço.

— Bom, e qual o próximo passo do passeio das melhores amigas, agora que nossas roupas e cabelos tem a aparência de um pirão? — pergunta ela, sem humor, apesar do esforço de parecer engraçada.

— O que foi, Vih? Eu já havia esquecido suas constantes trocas de humor. Até disso senti falta, acredita? — brinco e vejo um sorriso teimoso se abrir em sua boca. Ela continua com um riso fácil e isso é uma das coisas que mais amo nela. — Vai, me conta, o que houve?

— Nada... É só que... Somos melhores amigas? É isso o que somos? — questiona ela em um tom inseguro.

— A gente precisa mesmo de um rótulo, agora? Podemos apenas ser a gente e deixar as classificações para depois? — peço.

— Você tem razão, como sempre. Desculpa. Nada a ver eu falar disso agora. É só que é tudo tão novo e estranho, às vezes...

— Eu sei. Mas vamos nos ocupar em viver, sem mais — sugiro. — Agora, venha, vamos dar uma caminhada pra o sol secar nossas roupas — chamo, ficando de pé.

— Okay. Vamos lá — concorda ela, mas sei que esse questionamento foi adicionado à pilha de conflitos que ela vem acumulando ao longo do dia.

Eu sempre soube que o amor que eu sinto pela Vih era diferente, especial. Demorei algum tempo até entender que eu havia ultrapassado a linha da amizade, e, é claro que eu tive medo quando assumi isso pra mim mesma. Eu tive medo. Medo de perder aquela amizade que me fazia tão bem. Medo de que as coisas mudassem. Pavor de que ela me repudiasse, caso descobrisse. Mas sabe, bem lá no fundo, meu maior assombro, era que ela me correspondesse, porque daí, a gente acabaria por correr o risco de destruir quem nós éramos uma pra outra em um relacionamento que poderia sim, estar fadado ao fracasso. É claro que poderíamos namorar, viver juntas e sermos felizes, por que não? Entretanto, também poderíamos perceber, tarde demais, que somos espetaculares como amigas e um desastre como casal. E aí não sobraria mais nada.

Olho para Vih, saltitando em uma espécie de ‘corridinha’ um pouco à frente. Ela abre os braços e fica ziguezagueando como se fosse um avião. Sorrio.

— Ei, Mari! — grita ela — Assim seca mais rápido! — Sua voz embalada por um riso genuíno.

Eu a amo. E agora, olhando pra ela assim, a certeza de que dias excruciantes estão por vir me atinge como uma bolada na cara. Porém, no momento, eu só aproveito para inalar, sorver, tragar, captar e infiltrar-me com cada sensação causada pela presença, gestos e ações dela.

(Vicky)

16h17min e o sol no aterro da Praia de Iracema é morno, agradável.

Minhas roupas já secaram. Meus cabelos estão uma bagunça de nós, areia e sal, porém não me importo.

Estamos chegando ao fim do nosso dia louco. Extraordinário. Delicioso. Apavorante. Confuso. Feliz.

Você já fez um passeio de *buggy* pelas praias do Ceará? Bom, se eu tivesse que descrever o dia de hoje, diria que foi como passear de *buggy* pelas dunas de Canoa Quebrada, com Mari ao volante. Se você ainda não teve esse prazer, deixa-me tentar explicar:

Primeiro – O motorista sempre pergunta se você quer o passeio “com emoção” ou “sem emoção”. Digamos que com Mari ao volante, a opção escolhida foi: com emoção, do tipo que quase cospe o coração pela boca. Com curto circuito nas ondas cerebrais e órgãos que se esquecem de como funcionam, tipo o pulmão, vez por outra se esquecendo de respirar, sempre que eu sentia os olhos predadores de Mari em mim, ou, simplesmente quando eu testemunhava seus sorrisos genuínos. Tão meus.

Segundo – Passear pelas dunas é uma mistura de medo, adrenalina, alívio, êxtase, gargalhadas, sustos, expectativas, suspense, frio na barriga! Reviravoltas. Bom, é isso. Mari passou o dia me levando na parte de trás do seu *buggy*.

— Daqui a pouco o sol some — começo, tomando a última colherada do meu sorvete, enquanto caminhamos pela orla do aterro da Praia de Iracema.

— Sim, o dia está chegando ao fim e eu sei o lugar perfeito para apreciarmos o pôr-do-sol — afirma ela, com um brilho nostálgico nos olhos

e, sei exatamente onde será nosso destino final nesse passeio: nosso lugar.

Seguimos caminhando em direção a Ponte dos Ingleses, um silêncio reflexivo pairando sobre a gente. Estamos de mãos dadas, juntas lado a lado e, ainda assim, sozinhas com nós mesmas.

Meu coração bate cada vez mais forte e ansioso. E medroso. Quanto mais o fim do dia se aproxima, mais incerto parece nosso destino.

Estou tentando não pilhar com coisas que ainda nem aconteceram, mas a sensação de que o dia de hoje é uma despedida não parou de crescer dentro de mim, desde a resistência de Mari em ficarmos em casa.

Ela passou o dia inteiro querendo me mostrar tudo que gostava, fazendo coisas que jamais imaginei vê-la fazendo; brincar feito criança na areia da praia, me beijar em público, me apresentar seu restaurante favorito, flertar comigo na frente de todos... Tudo tão corrido, como se ela quisesse degustar todas as sensações de uma vida em um único dia, como se soubesse que não teria outros dias para fazê-lo.

Nossos passos começam a ficarem mais curtos; uso a sensação dos nossos dedos entrelaçados para me certificar de que tudo que aconteceu entre a gente, desde a noite passada até agora, não foi um sonho. E ainda assim, estou com pavor de que entre um piscar e outro de minhas pálpebras, tudo cairá por terra, como o despertar de um sonho vívido, porém irreal.

Avistamos a ponte quando as cores do céu começam a aquarelar com os tons de laranja, azul e vermelho. Minha respiração começa a ficar instável, sinto um calafrio gelar minha barriga, fazendo meu corpo estremecer, mas decido culpar o vento que fica mais frio a cada minuto que passa.

A iluminação da ponte é baixa, alguns refletores são posicionados em postes de madeira ao longo dela, e há algumas poucas lâmpadas ao longo do corrimão, em toda a extensão da ponte.

— Ei — Mari chama, dando um leve puxão na minha mão, nos

parando na entrada da ponte. — Vai ficar tudo bem. A gente sempre dá um jeito de ficar bem — afirma ela e, imediatamente meus olhos embaçam.

Vai ficar tudo bem. Ela não disse ESTÁ tudo bem, ela disse VAI ficar tudo bem. Ah meu Deus...

— Eu sabia...

Minha barriga começa a vibrar e contorcer, meus ombros sacodem, subindo e descendo com espasmos causados pelo choro que fui incapaz de segurar até ouvir o que quer que ela precise me dizer.

— Vih... — Mari me abraça. Seus braços me envolvem, tentam me embalar como quem tenta confortar uma criança que não ganhou presente no Natal e ainda não sabe que o Papai Noel não existe. Afinal, *eu não fui uma boa menina?*

Sinto o calor do corpo dela me protegendo da brisa fria. Curvo-me um pouco e deito minha cabeça em seu peito, molhando-a com minhas lágrimas que não param de cair, ouvindo o desespero e o pesar com que o coração dela bate nesse exato momento.

O corpo dela também sacode junto ao meu, seus ombros também tremem, suas lágrimas caem sobre minha cabeça, suas mãos sobe e descem ao longo de minhas costas, em meus cabelos, e nada é dito por longos minutos que não faço ideia de quantos.

Ficamos ali no caminho que nos leva ao nosso cantinho no mundo. Ao lugar onde trocamos juras de amor eterno e sequer tínhamos consciência disso. Onde juramos que nunca deixaríamos de ser quem somos uma para a outra, não importando o que houvesse. E agora, voltamos aqui mais uma vez, para que ela possa partir meu coração e me assegurar que tudo ficará bem.

Bom, parece que nosso dia foi como um passeio de *buggy*, sim, daqueles em que se conhece três praias em um único dia: corrido, com

emoção, proveitoso, de tirar o fôlego. Porém, com aquela sensação de que seria preciso muito, muito mais... tempo.



Mari



Vicky (Disponível)

vih_leal@hotmail.com

Alguns medos podem até ter justificativas, mas jamais poderão ser usados como desculpas de covardia.



Mari (Disponível)

mar_e_ana@hotmail.com

Às vezes a vida nos faz seguir caminhos que nos deixam longe demais pra tentar voltar atrás, mesmo que a gente queira muito.

Assistir Vicky desmoronando na minha frente me destrói de uma maneira imensurável e o que me deixa ainda pior, é saber que sequer acionei a primeira bomba para essa implosão.

Vicky e eu ficamos ali, agarradas uma na outra como se, de algum modo, algo mágico acontecesse e nos congelasse naquela posição para sempre: juntas.

Meu celular vibra dentro do meu bolso incansavelmente e assim como foi durante todo o dia, continuo ignorando quem quer que ligue. Não espiei o aparelho por nenhum único segundo desde a ligação de mais cedo, quando Vih foi ao banheiro.

Eu gostaria de ficar abraçada a ela por mais alguns instantes, queria poder adiar o inadiável pelo máximo de tempo que consigo, porém, o vibrato do aparelho em meu bolso é um lembrete de que não há mais tempo.

Tento afastar-me, mas há relutância de ambas e fica tão difícil!
Caralho dos infernos!

Ela não quer me soltar. Ela não quer ouvir o que eu tenho a dizer; eu não quero contar, não quero largá-la. No entanto, sabemos que precisamos. Então nos desprendemos.

Algumas pessoas nos olham com curiosidade, outras confusas, talvez se perguntando o porquê de duas mulheres antes abraçadas, se encararem com olhos vermelhos e inchados pelo choro, na entrada de um dos pontos turísticos mais visitados e lindos de Fortaleza, arriscando a perder o melhor pôr-do-sol da cidade.

Respiro fundo, sem perder os olhos dela por nenhum segundo sequer. Entrelaço nossos dedos, beijo sua testa e, sem dizer uma única palavra, puxo-a para seguirmos até o lugar que é só nosso, mesmo que esteja condenado a cair a qualquer momento e que nem seja seguro ficar lá.

Nosso lugar seguro no mundo inteiro é uma estrutura de concreto arruinada e condenada que pode desmoronar a qualquer momento. Isso não é engraçado?

Assim que chegamos ao fim da ponte, ajudo Vih a passar para o outro lado, logo depois, seguindo-a.

O sol já não brilha com tanta intensidade e se aproxima da linha do horizonte de forma voraz, como se tivesse pressa pra sair dali. Acho que até ele se envergonha das minhas covardias.

Ainda em silêncio, nos sentamos. Vih não se aconchega em mim como sempre fazíamos. Ela se acomoda de frente para mim, que estou com as costas apoiadas no corrimão da ponte nova, e me encara com olhos desafiadores. “*Acaba logo com isso de uma vez.*” É o que eles dizem.

Okay.

— Então, eu não sei como dizer o que preciso, não sei por onde começar... — digo com a voz embargada, usando cada gota do meu esforço para não voltar a chorar, e ela continua em silêncio, me encarando com olhos

tristes, exaustos, talvez até arrependidos de terem ousado me desafiar a falar, a pouco.

— Vih — tento mais uma vez — Eu não poderia começar essa conversa sem tentar garantir que você saiba que eu amo você. Eu sempre amei e quis você, exatamente da maneira que tive nas últimas vinte horas. — Meu corpo estremece com o esforço de manter o controle das minhas emoções e eu respiro fundo mais uma vez, negando-me o direito de desmoronar antes que eu diga tudo que preciso. Abro a boca para contar o motivo de não podermos estar juntas, mas não tenho a chance porque ela me interrompe.

— Certo, você me ama, eu sei. Mas você não quer ficar comigo, não é? — diz ela impaciente, como se quisesse se antecipar arrancando ela mesma os pontos de um corte, antes que ele estivesse sequer cicatrizado. — Você e eu, essas últimas vinte horas, foram nossas primeiras e últimas sendo quem deveríamos ter sido desde sempre, não é? — Os olhos dela enchem d'água e assisto seu esforço para não piscar e liberar as lágrimas. Porém, vejo seu esforço ruir e seu rosto se transformar em uma careta de dor e incompreensão. Isso me quebra mais um pouquinho.

— A questão não é querer, Vih! Nossas vidas acabaram seguindo caminhos tão alheios uma da outra... Eu fui embora, você casou-se. Você se apegou a sua busca pelo seu lar perfeito e eu acabei me apegando ao mundo, a minha carreira, a minha liberdade, sabe? Isso foi tudo que me restou depois que fui embora, tudo em que pude me apegar, já que não poderia me apegar em você. Eu não sabia que tudo isso iria acontecer. Tenho uma vida e objetivos e coisas para alcançar, coisas que preciso alcançar, por mim e para mim, entende?

— Não, Mari. Eu não entendo! — responde ela. Seu tom de voz traz tanta raiva que chega a parecer indiferente, cruel. Ela não grita, porém sinto

sua voz *sonando* dentro de mim. É a primeira vez que vejo Vih olhar assim pra mim, como se ela não soubesse quem eu sou, como se tivéssemos nos perdido uma da outra, como se a nossa conexão houvesse se rompido.

Não... isso não... Isso não... Por favor, Vih... Isso não.

Paro. Respiro fundo mais uma vez. Passo as mãos pelo meu rosto e cabelos. Sinto meu corpo formigar com uma inquietude incomum e angustiante. Estou apavorada.

— Não me olha assim, Vih... Não faz isso...

— Quer saber o que eu sei, Mariana? — pergunta ela, e ouvir meu nome nos lábios dela, dessa maneira, é o mesmo que levar uma tapa na minha cara. — O que eu sei, é que você está fazendo o que faz de melhor: fugir. Você sempre foge pras colinas, Mariana! Você passou a vida inteira se escondendo de você mesma e do mundo, vestida nessa carcaça de “mulher durona e destemida”, mas quando as coisas apertam, você corre. Deveria ser atleta e não fotógrafa, sabia? — Vih fala em tom debochado. — “Faço o que eu quero da minha vida” “Não vivo pra agradar ninguém, foda-se” “Ninguém me diz o que fazer...” Não é esse o seu discurso desde que você tinha quinze anos, Mariana? Hein? Responde! — grita, finalmente. Lágrimas caem em um jorro de seus olhos, molhando e desmanchando o rosto perfeito da mulher que eu amo, e eu condeno-me mortalmente por ser a causa disso.

— Baby...

— Não me chame assim! — diz ela em tom firme, recuperando-se do pranto.

— Me deixa explicar, caralho! — imploro — Você fica me olhando assim, julgando-me, e está partindo meu coração de maneiras tão agonizantes que não está me permitindo dizer a coisa certa, para que você possa me entender!

— Não existe coisa certa a ser dita, Mariana. Nada que exprima suas

desculpas pra não vivermos isso...

Vicky me puxa para seus braços e me beija. Rápido, voraz, duro e curto. O sabor viciante dos seus lábios sequer fica por tempo suficiente antes que eu sinta a dor da partida deles, quando ela rompe o beijo e continua:

— Não há nada que eu não faria pra mantermos isso, Mari. Não existe em absoluto, nenhum obstáculo nesse mundo ou no outro, que a gente não possa superar, se quisermos isso! Então, não, Mari. Você não precisa pensar na coisa certa a dizer.

Vicky me encara e todo o corpo dela é uma súplica.

Ter a certeza de que ela estaria disposta ao que quer que fosse para ficarmos juntas, é a coisa mais incrível e foddidamente dolorosa nesse momento e, eu sei que isso vai me assombrar pelo resto da minha vida. No entanto, também por essa certeza, é que reafirmo minha conclusão sobre nós.

Isso vai doer pra caralho, mas é o melhor para ela e, para mim, também.

— Me perdoa, Vih. Eu sinto muito — peço, me torturando com o choro que não liberto. — Mas às vezes seguimos por caminhos que nos levam longe demais para voltarmos atrás, mesmo que a gente queira muito. Estou pagando por minhas omissões e covardias do passado e sinto muito mesmo que você tenha sido atingida com a explosão das merdas que fiz com a minha vida — explico com pesar, pedindo aos céus que ela me perdoe, mesmo desejando que ela me odeie, porque sei que será mais fácil pra ela passar por isso com ódio ao invés de amor.

Vicky me encara como se soubesse tudo sobre mim. Ela me olha como se me lesse e não gostasse nem um pouco do que entendia. Então ela joga a toalha.

— Mari, eu posso entender que você tenha tido medo quando éramos adolescentes. Eu também tive e tudo bem, quem não teria? Mas agora, depois

de tudo, ver você nos jogar fora por causa de “medo”, não dá pra entender — diz ela em tom decepcionado — Olha Mari, alguns medos podem até ter justificativas, mas jamais poderão ser usados como desculpas para covardia. Eu estou indo embora, Mari, sabendo que você me ama e que seu coração está tão quebrado quanto o meu, mas eu não vou te abraçar e dizer que está tudo bem. Porque não está. Você jogar nosso amor no lixo por medo, não está nada certo. Então, se um dia você achar que me ama o suficiente pra enfrentar esse medo estúpido, você me procura. Vou estar no mesmo lugar com o pedaço de você que você perdeu em mim e, não se preocupe, eu consigo sobreviver sem a minha parte que se perdeu em você.

Ela não espera uma réplica. Ela me conhece o suficiente pra saber que não darei nenhuma. Ela simplesmente levanta, passa por mim sem fazer contato visual comigo, sobe por sobre o corrimão da ponte sem precisar da minha ajuda, e segue caminhando ponte a fora, sem olhar em minha direção uma única vez sequer.

Eu quero ir atrás dela. Quero pedir para que espere... *Que espere pelos próximos anos.* Quero dizer que eu não tenho medo porra nenhuma, explicar... Mas não vou. Porque eu a amo demais para vê-la desperdiçar tanto tempo de sua vida esperando por mim.

Sei que Vicky não se importaria de esperar, sei que ela passaria pela dor da saudade com um sorriso no rosto, sempre que lembrasse de nós, mas também sei o quanto seria sofrido me querer por perto e eu estar inalcançável. Essa certeza, a de que ela me ama tanto e a qualquer custo, foi o que me fez deixá-la partir.

Vicky precisa viver. Precisa aproveitar sua jovialidade, sua vitalidade... E não estar presa em um relacionamento com uma pessoa que vai estar a milhares de quilômetros de distância pelos próximos sei lá quantos anos e a verdade, é que eu também.

Meu amor não aprisiona, Vih. Jamais irei permitir que meu amor aprisione alguém e nem posso me permitir aprisionar.

14 de janeiro de 2005

Ainda deitada na minha cama, olho para as malas prontas ao lado da porta e sinto o peso do dia de hoje. Hoje é o dia do casamento dela. Hoje parto para São Paulo, com a certeza de que não volto mais.

Gostaria de dizer que me sinto feliz por ela, mas além da péssima escolha dela para marido, porque ele é um maldito escroto filho da puta, sei que depois de hoje, nos perderemos de uma forma que será impossível encontrarmos o caminho de volta uma para outra. Então, nesse momento, tudo dentro de mim é uma caralhada misturada em dor, pesar e ódio.

Não quero levantar da cama. Quero deixar-me ser embebida pelos lençóis da minha cama, quero desintegrar-me aqui mesmo para evitar de assistir essa palhaçada logo mais à tarde. Puta que pariu. Puta que pariu. Puta que pariu... Merda! Porra! Caralho... Eu jamais faria isso com ela. Não posso deixar de estar ao lado dela, de dar-lhe meu apoio.

Mesmo que eu saiba que ela estará pulando de um precipício, vou segurar sua mão e estar lá pra ajudar a juntar os caquinhos, se for preciso.

Meu Deus, como eu quero estar errada sobre esse puto! Eu posso estar errada sobre ele, não posso? Caralho, não... Eu sinto que não estou! Para quê dar um passo tão definitivo assim, tão cedo?

— Argh! — esbravejo com ela, mesmo que ela não esteja aqui pra me ouvir. Grito comigo mesma por estar tão preocupada, já que ela está claramente saltitando feliz para despencar desfiladeiro abaixo.

A irritação me envolve como um cobertor em chamas e sinto minha

pele queimar. Eu não vou conseguir ir nesse jantar, penso.

— Filha? — Ouço a voz de minha mãe atrás da porta do meu quarto e solto uma respiração esbaforida. Permito-me alguns instantes antes de responder, tentando acalmar a raiva que lambe meu corpo inteiro.

Coloco minhas mãos sobre meu rosto, mantendo meus olhos apertados. Não quero arrumar briga. Minha relação com minha mãe tem sido difícil desde que tomei o controle da maior parte de minhas decisões, porém, ela não tem culpa do meu mau humor.

— Oi, mãe! Sei que está tarde, desço daqui a pouco para tomar café! — respondo tentando adivinhar o motivo de ela estar me chamando, já que são mais de 9h da manhã e ainda estou na cama.

— Não, filha... É que tem uma amiga sua lá embaixo... Digo que ainda está dormindo? — pergunta ela em tom de sugestão e sinto meu estômago congelar como se eu tivesse acabado de beber nitrogênio. Só tenho uma amiga que sabe meu endereço: Vih.

— Não, mãe! Pede pra ela esperar um pouquinho — peço levantando da cama de súbito — Desço em dois minutinhos. — Aviso, passando os dedos pelos meus cabelos assanhados pela noite de insônia, tentando ficar um pouco mais apresentável para ela.

Assim que desço as escadas, vejo Vih ainda de pé, próxima a porta. Minha mãe está alguns metros distante dela e noto um clima tenso.

— Ei, garota! Você não deveria estar se preparando para o “grande dia”? O que faz aqui? — pergunto espremendo um sorriso.

— Precisava falar com você, Mari. Podemos conversar, por favor? — pede ela. Os olhos da Vih estão aflitos, apavorados. Será que ela percebeu a merda que ia fazer e desistiu?

— Claro! Vem, vamos conversar no meu quarto — chamo, forjando um tom de voz confortável, no entanto minha voz grita em minha cabeça.

— Deixa a porta aberta, Mariana. — Ordena minha mãe e eu reviro os olhos.

— Não começa, mãe — aviso — Vem, Vih, vamos subir — convido-a.

Apesar de eu viver na casa da Vih, e de conhecer cada centímetro do quarto dela, essa é a segunda vez que ela entra no meu quarto.

Assim que fecho a porta atrás de nós, Vih segura minhas mãos, puxando meus braços ao redor de si mesma, colando sua bochecha na curva do meu ombro e, segundos depois sinto a umidade de suas lágrimas molhando minha pele.

— Ei... — começo, mantendo-a protegida dentro dos meus braços, com os lábios pressionados na lateral de sua cabeça — O que houve?

Por alguns minutos, Vih não diz nada, então deixo o silêncio externo reinar, enquanto uma guerra de questionamentos destrói o resto de sanidade que achei que conseguiria manter até estar finalmente naquele avião, fugindo de vez de tudo que ela me faz sentir e das dúvidas que ela causa a tudo aquilo que acredito, tudo que sei.

Vih me faz querer ser o suficiente para ela. Ela me faz questionar se duas pessoas do mesmo sexo podem se amar e ainda assim, não serem gays. Eu não posso ser lésbica... Não desejo garotas! Entretanto, desejo Vih. Duas melhores amigas podem formar uma família? Vih conseguiria ser feliz com uma família tão... diferente? É pecado estar apaixonada por ela? Estou mesmo apaixonada, ou apenas temo perder a única pessoa capaz de me entender sem que eu precise falar, a única que não tive forças de deixar do lado de fora, a única que permiti fazer do meu coração seu lar?

— Mari... — diz ela se afastando de mim, procurando meus olhos, interrompendo o embate em minha mente. — Eu sei que estou fazendo a coisa certa, não estou? — questiona ela.

— Você o ama, Vih? É ele quem você quer dividindo sua vida para

sempre? É com ele que quer ter filhos e construir sua família de comercial da Coca-Cola? Porque você sabe o que penso sobre ele, mas é você quem vai casar com ele e não eu.

— Estou com medo de perder você! Eu não quero perder você, eu estou morrendo por saber que você não vai estar aqui, comigo. Você vai estar tão longe... E se isso não for o certo? Se eu estiver indo para o lado errado do meu caminho?

Ela não quer me perder, mas será que ela não quer me perder da mesma forma que eu? — questiono-me mentalmente. Como amiga. Ela não quer perder minha amizade. É isso, não é? Ela o ama... ela não o ama?

— Você o ama, Vicky? Por que se você o ama, se quer mesmo fazer isso, se acredita que ele é o melhor pra você, então vou estar lá, brindando por sua felicidade ao seu lado; embora eu não confie nele, confio em você. Você tem certeza de que é isso o que quer? — pergunto com firmeza.

— Eu não sei... — sussurra ela. — Mas você está indo embora! Não vai estar mais comigo, Mari! — Acusa-me ela, apontando para minhas malas prontas.

— É por isso que você vai casar? Vai casar porque estou indo embora?

— Eu não sei... — sussurra ela mais uma vez.

— Você não sabe... Você não sabe se o ama, não sabe se quer mesmo casar com ele, não sabe por que quer casar-se com ele! Garota, o que você sabe, afinal? Sobre a sua vida, sobre o que quer pra si mesma? Quer que eu escolha por você? Veio em busca de uma confirmação? — esbravejo.

De repente, sinto-me indignada por ela estar jogando essa responsabilidade para cima de mim. Não posso carregar esse peso. Essa decisão é dela, por mais que eu acredite saber o que é melhor pra ela, quem vai ficar e ter de encarar as consequências das escolhas dela será apenas ela. E, ela tem razão, eu não estarei mais aqui.

— Eu sei que amo você! Eu sei que quero você na minha vida até o último dia em que estivermos vivas! Eu sei, — diz ela em prantos — que meu peito dói feito o inferno quando penso que não vou poder te ver pelos próximos sei lá quantos anos e que a ideia de nunca mais te ver é a pior sensação do mundo, Mari! Eu só... Só quero que me diga que vai ficar tudo bem. Só quero que me garanta que... — Vih para de falar e só chora. Abraça-a novamente, mantendo-a em meus braços.

Caralho, se ela soubesse como isso acaba comigo. Se ela soubesse o quanto ouvir isso fode com meu coração, minha sanidade. Ela me faz questionar tantas coisas; nem sei mais se sei o que é o certo para mim, apenas quero descobrir o certo para ela.

— Vih, eu amo você. Eu vou amar você até o fim e, pode ter certeza de que só saio da sua vida no dia em que você não me quiser mais nela. É esse amor que me impede de ditar suas escolhas, entende? Você está crescendo, Vih, e eu te amo o suficiente pra deixar você fazer suas próprias escolhas e levar seus próprios tombos.

— Acha que estou prestes a levar um tombo, Mari? Acha que vou me arrepender? Será que é melhor desistir? — pergunta ela, apavorada.

— Eu não sei, Vih — respondo honestamente. Porque não sei até onde minha percepção a respeito dele está misturada com meu ciúme, com minha certeza de que ele vai tirá-la de mim.

Gostaria de dizer para que ela não se case. Queria pedir que ela venha embora comigo. Dizer que podemos dar um jeito. Somos as melhores amigas da vida e sei que ela adoraria ser minha companheira de lar, mas sei também que não tenho o que ela procura e jamais poderei dar o que ela quer. Então, falo o que ela precisa ouvir com um sorriso encorajador e o coração sangrando.

— Ei, vai ficar tudo bem! Tudo bem ficar com medo. E, olha só, caso

você leve um tombo logo mais na frente, não se preocupe, vou estar bem ao seu lado e te ajudo a levantar. Estou com você, garota. Vai lá buscar seu felizes para sempre com aquele babaca. — Brinco, apesar de falar sério. Eu o odeio. Com todo meu coração.

— Eu te amo, Mari. — Vicky fala olhando nos meus olhos de forma penetrante, com um brilho diferente que nunca vi antes e tento não me apegar a sensação que esse brilho me causa, porque estranhamente, sinto esse eu te amo da forma que não deveria e sim, eu realmente amo demais como me sinto ao pensar nisso.

— Eu sei, sou foda — afirmo com um sorriso nos lábios e o peito rasgando, no entanto, tentando soar com descontração, como se tudo estivesse como sempre. Como se ela não tivesse despedaçando minha alma com as próprias mãos. — Também amo você.



Vicky



Vicky (Disponível)

vih_leal@hotmail.com

Quando o amor for maior do que o medo, daí, então, quem sabe, teremos nossa chance.



Mari (Disponível)

mar_e_ana@hotmail.com

Às vezes, abrir mão é uma prova de amor e continuar junto é puro egoísmo.

Sinto meu peito se partindo e rasgando em várias direções, a cada passo que dou, aumentando ainda mais a distância entre nós, percebendo que as coisas não saíram como eu esperava.

Não ouvi a voz da Mari chamando meu nome às minhas costas. Não senti suas mãos agarrarem meus pulsos impedindo-me de ir embora. Não houve passos apressados correndo atrás de mim, apenas risos e conversas de desconhecidos deslumbrados com o céu estrelado e a lua cheia.

A noite está tão linda e tudo que eu quero é fugir dela, da noite que me afronta com tamanha beleza em um dia em que ela deveria estar tenebrosa em solidariedade ao meu coração partido.

Acho que morri. Morri, fui para o céu, desfrutei do paraíso por menos de vinte e quatro horas e, então, descobriu-se que eu estava lá por engano e me jogaram direto no inferno.

O caminho de volta para minha casa nunca foi tão longo. Senti meus pés pesando feito chumbo, a cada passo que me levava para longe dela. Eu quis voltar. Quis correr de encontro a ela, agarrar seus ombros e sacudi-la;

gritar, esbravejar, grunhir! Já que ela não o fez, já que ela aceitou tão facilmente que eu estava indo embora.

Será que ela entendeu o que significou quando saí? — penso, recostada na porta do meu *studio* encarando minha cama e, meu peito aperta um pouco mais ao ver meus lençóis ainda revirados devido a noite que tivemos.

Não acredito que ela está desistindo da gente por medo. Desistindo... é pior do que isso! Ela sequer tentou! Será que nunca estive certa sobre o quanto conheço de Mari? Será que ela me ama mesmo? Será que estava certa quando a acusei de estar fugindo? Ou será que ela se confundiu toda e percebeu que estaria cometendo um erro, depois de um dia inteiro, juntas?

Por que me dá tudo aquilo para arrancar de mim antes mesmo que eu pudesse sentir direito? Isso não faz sentido! E eu sequer deixei ela se explicar... Não! Não haveria explicação aceitável... haveria? Ai, Deus... Fiz certo em não ouvi-la?

Jogo-me na cama, deito em concha, puxando o lençol que dividimos ontem, onde sua presença permanece até agora.

Mari continua sendo tudo que ocupa minha cabeça, sempre ela a estar aqui. Sempre comigo. Estico meu braço direito e encaro os traços da tatuagem feita há quase oito anos atrás. Ela prometeu, penso. Prometemos uma a outra. Fizemos uma promessa e marcamos ela na nossa pele, uma forma de continuarmos juntas, embora a quilômetros de distância; uma maneira de nos assegurar que jamais deixaríamos nossas escolhas interferirem no que éramos uma pra outra. Era não, somos. Ainda somos?

Meu Deus, dói tanto! Por que dói tanto assim?

Sinto lágrimas encharcarem meu lençol e minha barriga se contorcer com soluços em um choro mudo e solitário. Nunca me senti tão sozinha, nunca a vida pareceu tão sem sentido, nem mesmo quando Mari se foi,

quando a vi com aquele cara ou quando ela me mandou para fora da vida dela. Mesmo que não tenha dito isso com todas as palavras, ela sabe que foi isso o que fez quando desistiu de nós. E tudo isso não fez o menor sentido, no entanto, essa sensação de que Mari não está mais comigo, é a que menos faz. Ela está há menos de meia hora de distância de mim, e nunca senti ela tão distante.

Olho mais uma vez para meu antebraço e sinto os traços que formam seu desenho e as letras (dela) queimam. É como se eu estivesse naquele *studio* de tatuagem novamente, sentada naquela cadeira. Porém, a dor é insuportavelmente maior.

— Vicky! — ouço a voz de Fabrícia e logo depois três batidas na porta. — Abre a porta! — diz ela em um tom metade autoritário, metade desesperado.

Merda! Não quero ver ninguém — resmungo para mim mesma, remexendo-me na cama.

— Eu sei que você tá aí, coisinha! Abre! Mari falou comigo... Me deixa entrar!

Em frações de segundo, salto da cama e corro cinco passos até chegar à porta.

— O que Mari te disse? Por que ela falou com você? Desde quando ela tem seu número? — falo apressada, logo assim que abro a porta.

— Ah, vaca desgraçada filha da puta! Eu vou matar, certeza. Eu vou matar! — Minha amiga diz em um tom de raiva, mas com olhos tristes, assim que me observa por alguns segundos. — O que aquela cachorra fez? — pergunta me puxando para um abraço, e por mais que eu queira defender Mari, mesmo que ela esteja merecendo minha ira muito além do que minha defesa, tudo que consigo fazer é chorar ainda mais quando me envolvo nos braços acolhedores da Fabrícia e apoio minha bochecha em seu ombro.

14 de janeiro de 2005

— *Eu te amo, Mari — digo encarando seus olhos, com uma sensação particularmente peculiar, diferente de todas as outras vezes em que disse isso a ela. Eu não sei o que é. Não sei de fato o que vim fazer aqui, não sei o que esperava ouvir de Mari, mas quase poderia jurar que eu seria capaz de desistir dessa vida que acredito querer, se ela me pedisse para ir embora com ela, e eu não faço ideia do que isso queira dizer.*

— *Eu sei, sou foda — Mari fala no seu tom despojado, aquele que gosta de usar comigo para esconder quando está sofrendo e acha que me engana — Também amo você.— Conclui ela com um sorriso, respirando fundo, me olhando com olhos sinceros e sei que ela me ama mesmo. Acredito no nosso amor. Acredito que ninguém jamais a amará como eu, assim como ninguém nunca me amará como ela, porque somos aquela pessoa da vida uma da outra, com a diferença de que somos amigas e não ‘amantes’.*

Eu não sei se acredito em vidas passadas, almas gêmeas e toda essa coisa, entretanto, se existir, com toda a certeza é isso o que somos: almas gêmeas. E essa não deve ser a primeira vida em que nos encontramos. Eu só espero que em alguma dessas muitas vidas vividas, nossas almas tenham encarnado no “corpo certo”, e que a gente tenha podido viver nosso amor da maneira que deveríamos. Se isso for mesmo possível, eu daria qualquer coisa para poder lembrar-me de como foi.

— *Tá tudo bem, Vih? — Mari pergunta me olhando com olhos preocupados, e só agora percebo que estava divagando, provavelmente com cara de retardada.*

— *Você acredita em vidas passadas, Mari? Nessa coisa de alma gêmea e tal? — questiono-a.*

— *O quê? — responde ela com um sorriso confuso.*

— Acredita? — insisto.

— Ah, sei lá. Acho que não. Sou católica desde o ventre da minha mãe e isso é uma doutrina espírita.

— Entendo — assinto ainda mergulhada nos devaneios loucos da minha cabeça.

— Vicky, está tudo bem? — pergunta ela, seu tom ainda mais preocupado do que alguns segundos atrás.

— Mari, você me ama, não é? — Mari assente, mesmo sem entender o que é essa conversa e como chegamos aqui. — Você prometeu me amar ao infinito e além, não foi?

— Vih, você usou droga? — diz Mari, completamente perdida.

— Responde, por favor? — peço.

— Sim, Vih. Prometi e não foi promessa vazia. É como me sinto. — Assegura-me ela, mesmo claramente confusa sobre o que pretendo com esse questionamento.

— Ao infinito e além inclui as próximas vidas, se houver? — questiono.

— Bom, eu não entendo muito como isso funciona, Vih. Não entendo sobre espiritismo, mas acho que quando reencarnamos em uma nova vida, se é que isso é possível, voltamos sem nos lembrar de nada da vida passada, não teria como eu lembrar-me de você, em teoria.

— Entendi — concordo ainda meio aérea. Será que estou tendo alguma espécie de colapso nervoso pré-casamento? Por que me sinto esquisita?

— Vicky, você precisa ir pra casa. Precisa se organizar para o evento de logo mais, mas estou ficando mesmo preocupada com você, garota. Tem certeza de que não fumou maconha, tipo, pra relaxar e aí...

— Vamos fazer uma tatuagem — digo de súbito, cortando seu

raciocínio.

— O quê? Agora? O quê? — Mari pergunta confusa e logo depois está gargalhando. — Ah, garota... Você fumou um baseado! Eu não acredito! Você nem gostou quando experimentamos aquele dia! Julgou-me por eu ter curtido!

— O quê? Não, Mari, tá louca? Eu não fumo maconha! Só quero fazer uma tatuagem com você, oxe! Por que precisaria estar drogada para querer isso?

— Por que hoje é o dia do seu casamento e você deveria estar indo ao salão de beleza, ao invés de um estúdio de tatuagem? — pergunta ela com um sorriso divertido — E afinal, o que faríamos? Tem algo em mente?

— Uma promessa. Vamos tatuar nossa promessa. Quero sentir que seu amor estar comigo, mesmo quando seu coração estiver milhares de quilômetros de distância longe do meu.

— Você não precisa de uma tatuagem pra isso, sabe disso, Vih.

— Preciso de algo comigo o tempo o todo, preciso ter algo para olhar, em qualquer lugar, quando houverem dias ruins e que você não poderá estar aqui. Sempre tem dias ruins, Mari, mesmo que sejamos felizes e, quero você comigo em todos eles — explico, já sentindo a dor da partida dela. — Além do mais, quem sabe essa tatuagem seja nosso sinal de nascença na próxima vida, quem sabe consigamos nos reconhecer? — brinco, sorrindo pela primeira vez desde que cheguei.

— Você vai se atrasar pro seu ‘cagamento’ — afirma Mari, pegando uma roupa qualquer em seu guarda-roupa, preparando-se para sair. Ela vai. Sorrio. — Você é louca, garota! — conclui com um sorriso tão lindo que chega doer. — Adoro essa sensação que ela me dá. Essa certeza de que ela toparia qualquer coisa comigo e/ou por mim. Mari adora uma aventura e por um momento, gostaria que todas suas melhores fossem vividas comigo ao seu

lado, mas minha busca por fincar raízes vai contra tudo isso.

— As noivas sempre atrasam, não? — digo sentindo-me estranhamente em paz, em comparação a como acordei hoje cedo. — Até sei o desenho que vamos tatuar.

— Me conta! — pede ela, já de roupa trocada, arrumando o cabelo em um rabo de cavalo alto.

— Segredo. Lá você descobre. — digo em tom de mistério.

— Mas que droga, hein? Além de você decidir que vou fazer uma tatuagem antes dos dezoito, escolher a arte, ainda vai fazer mistério, é?

— Eita! Esqueci que você só faz dezoito em outubro. E agora? — pergunto frustrada.

— Isso não é problema. Estou indo embora hoje. Sou adulta para ir morar sozinha e para fazer tatuagem também. E eu conheço alguém que tem um estúdio na galeria Pedro Jorge, não esquento — afirma ela cheia de si, dando-me uma piscadinha. Ela é linda pra baralho!

— Então, cuida na fuga! — chamo, puxando ela pela mão para fora do quarto. — Só não diga que a ideia foi minha. Sua mãe vai me matar — peço gargalhando.

— Ela vai mesmo. — Mari concorda e rir também.

Já em casa, sentada à mesa de jantar, cercada de familiares e amigos, ao lado do meu marido, encaro os olhos da Mari do outro lado da mesa, de frente para mim. Ela não desviou seu olhar para Marcelo nenhuma única vez. Sua atenção é toda e completamente minha. É como se não houvesse mais ninguém aqui que não eu.

Meu Marido entrelaça nossos dedos, e é inevitável não sentir a estranheza de sua pele contra a minha. Estar de mãos dadas com meu Marcelo parece certo, mas sinto como se fosse terrivelmente errado.

Observo os olhos de Mari caírem para nossas mãos e seus olhos assumirem uma expressão de dor que me parte ao meio, quase que literalmente, por que dói como se assim fosse. Olho para meu antebraço direito, indicando minha promessa a ela e Mari assente, passando os dedos por sobre o desenho recém-tatuado, ainda com traços inchados e doloridos.



Sim, nosso amor viverá, de agora e para sempre, ao infinito e além — penso e sei, que nada fará com que nos percamos uma da outra, nem mesmo nossas próximas vidas.



Mari



Vicky (Disponível)

vih_leal@hotmail.com

Promessas quebradas, corações partidos.



Mari (Disponível)

mar_e_ana@hotmail.com

Sempre estaremos lado a lado, mesmo que em caminhos opostos. Isso não muda.

Voltar pra casa nunca demorou tanto e ao mesmo tempo foi tão rápido. Gostaria de ter um pouco mais de tempo antes de chegar até aqui. Eu sempre quero ter um pouco mais de tempo, estou sempre querendo fugir um pouco mais, mas dessa vez, acho que queria ter mais tempo apenas para chorar tudo que preciso, embora acredite que os ponteiros do meu relógio poderiam girar centenas de milhares de vezes e não seria tempo o suficiente para chorar toda dor que sinto. Não sou do tipo que usa o choro como forma de aliviar o que quer que seja, normalmente. O problema é que tudo sobre ela me atinge de forma singular e avessa a tudo que sou. Não sou do tipo que chora, odeio demonstrar vulnerabilidade, mas por ela eu quero. Por ela eu preciso.

Meu rosto ainda está molhado quando chego ao portão da minha casa. Penso em secá-lo, tentar fazer de conta que tudo está sob controle, que estou bem, mas não o faço. E, assim mesmo, com a destruição com a qual me sinto e aparento, vou de encontro ao vulcão já em ebulição, com toda a certeza, a quem chamo de mãe.

Assim que entro na sala de casa, sou recebida por toda a comitiva:

Mãe, Pai e Raul. Puta que pariu. *Não sei se tenho paciência pra lidar com ele agora.*

— Mariana, você enlouqueceu? Onde raios você se meteu, menina? Você não tem a menor consideração por ninguém, não é? Você tem ao menos noção do quanto nos deixou preocupados? Dormiu fora, praticamente desligou na minha cara mais cedo! Acaso não sabe que é seu futuro que está em jogo? Você...

Minha mãe continua esbravejando, gritando. Vejo as veias de seu pescoço saltarem com o esforço em se fazer ouvida e sua boca abrir e fechar em uma careta de autoridade e ira. Permaneço em silêncio. Ainda sentindo os últimos pedaços do meu coração se esfarelando com a imagem vívida da expressão de dor que causei a Vih. Eu sou uma filha da puta!

Sinto-me morta. Olho para Raul com indiferença, mas assim que meus olhos se deparam com os olhos atentos e preocupados do meu pai, despenco.

Meu corpo começa a sacudir, minhas pernas fraquejam e não consigo mais ficar de pé. Caio batendo os joelhos no chão, curvando as pernas e sentando-me sobre elas. Levo as mãos ao rosto e continuo no meu choro de penitência, tentando colocar tudo para fora de uma vez antes de mandar a porra toda ir se foder!

Não sei dizer se minha mãe continuou seu monólogo sobre quão horrível e ingrata sou. Não ouço mais nada além dos meus próprios soluços e da voz da Vicky me dizendo que não haveria nada que não conseguíssemos superar para estarmos juntas.

O que eu fiz? Eu ao menos sei o que estou fazendo? Inferno maldito de vida!

Não consigo parar de tremer. Nem de chorar.

Sinto braços fortes me circularem e relaxo assim que sinto o cheiro de proteção do meu pai. Ele me aperta forte, me coloca em seu colo, afaga meus

cabelos e deixo a vontade de gritar me vencer. Berro. Minha voz é alta, potente. Um urro alto e ensurdecador guardado desde o dia em que eu sou eu. Grito por todas as omissões; por todas as idas ao salão de beleza; por todos os vestidos cor-de-rosa; pelos beijos insossos; pelo vazio do sexo suportado; pelos sorrisos forçados; pelo medo; por todas as vezes em que Vicky entrou em um relacionamento fodido; por todos os beijos que ficaram na vontade; pela minha covardia; pela pose, pela farsa. GRITO!

Meu pai ainda está agarrado a mim com vigor, quando minha voz finalmente cessa.

— Me leva pro meu quarto, pai? Por favor? — peço como a menina assustada que sou.

Meu pai levanta comigo ainda em seu colo e enrosco meus braços em seu pescoço, aninhada em seu peito seguro.

— Precisamos levar ela ao médico, Sérgio! Mari não está bem... ela está tendo um colapso... Virgem Santíssima, acho que ela usou drogas! Isso foi coisa daquela...

— Querida, pare — pede meu pai, logo depois me levando escadas acima.

— Me desculpa, pai — suplico, assim que ele me coloca na cama.

— Está tudo bem, Mari. — Tranquiliza-me ele. — Estou um pouco surdo, mas todo o resto está bem — diz ele com seu típico humor e um sorriso discreto escapa dos meus lábios. Eu amo meu pai. Eu o amo tanto!

— Eu queria dar orgulho a você. Queria ser a melhor pessoa desse mundo, mas acho que não estou fazendo um bom trabalho, pai. E sinto muito por ter de confessar isso, mas ser a melhor pessoa do mundo não é algo que eu saiba ou queira me esforçar para ser. Eu decidi que quero ser apenas eu mesma, mesmo que isso signifique que eu seja uma esquisitona que não curta fru-frus femininos, não tenha aptidões para dona do lar e, esteja

completamente apaixonada por uma mulher, ao invés de um homem. Eu de verdade, sinto muito, pai. Eu juro que dei meu máximo para ser normal...

— Ei! Com qual psiquiatra você se consultou para que ele atestasse que você não é normal? Olha, melhor você pedir uma segunda opinião, acho que esse cara comprou o diploma porque você me parece bem normal para mim — brinca.

— Pai! — exclamo sorrindo com o alívio começando a banhar minha pele — Estou tentando falar sério com o senhor! Você ouviu o que eu disse?

— Qual parte? — questiona ele.

— Tudo! Principalmente aquela em que digo que amo uma mulher. — Dizer isso pela segunda vez em voz alta foi ainda mais libertador do que a primeira e pareceu ainda mais fácil.

— E o que tem? — insiste ele com ar descontraído.

— O que tem? Pai, eu sou lésbica!

— Não, Mari, você é minha filha. O resto do mundo pode até tentar colocar o “título” que quiser sobre quem você é, mas para mim, você sempre será: minha filha. E eu te amo mais do que qualquer outra coisa no mundo e, eu tenho um orgulho danado de quem você é. — Afirma ele com firmeza, seus olhos continuam brilhando mesmo depois das lágrimas começarem a rolar por seu rosto. — Moleca, não me interessa se seu coração é de uma mulher, homem ou planta. Só quero que ele seja de alguém com caráter, que agregue as melhores coisas à sua vida e jamais te faça sofrer, porque eu não quero mesmo ser condenado por homicídio.

— Ah, pai... — digo sorrindo e chorando, mas dessa vez, minhas lágrimas são de gratidão. — Eu te amo. E não se preocupe, Vicky é uma pessoa de índole impecável, é a pessoa mais doce e sem malícia que conheci na vida, jamais faria nada para me machucar. Eu que não sou tão boa pessoa assim — confesso.

— Vicky, hein? Eu sabia! Reconheço áurea apaixonada de longe e a de vocês duas brilham com uma intensidade exuberante quando vocês estão juntas.

— É, pai, mas acho que estraguei tudo.

— Você ainda pode consertar.

— Não. Não há mais como... Não há mais tempo — digo rendida.

— Sempre há tempo, Mari. Basta estar viva — diz ele com confiança.
— Vou deixar você descansar e vou lá acalmar sua mãe. Tenta dormir um pouco, amanhã o dia será cheio.

— Minha mãe vai surtar...

— Shh... Relaxa, moleca. Não se preocupe com nada. Boa noite — despede-se meu pai, cobrindo-me com o lençol e beijando minha testa. — Até amanhã — diz e apaga a luz, deixando-me apenas com a companhia da lua e estrelas que brilham do teto e paredes da minha caverna escura.

Quando amanhece o dia, estou acordada, mas nego-me a abrir meus olhos. Nunca quis tanto fugir. Estou com medo do que me espera lá embaixo. Minha mãe deve estar furiosa, ou pior, magoada. Eu realmente espero que meu pai tenha conversado com ela, e, se ele me conhece tanto quanto eu sei que sim, ele deve ter feito isso. Sei que eu deveria falar pra ela eu mesma, porém eu jamais estaria pronta pra isso. No entanto, preciso estar para enfrentar as consequências de sair do esconderijo. E apesar de estar apavorada, não estou arrependida.

Decido enfrentar a coisa toda de uma vez e levanto da cama. *Seja o que for que aconteça, que seja o melhor.*

Assim que entro na cozinha, sou recebida pelo olhar de apoio de meu pai e, pela indiferença do de minha mãe. *Isso é novidade.*

— Bom dia, moleca — diz meu pai em tom cortês, com um sorriso encorajador nos lábios.

— Bom dia, pai — respondo.

Minha mãe parece procurar algo dentro da xícara de café. O clima é tão pesado que me espanto por ser possível transitar entre os espaços vazios do cômodo.

— Mãe? — chamo e ela ergue o olhar em minha direção.

— Está tudo pronto para sua viagem? Suas coisas já estão okay? — pergunta em um tom frio.

— Quase tudo pronto. Ainda continuo uma pessoa organizada. Resolvo os últimos detalhes em meia hora, no máximo. Não se preocupe, está tudo sob controle. O voo é só às 23h.

— Que bom, Mariana. Seu noivo vai com você? — questiona ela, e estou tentando entender quando Raul evoluiu para o patamar noivo e, se não fosse pelo olhar gélido com o qual ela me olha, poderia jurar que meu pai não conversou com ela. Entretanto, sei que sim. Ela também é muito boa em fugir, não sou como sou à toa.

— Mãe? — chamo-a, me aproximando.

— O quê, filha? — Ela me olha nos olhos e lágrimas começam a se formar. Eu a abraço. — Está tudo bem, Mari. Só estou emotiva por causa da despedida, mas vai ser bom ficar longe por esse tempo, Raul será uma boa pessoa para te acompanhar nessa nova fase, filha. Você vai ver.

Os ombros de minha mãe sacodem e sinto seu peito tremer contra o meu enquanto ela chora. Gostaria de poder evitar que ela sofresse. Me dói tanto que eu não seja o que ela esperava que eu fosse, mas se é para eu viver uma vida que não é minha, qual o sentido de continuar viva? Essa vida que ela deseja pra mim não é minha e é algo de que não posso mais aceitar, não suporto mais!

Permaneço calada, deixando que ela chore tudo que precisa ser chorado pela perda da filha que ela acreditou ter e nunca teve.

— Vai ficar tudo bem, Mari. Essa confusão toda vai se resolver. Esse tempo longe de todas essas coisas que te confundem vai ser bom pra clarear as coisas... você vai ver!

— Mãe, eu sinto muito — peço com as lágrimas rolando em meu rosto, me desvencilhando de seu abraço e encarando seus olhos decepcionados e PUTA QUE PARIU isso dói demais. — Me perdoa por não ser o que gostaria que eu fosse. Me desculpa por não ser capaz de executar os planos que a senhora fez pra mim, mas esses planos nunca foram meus. Estou indo para longe, sim. Vou porque meus objetivos pedem, não por estar confusa, pois não estou. Não mais — afirmo com convicção. — Nunca estive tão certa sobre quem eu sou, mãe. Nunca tudo fez tanto sentido como agora. Ser eu mesma nesse último dia que passou foi tão libertador, que nunca mais vou poder me conformar em ser pela metade.

Minha mãe me encara com um olhar tão vazio, que me machuca muito mais do que se ela estivesse com ódio de mim. Queria que ela gritasse comigo, brigasse, me batesse ou me abraçasse e dissesse que me ama, assim como meu pai o fez. Porém ela não parece sentir nada. Seca. Indiferente. Apática.

— Raul ligou. Disse que viria depois que tomasse café da manhã. Melhor você cuidar em comer alguma coisa e trocar de roupa, não? — diz ela parecendo não entender tudo que acabei de dizer.

— Mãe! — exclamo sem conseguir evitar a irritação causada por essa negação forçada. — Para! — digo quase gritando, as lágrimas caindo cada vez mais fortes dos meus olhos.

— Mari... — Tenta meu pai, mas nem o deixo concluir o que quer que tenha a intenção de falar.

— Não, pai! Minha mãe está claramente pouco se fodendo pra mim, caralho! Estou dizendo pra ela que eu vivia pela metade! Eu sempre fui

infeliz e, agora que finalmente me encontrei, ela prefere que eu continue nessa vida de merda? Vivendo a porcaria de vida que ela acredita ser o melhor pra mim? Não! Não vou mais deixar isso acontecer, pai! Já chega! Não quero Raul, não quero marido, não quero filhos! Eu só quero ser livre para ser quem eu sou, mãe! A senhora entende?

— Não Mariana! Eu não entendo! — responde ela, finalmente gritando. — Como vou entender que minha filha... que minha filha é uma pervertida que gosta de ficar se esfregando em outra mulher? Que tipo de pessoa gosta disso, Mariana? Isso além de imundo é pecado, filha! Você vai pro inferno! Não vê que isso está errado? Você não é minha filha, não posso ter criado uma filha assim!

As palavras de minha mãe têm tanto ódio e desprezo que me emudecem.

— Já chega, Joana! Cale-se! Acaso enlouqueceu? Você está falando da nossa filha, caramba! Olha pra ela! Ela continua sendo Mari, meu bem. Agora você... — Meu pai olha para minha mãe e a decepção é evidente em cada detalhe de sua expressão corporal — Você não se parece em nada com a mulher por quem me apaixonei e casei. Eu te amo, querida. Eu te amo desde sempre, e você sabe, mas se hoje é o dia das revelações de quem somos de verdade e essa pra quem olho agora é quem você é, não sei se vou poder continuar te amando, não — diz ele com pesar.

Vejo meu pai chorar. Vejo minha mãe desmoronar. Vejo um casamento firme e inabalável tremer. E tudo por culpa minha. Tudo por eu querer ser apenas quem eu sou.

De repente, ficamos todos em silêncio. Olhamos uns para os outros. Estamos os três chorando, lutando para nos mantermos de pé.

— Eu não escolhi me apaixonar pela Vicky por querer, mãe — explico, implorando para que ela me entenda, para que me aceite. — Eu sou o

que sou. Quem eu amo, com quem eu decido dividir minha cama ou minha vida, não compõe meu caráter. Eu sou sua filha e eu te amo mais do que tudo nessa vida. Vou amar e respeitar a senhora sempre, e eu não estou pedindo pra senhora compreender ou aceitar, eu só estou pedindo para respeitar, mãe.

— Me perdoe, filha. Você não pode ir contra quem você é e eu não posso ir contra o que acredito. Você é o que pensa ser a quanto tempo? Desde que conhece essa... menina? — questiona ela quase cuspiendo com asco quando se refere à Vicky.

— Ela não está nessa conversa, mãe. Deixe-a de fora, por favor — peço.

— Uau... Você a defende. Pois bem, Mariana. Você é o que diz ser a menos de dez anos. Minhas crenças sobre certo e errado cresceram comigo e estão aqui há quarenta e cinco. Não vou deixar de te amar minha filha, mas não me peça para respeitar isso. Estou aqui para o que quer que seja por você, Mariana. Porém, não me envolva em nada que diga respeito a essa asquerosidade. Estou indo para o meu quarto — avisa e sai.

— Eu sinto muito, pai... — peço perdão mais uma vez, desabando de novo no meu pranto sentido, negando-me a tentativa de ser forte. Eu só preciso desmoronar mais e mais e torcer para encontrar alguém que consiga encontrar as partes de mim que ficarem pelo caminho.

— Vai ficar tudo bem, moleca — tranquiliza-me meu pai. — Dê um tempo para que ela possa digerir tudo e tenho certeza de que tudo irá se acertar, tá? — conclui me abraçando.

— Tomara, pai. Tomara.



Mari



Vicky (Disponível)

vih_leal@hotmail.com

Pior do que amor não correspondido, é amor recíproco não vivido.



Mari (Disponível)

mar_e_ana@hotmail.com

Ninguém merece viver pela metade, nem mesmo por amor.

Acabo de mandar uma mensagem para Raul, pedindo para que ele venha apenas depois do almoço, com a desculpa de que preciso arrumar as malas.

Acho que no fundo, Raul sabe que nosso fim chegou. Não sei se ele algum dia acreditou que tivemos sequer um início, espero que não. Não gostaria que ele sofresse, sei que fui inconsequente, apesar de ter sempre deixado claro que nosso relacionamento nunca foi sério. Saber que ele estava se envolvendo mais do que seria seguro para ele, e fechar os olhos pra isso, me torna escrota, não é? Bom, parece que sou uma filha da puta mesmo, no fim das contas. Com todo mundo, até comigo mesma. Entretanto, se existe uma pessoa nesse mundo que não merecia minha escrotice, é ela: Victoria.

Sentada na minha cama, encarando as malas prontas, tento entender o porquê de eu ter feito toda essa bagunça antes de ir embora. Da última vez em que fui, levei apenas meu coração partido, mas dessa vez, parece que decidi deixar um pouco da destruição pelo caminho.

Eu precisava mesmo? Digo, para quê fazer todo esse fuzuê, se decidi

nem mesmo tentar um relacionamento com a Vih? Qual a necessidade de me expor dessa forma e ainda arriscar a destruir o relacionamento dos meus pais?

Caio com as costas contra o colchão da minha cama e fico olhando para o “meu céu estrelado”. Lembro da sensação sufocante das noites de “amor” com Raul, da reação de desconforto da pele dele contra a minha, de me sentir pequena e trancafiada dentro de mim mesma, do cansaço de me manter sempre vigilante, sempre com a guarda alta, sempre levantando paredes para que ninguém descobrisse quem eu sou.

Sim, eu precisava.

Decidi atear fogo nas cortinas que me cercavam e mascaravam quem eu sou de verdade e o fiz por mim, porque era necessário para que eu pudesse começar a viver e não apenas fingir que estava viva.

— Moleca? — Ouço a voz do meu pai me chamando, atrás da porta do meu quarto.

— Oi, pai — respondo meio aérea, ainda imersa nos meus questionamentos e encontrando minhas certezas.

— Tem visita pra você — avisa ele, e meu coração para de bater. Meu Deus, não. Sou devorada pelo medo e pelo desespero.

— Quem é pai? — pergunto baixinho, ainda deitada em minha cama sem mover nenhum músculo, pensando que talvez assim, eu possa fingir que não estou mais aqui.

— Não é ela, filha — diz ele, abrindo finalmente a porta e me encarando com um olhar compadecido.

Alívio e decepção brigam agora dentro de mim, e não sei o que ganha a disputa. *Não é ela. Ela desistiu mesmo. Não. Fui eu.*

— Tudo bem, pai. Já vou descer — aviso sem sequer me importar com quem seja.

— Tudo bem — diz ele com um meneio de cabeça e fecha a porta.

Assim que chego ao andar de baixo, sou surpreendida por quem me aguarda, e, pelo ar de ira que envolve a visitante.

Ótimo, tudo de que eu precisava era de mais briga — penso, enquanto caminho em direção a ela, em pé de frente para o sofá.

— Oi, Fabrícia... — Slap!!

Sinto o calor de cinco dedos queimando meu rosto e o ardor pulsar na minha pele. Meu rosto quase dá um giro de 360 graus, devido a força imposta por ela e por eu não estar esperando aquele tapa. Volto meu rosto em direção a amiga da Vih e quando olho para ela, vejo o quanto ela está de fato, realmente irada.

Fabrícia nada diz depois da agressão. Ela me encara com o rosto erguido, seus ombros estão lá no alto e suas narinas dilatadas. Nunca pensei que eu seria alvo de tanto ódio na minha vida.

Eu gostaria de poder revidar o tapa. Ah, eu estou mesmo precisando bater em alguém, porém, estou merecendo mais apanhar do que bater e, o fato de ela estar tão irritada só mostra que ela gosta mesmo da Vih. Puta que pariu! Por que tanto ódio, afinal? Para se dar ao trabalho de vir até aqui tomar as dores dela?

De repente, sinto uma onda de frio gelar meus ossos e meu coração fica tão apertado que deve ter assumido o tamanho de um grão de feijão. Ela a ama.

— Se tem algo mais a dizer, além do tapa, diga de uma vez. Caso tenha acabado, recado recebido e entendido. Tenho mais o que fazer — digo em tom seco. Minha vontade de apanhar calada por acreditar merecer, começando a perder força. Ela a ama. Fabrícia quer ficar com a Vih. Está na cara.

Cerro os punhos ao lado do meu corpo e mordo meus próprios lábios

tão forte que dói.

É ainda mais difícil imaginar Vih com a boca colada em outra que não a minha. Agora que sei quão doce e perfeito é sentir seus lábios macios, é insuportável. Eles deveriam ser só meus. Eles nunca deveriam ter sido de mais ninguém, e, eu sou uma burra do caralho por me negar que eles sejam.

— Você não a merece. Você sabe disso, não é? — cospe ela com desprezo. — Você ao menos tem noção do que causou a ela?

— Você não me conhece. Não sabe nada sobre mim, sobre minhas escolhas e como me sinto por precisar tomá-las. Sou eu quem convive com elas e não você, logo, elas não te dizem respeito. Acho melhor você ir embora. — Meu tom é firme, mas por dentro, sinto meus ossos esfarelarem.

— Você é patética — diz ela com uma risadinha sem humor algum. — Você encontra o que todo mundo passa a vida buscando e foge. Os anos se passam. A vida, não faço ideia do porquê, já que você claramente não merece, resolve te dar uma segunda chance. E o que você faz? Você. Foge. De novo! — condena-me ela, empurrando meu peito entre uma palavra e outra. Sinto meus olhos arderem com as lágrimas que começam a se formar e minha respiração fica cada vez mais rápida. *Caralho, parece que depois que minhas lágrimas descobriram o caminho para fora de mim elas nunca mais vão parar.*

— Você não entende? Eu estou fazendo o que é melhor para ela, porra! — grito. — Eu estou indo embora para os Estados Unidos hoje à noite e não sei se volto! Você acha que há chance para nós? Eu não quero prendê-la, Fabrícia! Você consegue perceber? Como posso prendê-la a um relacionamento à distância que mal começou? Como pedir para ela me esperar, ou, para largar toda sua vida aqui e ir comigo para o outro lado do mundo, longe de todos que ela ama, longe dos pais, amigos... Tudo que ela conhece e que a faz se sentir segura está aqui. Vicky brinca de ser adulta, mas

a verdade é que ela é completamente dependente emocionalmente das pessoas que a cercam, é egoísmo puxá-la para o desconhecido comigo!

— Essa não é uma escolha sua, Mari — diz ela simplesmente. — Vicky tem idade suficiente para saber e decidir o que é melhor para ela, e o que vale a pena ou não.

— Fabrícia, eu a conheço. Vamos só nos frustrar e maltratar com as dificuldades de um relacionamento assim, vamos apenas estragar tudo que sentimos uma pela outra e eu prefiro mil vezes ter ela na minha vida como apenas minha amiga a não tê-la de forma alguma e, eu sei que eu a perderia.

— Putz! Você é mais burra do que eu pensava — diz sorrindo com deboche, balançando a cabeça em descrença. — Você já a está perdendo, Mari. Se você não fizer alguma coisa, você não vai ser mais do que uma lembrança dolorida do passado dela, porque acredite: a dor quando não tratada, quando não sanada, é como ácido em isopor. Pense no isopor como todos os momentos e sentimentos bons que partilharam. Não vai sobrar nada, Mari. — Os olhos de Fabrícia submergem nos meus, tristes. Ela a ama demais pra estar aqui, tentando colocar juízo na minha cabeça dura e teimosa.

— Eu não posso fazer isso com ela, Fabrícia. Não posso ir bagunçando toda a vida dela dessa maneira. Ela quer coisas que jamais poderei dar a ela. Ela quer lar e raízes e, eu quero o mundo!

— Essa escolha é dela e, se você quer o mundo, por que não partilhá-lo com ela? — Fabrícia me questiona, abre a boca novamente retomando o fôlego para continuar seus argumentos afim de me convencer que não estou fazendo a coisa certa, no entanto, ela cala-se e me encara decepcionada e rendida. — Mari, eu realmente acreditei que você a amasse. Quero dizer, na verdade até acredito que você a ame, mas não da maneira que ela merece. Privar ela de decidir por si mesma é acima de tudo, uma falta de respeito, sabia? Você diz que a ama tanto, mas não confia na capacidade dela de

escolher o que quer para a própria vida? Onde você estava quando ela decidiu casar-se com aquele filho da puta? E com o outro babaca? Essas escolhas foram fáceis de você deixar nas mãos delas, não é? E agora, por que é tão absurdamente difícil dar a chance de ela escolher? — Fabrícia me fita com um ar de superioridade tão intimidante, que me faz sentir esmagada. — Quer saber, Mariana? Que bom que desistiu. Porque ela merece alguém que a coloque acima de qualquer coisa. Principalmente dos próprios medos e, a verdade, é que você está se borrando toda. E você sabe disso.

Quero desmenti-la. Quero dizer que a única razão pela qual abro mão de Vih é para que ela seja plenamente feliz, para que ela possa ter a chance de viver o que buscou a vida toda: seu lar. Porém, não tenho força para ir contra a verdade que acaba de se chocar contra a minha cara, com tamanha força que me deixa atônita.

Eu estou me cagando de medo. Estou com medo de sofrer. Medo de fazê-la sofrer. Estou com medo de não ser capaz de aguentar a dor da saudade, de que nossas diferenças sejam maiores do que nossa vontade de estarmos juntas. Estou com medo dela ser imprudente e largar tudo para me acompanhar e depois me cobrar essa conta por tudo que deixou para trás. Estou com medo de perder minha liberdade, porque caralho, ela me faz querer ficar presa a ela pelo resto da vida! Eu estou morrendo de medo sim, porque ela me faz querer coisas que colocam a prova o que quero e tudo que conquistei até aqui.

— Cuida dela por mim, ela vai precisar de você — peço com a voz fraca. Ainda sem acreditar que vou mesmo fazer isso.

— Pode deixar. Vou dar o meu melhor. Não por você e muito menos para aliviar sua consciência de merda — diz com desprezo, dando as costas pra mim. — Não precisa me acompanhar até a porta — avisa.

— Você a ama, não é? — pergunto assim que ela para próximo a porta.

— Mais do que você poderia sequer pensar em imaginar, mas a gente não escolhe por quem se apaixona, não é? E para meu azar, ela ama você mais do que tudo na droga dessa vida e isso dói feito a porra de uma queimadura de asfalto quente — assume com a voz trêmula, ainda de costas para mim.

— E mesmo assim você veio até aqui, jogar a mulher que ama nos braços de outra.

— Quero a felicidade dela, Mari. Infelizmente ela está com você e não comigo. Isso é amar alguém. Ela escolheu você e eu a respeito demais para tentar convencê-la da babaca filha da puta medrosa que você é. — Conclui finalmente abrindo a porta e indo embora.

15h. Mais oito horas e tudo será deixado para trás. Minha mãe não dirigiu mais a palavra a mim, nem mesmo o olhar. Meu pai anda pela casa com o ânimo de uma criança que não ganhou sobremesa.

Ando de um lado para o outro da sala de casa. Vou até a porta e depois saio de perto dela como se ela fosse a porta do inferno e pudesse me sugar para dentro dele, caso eu chegasse perto demais.

As palavras de Fabrícia ficam ecoando dentro da minha cabeça. Berrando o quão covarde estou sendo e o quanto estou fazendo a mulher que amei a vida toda sofrer.

Eu não posso ir embora assim. Não posso partir e deixar que Vih acredite que sou uma covarde que desvalorize tanto nosso amor que não seja capaz de tentar. Bom, eu continuo acreditando que não há chance para nós. Sim, tentei antecipar a tragédia por acreditar que, quanto mais rápido nos desprendêssemos, mais depressa superaríamos. Acreditei que deixando-a me odiar agora, seria o caminho mais fácil, a maneira menos dolorida de passar

por isso. Pensei que, quando a poeira baixasse e Vicky parasse para analisar tudo, iria perceber que fiz o melhor pra nós. Provavelmente quando ela se apaixonasse mais uma vez, mas por alguém bom o suficiente para ela, como Fabrícia, apesar de que ela jamais seria tão boa quanto eu seria, porque não existe ninguém mais no mundo que a conheça e seja capaz de fazê-la tão feliz quanto eu. Ninguém no mundo a ama mais do que eu ou a vê da maneira que a vejo. Porra! Não posso ir embora sem que ela saiba disso!

Chego até a porta e dessa vez, levo a mão ao trinco para abri-la, e tenho um sobressalto assim que vejo Raul, ainda com o punho erguido para bater a porta.

— Oi, morena — cumprimenta-me Raul com uma voz insegura. — Sentiu que eu estava chegando? Estava com saudades, também? — pergunta tentando puxar-me para seus braços, mas me esquivo.

— Não, Raul. Não para as duas perguntas — respondo ansiosa para correr até Vih. — Na verdade, estou de saída.

— Você está indo onde? São três da tarde, amor. Você já aprontou tudo para nossa viagem? — questiona em tom preocupado. — *Será que ele é tão desligado assim, como parece ser?*

— Nossa viagem? Do que você está falando? — pergunto, finalmente dando atenção a ele.

— Para os Estados Unidos? — responde ele como se eu já soubesse disso. *Ele é louco?*

— E quando você decidiu que iríamos juntos? Aliás, quem disse que quero que vá comigo? Não lembro de termos falado sobre isso.

Juro que estou tentando não ser fria, mas esse jeito invasivo dele me irrita tanto, que prefiro ser indiferente para não ter de socá-lo.

— Por que você está falando assim comigo? Já comprei as passagens, vamos no mesmo voo! Você falou sobre a bolsa, achei que não precisava de

convite para acompanhar minha namorada!

Ele está forçando a barra? Ele está forçando a barra, não está?

— Raul, olha só, estou mesmo de saída. Me desculpe o mal entendido, acho que você meio que foi se enrolando nas suas próprias conclusões doidas e, sei que tenho culpa por não ser ainda mais clara sobre o que nós éramos, o que eu não chamaria de namorados, mas, eu de verdade e de fato, preciso ir a um lugar resolver uma coisa e você está me atrapalhando. Então, ãh... Se sua ida aos Estados Unidos é por mim, por favor, não vá — digo, logo depois tentando passar por ele e ele impede minha passagem.

— O quê? Amor, o que está acontecendo? Você está terminando comigo? Sua mãe falou comigo mais cedo, prometi a ela que não desistiria de você, e não vou. Essa sua loucura com essa garota não vai te levar a lugar algum! Você sabe que sou a melhor pessoa para você! Nos encaixamos tão bem! Sou seu ajudante/assessor/amante e podemos ter uma vida incrível pelo mundo, morena!

— Espera, você falou com minha mãe? — gargalho incrédula e ultrajada. — E vocês dois decidiram que sabem o que é melhor para mim, não é? Porque vocês estão dentro de mim e conhecem minhas necessidades. Vocês se merecem e eu estou sem tempo até para brigar com você! Me deixa passar, porra! — ordeno, tentando passar pela grade que os braços dele formam na porta impedindo minha passagem.

— Não posso deixar você fazer isso. Você vai destruir sua carreira se envolvendo em um escândalo desses! Onde já se viu? Quem vai respeitar uma fotografia sapatão! — diz com desprezo.

— Saia da frente dela. — Ouço a voz grave e potente de meu pai antes mesmo de pensar em como responder as ofensas de Raul.

— Sr. Sérgio, boa tarde... Desculpe, mas sua filha está prestes a cometer suicídio profissional e destruir a boa imagem que construímos, com

um trabalho duro, e não posso deixar — explica Raul, sem mover-se da porta.

— Meu trabalho duro! Minha vida profissional! Foda-se sua opinião, a vida é minha, agora saia da minha frente, caralho! — exijo mais uma vez.

— Não — repete ele calmamente.

— Você é surdo, rapaz? — pergunta meu pai e no segundo seguinte, suas mãos estão em volta do colarinho da blusa de Raul, e, mais três segundos depois, Raul está fora do caminho.

— Corre atrás dela, moleca! — diz meu pai sorrindo, ainda agarrado firmemente a blusa de Raul, e me dá uma piscadinha marota.

— Mas que diabos está acontecendo aqui, Sérgio? Qual sandice de Mari resolveu apoiar as minhas costas dessa vez? Meu Deus, solta o rapaz! Você enlouqueceu?

Minha mãe fala alto, enquanto desce as escadas apressada.

— Corre, filha! — pede meu pai.

— Eu te amo, pai — afirmo com o peito cheio de orgulho e gratidão pelo pai que tenho e saio correndo em direção ao meu carro sem olhar para trás ou dar atenção para os gritos de minha mãe.



Vicky



Vicky (Disponível)

vih_leal@hotmail.com

Não há como imaginar uma vida em que eu não ame você. Espero que você possa.



Mari (Disponível)

mar_e_ana@hotmail.com

Parti seu coração, o meu e me parti. Um dia reencontro os pedacinhos e reconstruo ele pra você.

Sinto braços me circularem de forma protetora assim que abro os olhos pela manhã e, por alguns segundos, mantenho meus olhos fechados, tentando fazer de conta que a noite de ontem foi um pesadelo e que é Mari quem está ao meu lado na minha cama, porém nem é preciso que eu abra os olhos para que eu perceba que não é ela. *Nem ao menos um sonho desperto eu consigo ter!* — penso e abro os olhos, tirando o braço de Fabrícia delicadamente de cima de mim para não acordá-la e escorrego para fora da cama.

Depois que contei tudo o que houve com Mari para a Fabrícia, foi preciso muito para convencê-la a não ir no mesmo instante confrontá-la. Ela ficou pior do que um siri dentro de uma lata. No entanto, ela entendeu que eu precisava dela ao meu lado, mais do que Mari precisava de uns sacodes, então ela acabou dormindo comigo.

Fabrícia é uma boa amiga. Apesar do meu estado vulnerável, ela não tentou em nenhum momento se aproveitar do interesse que ela já confessou ter por mim e tudo que ela fez foi me acalantar até que eu fosse vencida pelo cansaço do choro e cair no sono.

— Bom dia — diz ela com a voz ainda arrastada pelo sono — Por que você tá me olhando com esse olhar esquisito? Estou babando seu travesseiro? — pergunta, enxugando a baba inexistente do canto de sua boca, e eu sorrio.

— Nada, miga. Estava apenas pensando na sorte que tenho de ter uma amiga como você por perto — explico.

— É, eu sei. Sou a rainha da *friendzone*. — Brinca, mas noto um tom de cansaço ao falar sobre isso. — Mas me conta, você está melhor? Que horas já são? Você vai trabalhar?

— Ainda é cedo — começo — Estou com vontade zero de ir trabalhar, mas preciso. Além de eu já ter faltado ontem, acho que ficar aqui sozinha vai ser pior — afirmo desanimada.

— Sim, você tem razão. Eu tenho plantão hoje, ou iria te arrastar para fazermos algo e tentar te tirar dessa fossa, mas como não posso, vá trabalhar, sim. — Concorda.

— Toma café da manhã comigo? — convido, porque ao contrário da maioria das outras pessoas do mundo, corações partidos me dão fome ao invés de tirarem meu apetite e eu estou faminta.

— Claro! Te ajudo a preparar, como nos velhos tempos — diz dando-me uma piscadela e sorrio mais uma vez, grata pela amiga incrível que tenho.

Sentada na praça de alimentação do shopping, tirando um intervalo forçado depois de ter: lançado nota errada, embalado pares de calçados de números diferentes e derrubado uma pilha de caixas em cima de uma cliente antiga da loja, — a mais abusada, claro — observo o movimento de pessoas indo e vindo sem reparar em ninguém em especial, até que ouço uma voz vinda do meu lado esquerdo.

— Eu sei que fui meio babaca quando eu era mais jovem, mas ainda

estou esperando aquele “oi” para que a gente possa sair e, eu te mostrar que de fato, cresci. Posso sentar com você? — pede, estendendo um Mcflurry de MM’s para mim. *Como ele sabe que esse é meu sorvete favorito?*

— Ähn... Oi, Rodrigo. Obrigada, — agradeço pegando o sorvete — pode sentar sim, mas estou voltando ao trabalho daqui a pouco, só tirei quinze minutos para dar uma esfriada na cabeça — aviso, e ele puxa uma cadeira sentando-se ao meu lado.

— Está tudo bem? Notei que você está meio borocoxô. Quer conversar? — pergunta em um tom atencioso.

— Estou bem, vou sobreviver — respondo com um sorriso sem graça, mexendo no sorvete sem ânimo.

— Achei que sorvete ainda te animasse — comenta ele, observando que ainda não tomei uma colherada sequer do sorvete que já começa a derreter.

— Você ainda lembra disso? — pergunto com um sorriso discreto que não consigo evitar.

— Eu lembro de tantas coisas, Victoria. — Sinto seus olhos em mim, paro de brincar com as bolinhas de MM’s e olho em sua direção, fico desconcertada com a intensidade com a qual ele me encara. Engulo em seco. Rodrigo estende a mão para tocar a minha, mas uma voz grave e firme interrompe seu movimento antes que a pele dele sequer toque a minha.

— Oi, tudo bem? Você poderia nos dar licença, por favor? — pede, mas seu tom é autoritário, seus olhos estão nos meus e em nenhum momento desvia para Rodrigo, que permanece com a mão a meio caminho da minha.

— Victoria? — chama Rodrigo, esperando alguma deixa minha para saber o que fazer, porém, não sou capaz de virar em sua direção, dizer qualquer coisa, tão pouco de segurar as lágrimas que começam a despencar, assim que meus olhos se fixam aos dela.

(Mari)

Quando finalmente avisto Vih sentada, meu coração se enche de alívio e medo, ganhando algumas pinceladas de ira ao notar o cara flertando com ela. Não sei quem ele é, mas já o odeio por me fazer sentir impotente contra ele.

Competir com Fabrícia pelo o amor de Vicky é algo de que posso dar conta, brigamos como iguais, agora com um cara? Que chance eu tenho, porra?!

Caminho em direção a ela, que não me vê, até que eu esteja à sua frente.

Assim que nossos olhos se encontraram, lágrimas se formaram e rolaram sem que ela se esforçasse para contê-las ou secá-las. E, mesmo que eu já tenha pedido para esse babaca ir embora, ele ainda não foi, parece esperar um consentimento dela para ir. *Deve ser alguém próximo. Mas quem?* Continuamos em um silêncio desconfortável. Vih chora sem tirar os olhos dos meus, o cara não faz menção alguma de ir embora, e, desvio sutilmente o olhar em sua direção a fim de tentar sacar qual a dele. Vejo uma preocupação genuína em seu olhar para ela, então, a ficha cai: Rodrigo! Ela disse que ele estava trabalhando aqui! Puta merda!

Rodrigo foi a primeira grande paixão de Vih e, a pessoa que mais desejei socar mesmo que nunca o tenha visto antes. Bom, vejam só, quem sabe hoje tenho a chance?

Foda-se.

— Quer saber, — começo em tom firme e baixo, desviando completamente meus olhos dos dela pela primeira vez desde que cheguei e, apoiando minhas mãos na mesa, abaixo até que meus olhos estejam na altura

dos dele — caguei pra você — afirmo.

Volto meus olhos novamente para Vih, que ainda chora em silêncio, mas seu olhar me faz milhares de perguntas, acusações e súplicas.

— Vih, eu amo você. — Minha voz embarga, sinto meus braços fraquejarem enquanto sustentam meu peso para que eu continue mantendo meus olhos na altura dos dela, mas aguento firme. — Eu sei que fui uma babaca escrota e covarde, sei que deveria ter ido atrás de você, ter movido céus e ter tentado ao menos explicar o que estava acontecendo e o porquê de naquele momento, eu acreditar que não havia um futuro para nós. Existem coisas acontecendo na minha vida e por causa delas, achei ter razões suficientes para tomar aquela decisão sozinha, porque fui burra, cega, egoísta e também arrogante por acreditar que eu sabia o que era melhor para você, mais do que você mesma. Mas... — Vih permanece calada, seu olhar firme esperando explicações e pedidos de desculpas. Sua expressão corporal é seca, inerte. Ela não move um músculo e por um momento sinto o pavor encher meu sangue, porque de repente, não sei se ela vai ser capaz de me perdoar. Desespero-me.

— Vih, eu estou indo embora para os Estados Unidos, para talvez não voltar mais... Ou estava... Eu já não sei mais... — desabo finalmente, sentando na cadeira de frente pra ela, apoiando meus cotovelos na mesa e segurando meu rosto com as mãos, me permitindo chorar pela sei lá quantas vezes e cagando e andando para o fato do idiota do Rodrigo ainda estar aqui. — Eu quero ir. É uma oportunidade imperdível. Ganhei uma bolsa para fazer especialização na melhor escola de fotografia da América do Norte, Vih. Ela é uma das três melhores do mundo e, ao final do curso que tem duração de três anos, haverá uma seleção dentre os melhores da turma, concorrendo uma vaga para assistente, por mais dois anos, do Fotógrafo Jeremy Fox. Ele é nada mais do que o profissional mais influente e talentoso que conheço e

minha maior inspiração... Mas, eu confesso que não sei mais se vale a pena. Não se para isso eu tiver que abrir mão você — afirmo. E de tudo que aconteceu, e no meio de toda essa bagunça que mora em minha cabeça, essa é minha única certeza: não posso abrir mão dela. Não posso ir embora batendo a porta para a possibilidade de ter Vicky na minha vida, da maneira que merecemos, nem que seja daqui cinco anos, nem que seja daqui dez ou cinquenta.

Espero alguma reação de Vih, mas ela continua muda.

Ouçõ a cadeira ao lado sendo arrastada e o figurante desse drama finalmente levantando para nos deixar a sós, sem nada comentar. Respiro um pouco aliviada, acreditando que talvez, sem a presença desse cara, ela possa finalmente falar, gritar, me bater. Fazer qualquer coisa que dê algum indício de que ela ainda se importa.

(Vicky)

Não estou acreditando nisso. Isso não pode ser verdade. O que eu pensei que já era ruim, se mostrou ainda pior. Mari estava/está indo embora, muito provavelmente para nunca mais voltar, e ia fazê-lo sem ao menos me dizer adeus, sem nem mesmo me contar.

De todas as coisas que ela falou, só consigo entender que ela estava indo embora sem ao menos se despedir de mim. Até mesmo a menção que ela fez de desistir de tudo pelo qual batalhou, para ficarmos juntas, perde a importância nesse primeiro momento, porque, primeiro: eu jamais permitiria que Mari desperdiçasse uma chance como essa e, porque acima de qualquer coisa, temos uma promessa. Uma gravada de forma permanente em nossa pele.

Estou com raiva. Estou muito fura da minha vida, mas o pior de tudo é

a mágoa. Mari não podia ter feito isso comigo. Sinto-me enganada.

— Baby, pelo o amor de Deus, fala alguma coisa! Me xinga, bate em mim, me manda embora... Qualquer coisa, só reage! — implora ela.

— Desde quando você estava sabendo sobre essa bolsa? Em algum momento você ao menos cogitou a possibilidade de dividir isso comigo? Ou fugir sem deixar vestígios sempre estive nos seus planos? — pergunto apática.

— Eu soube na manhã de ontem. Estou participando da seleção para essa bolsa há quatro meses e só ontem chegou a carta com minha aceitação. Minha mãe me ligou enquanto você estava no banheiro — explica ela.

— Por que não foi franca? Por que não disse que estávamos nos despedindo? Se você não acredita que mesmo depois de tudo pelo que passamos, que não seríamos capazes de passar por esses sei lá quantos anos, por que me dar aquele dia? Por que me fazer sentir o quão magnífico é ser feliz, se já pretendia arrancar isso de mim da maneira que você fez, Mari?!

— Baby, eu ainda tentei te contar! — diz ela chorando — Eu ia contar! Mas antes queria ter ao menos um dia perfeito para levar comigo! — explica ela, as lágrimas ainda rolando de forma intensa por seu rosto. — E quando eu quis dizer o que estava acontecendo, você me disse todas aquelas coisas e eu achei que talvez fosse mais fácil você superar se tivesse com raiva de mim, achei que doeria menos...

— Doeria menos? Eu estava saindo da sua vida, Mari! E não pretendia voltar mais! Porque estava acreditando que você não me amava o suficiente para enfrentar o que quer que fosse e eu mereço mais do que isso, caralho! E você me diz que achou que doeria menos? Vicky e Mari de agora e para sempre, não é? Não foi o que prometemos? Não importa o que aconteça, quanto tempo passe ou quão longe estejamos fisicamente, nunca deixaríamos de ser quem somos uma para a outra, não era assim? E aí, você decide

sozinha o que acha que é melhor para mim, sendo que você só esteve pensando em você, porra! — grito, logo depois olhando para os lados sem graça. Respiro fundo para tentar me acalmar. — Você sabe que tomou essa decisão mais por você mesma do que por mim, não sabe? Era mais fácil para você, estar em outro país “sem mim”. Porque esse rompimento era necessário para você, e não pra mim. Eu te conheço, garota, e eu estava certa. Você só estava fugindo, como sempre. Porque você sempre segue o caminho mais fácil!

— Eu não ia aguentar mesmo, caralho! — confessa ela. — Eu já estava definhando só de pensar em todas as vezes em que iria desejar teu toque e você não estaria ao meu alcance! Depois de tudo que aconteceu e do que experimentei ao seu lado, eu jamais me conformaria em te ter através da maldita tela do meu computador como antes! Foda-se essa porra toda, eu fui covarde e acreditei que se eu rompesse agora seria como arrancar o curativo em um movimento rápido que iria causar dor, mas que a recuperação seria mais indolor! E, caralho, eu fiz isso por mim, porém também por você, sim! Porque você nunca seria feliz em um relacionamento a distância e jamais iria deixar a segurança do que conhece para se aventurar no desconhecido comigo! — acusa-me e pela primeira vez, recuo. Porque ela tem razão.

Nunca fui do tipo que salta sem me certificar se há chão firme para firmar meus pés. Tudo que conheço está aqui, minha vida inteira. Sinto meu corpo suar apenas com a ideia de estar longe de casa, dos meus pais e amigos, em um país que não é meu.

— Eu também conheço você, garota! E o que me deixa ainda mais puta, é que sei que somos exatamente o que a outra precisa, sou sua adrenalina deliciosa da instabilidade e você a segurança do meu lar, mas nos perdemos, Vih! Não há nós sem sacrifícios e eu não quero que seja você a pagar o preço por minhas más escolhas e covardias. Porque a culpa de tudo

isso é minha. — Confessa com pesar. — Eu sempre soube que te amava mais do que dizia e sempre escondi isso tão bem de você que por muitos anos nem mesmo eu soube onde esse sentimento ficou escondido. Eu devia ter enfrentado meus medos e ter sido honesta com você, Vih, com a gente, mas não fui, e esse peso, essa culpa... — Mari para de falar e respira profundamente. Depois de alguns segundos de silêncio, ela continua — Essa maldita culpa nunca sairá dos meus ombros, Vih. Nunca. E a cada dia que passar, eu vou abrir os olhos pela manhã, provavelmente do outro lado do mundo, e vou ter a certeza de que deixei a minha pessoa da vida ir embora. E quer saber como eu sei disso, Vicky? Porque é isso que acontece dia após dia, desde que deixei você casar com aquele babaca sem nada ter feito para tentar impedir.

Os olhos da Mari estão vermelhos e inchados de uma forma que nunca vi antes. Estamos em uma praça de alimentação, cheia de curiosos nos observando com atenção, e ela que sempre se esforçou para manter a pose de ‘casca grossa’, agora se deixa ruir, bem aqui na minha frente. Vulnerável, desarmada, nua.

— Eu não aguento mais, baby... Eu não posso mais levar essa culpa comigo e ir embora, deixar você para trás mais uma vez, vai só aumentar o peso que já carrego e eu... eu não tenho mais como, amor. Eu não tenho!

Mari estende a mão pra mim suplicando, pedindo ajuda, engolindo o orgulho que sempre a acompanhou.

— Eu sempre disse que não preciso de ninguém. Eu sempre disse que nunca iria precisar, porque sempre fui autossuficiente, mas isso não é verdade, baby. Porque eu preciso de você... Eu preciso...

Isso é demais pra mim.

Levo minha mão de encontro a dela e nossos dedos se entrelaçam da forma que sempre foi familiar, desde o primeiro toque. Não há espaço algum

entre seus dedos e os meus. Encaixados. Fechados. Fundidos.

Puxo Mari para o lado e em um movimento rápido e desesperado, ela está sentada na cadeira ao meu lado, com a palma da mão livre no meu pescoço, seus dedos sob minha nuca e o polegar acariciando minha bochecha.

Estamos conscientes de onde estamos. Das pessoas em volta de nós, provavelmente Rodrigo também, acontece que não estamos nem aí. Então ela me beija.

Nos perdemos no nosso beijo doce e acalorado. Nos sentimentos e nas sensações contraditórias e singular que é só nosso: amor, luxúria, carinho, desejo, segurança, desespero. Aventura e lar.

Quando nos soltamos uma da outra, nossa respiração está difícil, pelos narizes entupidos pelo choro e pela vontade de estarmos à sós.

— A gente é maluca, garota! — diz Mari sorrindo, com a testa colada na minha. Sorrio também.

— Quando você vai embora? — pergunto com o coração apertado.

— Meu voo sai às 23h de hoje, mas não vou estar naquele avião, baby. Não vou abrir mão de você e jamais tiraria você da segurança e convivência dos seus pais.

— Não vou deixar você perder essa oportunidade, amor. Eu não me perdoaria. É seu sonho, sua carreira!

— Que não valem nada se você não estiver ao meu lado. Foi preciso um tapa na cara e a imagem de outra pessoa te amando mais do que eu para eu entender, mas eu entendi. — diz com um sorriso tímido.

— Fabrícia bateu em você? — pergunto incrédula.

— Eu estava merecendo, não é? Valeu a pena — afirma.

— Mari, eu não sei o que pode acontecer em cinco anos. Não posso nem mesmo ter certeza se estarei viva ou morta — rio sem graça —, mas sei que ainda amarei você.

— Vih, eu não posso pedir pra você me esperar, você precisa viver, tem que...

— Mari, — tento mais uma vez — me deixa terminar de falar? — peço e ela assente. Respiro fundo. — Eu não posso deixar que cometa essa loucura, que desperdice essa chance. Um dia essa conta chega e aí sim tudo estará perdido. Você vai estar naquele avião, mesmo que eu tenha que arrastá-la até ele e amarrá-la à poltrona!

— Mas e a gente, baby?! Não vamos conseguir manter um relacionamento que mal começou a países de distância! E eu não vou deixar que abandone sua vida aqui...

— Amor, — recomeço — não precisamos rotular o que somos, por enquanto. — sugiro.

— O quê? — pergunta confusa.

— Eu não estou pronta para sair da segurança da vida que já conheço. Um namoro a distância nos machucaria mais do que confortaria. Eu não vou deixar de viver o que tiver de viver e nem você. Você vai agarrar essa oportunidade. Vai ser a melhor daquele curso e mostrar para esse fodão da fotografia o quão magnífica você é e, então, vai voltar pra mim.

— Mas e se a vida nos levar para ainda mais longe, Vih? — questiona aflita.

— Mari, — começo colocando nossos braços sobre a mesa, ainda com nossas mãos entrelaçadas, expondo nossas tatuagens, feitas há alguns anos atrás, mas que agora parecem ter sido há vidas — não importa quanto tempo passe, quão distante a gente esteja ou o que quer que aconteça, sempre seremos uma da outra, sempre estaremos uma na vida da outra, sempre seremos Vicky e Mari. — Ergo minha mão livre em forma de punho e levanto meu dedo mindinho, encarando ela com firmeza, meus olhos cheios de amor, certezas e esperanças. — De agora e para sempre, amor.

— Ao infinito e além, baby — promete ela, encaixando seu dedo mindinho ao meu e eu sinto dentro de mim que assim será.

Quando chego em casa, pego a caixa com os diários de Mari e coloco todos eles sobre a cama. Oito anos dela bem aqui, dispostos na minha frente.

Pego um aleatoriamente e abro, agora sem nenhuma culpa por talvez estar sendo invasiva, porque agora eu sei que não é apenas sobre ela. Tudo sempre foi sobre nós.

Olhando para o diário em minhas mãos, leio sobre uma garota que buscou sua liberdade acima de qualquer coisa no mundo, mas acabou presa dentro de si mesma, trancafiada dentro das celas que ela mesma criou para si.

Sorrio imaginando Mari ganhando o mundo. Agora ela é livre. Mari é como uma rebelde liberta e eu ainda sou como uma refugiada desejando apenas um lugar seguro longe de todo o caos.

Quem sabe um dia.

(Mari)

O avião decola e em poucos segundos, toda a cidade se transforma em pontos pequenos no chão. Despeço-me da minha cidade que sempre será meu lar, mas nunca mais minha morada. Estou deixando tudo que conheço para trás, voando — literalmente — para o desconhecido, sem certezas ou garantias, trazendo comigo apenas as melhores lembranças de tudo que vivi até aqui, e a mais doce de todas elas sei que jamais irei esquecer: Vih.

Encaro a escuridão da noite através da minha janela e mergulho para meu futuro incerto, nomeando a imensidão do mundo minha nova casa.

Eu sou bicho solto. Sou do mundo. Sou livre.

Quase seis anos depois.

Janeiro de 2018



Vicky

Parada ainda com a porta aberta, seguro atônita uma carta de Mari. Estamos em 2018, onde a comunicação se resume a internet e *smartphones*, e depois de todos esses anos, recebo uma carta dela. *Isso é tão a cara dela...* — penso e um sorriso saudoso e ansioso se forma em meus lábios.

A vida é muito engraçada. Ela está sempre em movimento, sempre andando, às vezes correndo e outras se arrastando, mas não se engane, ela jamais para. E se uma vida pode mudar completamente de um dia para o outro, imagina em quase seis anos.

Bato a porta do *studio* do qual nunca me mudei, nem mesmo depois de Rodrigo, e caminho até minha cama, sentando e admirando a letra bem desenhada de Mari. Mari...

A cada dia que passou, e dias tornaram-se semanas que logo viraram meses, e esses anos, a vida foi seguindo seu curso. Era natural que com o passar do tempo, a inconformidade de toda aquela situação fosse diminuindo, assim como a dor daquela perda do amor correspondido não vivido. Acontece que, apesar de tudo estar tão longe, nada jamais ficou para trás, pois ainda hoje, sinto tudo queimando, ardendo e doendo, tamanha saudade que sinto dela. Minha Mari, meu amor.

Eu sei que se contasse nossa história para qualquer um, seríamos ambas condenadas, provavelmente. Afinal, como alguém abre mão de um amor como o nosso? Bom, acho que a questão está bem nesse ponto. Não abrimos mão do nosso amor. Ele continua vivo aqui dentro e cresceu ainda mais ao passar de cada um desses dias em que estive longe dela, sem nenhuma notícia sobre o que ela fazia ou como estava. Tenho absoluta certeza de que com ela também foi assim.

Nós ainda tentamos por um ano inteiro nos manter ao menos como sempre fomos, antes de tudo que vivemos, mas não conseguimos. A cada

chamada de vídeo, a sensação era de descontentamento muito mais do que conforto. Ela não conseguia focar em sua vida lá, eu não conseguia desprender-me e viver o aqui, e só estávamos sofrendo mais a cada despedida.

Não foi fácil entender, mas no fim, acabamos por compreender que algumas vezes, amores correspondidos tem a infelicidade de se encontrarem em ‘vidas’ não correspondidas. Que infortúnio o nosso.

Naquele último dia em que estivemos juntas, quando nos despedimos e decidimos que seguiríamos nossos caminhos lado a lado, apesar de irmos em direções opostas, eu deixei-a ir com a certeza de que a partir daquele momento, ela viveria apenas no meu coração e, que seus beijos e carícias só existiriam nas minhas lembranças. Acreditei nisso, mesmo que no fundo, eu transbordasse na esperança de existir um nós no futuro. Quando ela se foi, achei que iria literalmente desmoronar ali mesmo, no entanto, braços alertas correram para me socorrer.

Após presenciar toda a cena com Mari, Rodrigo se aproximou de mim. Achei que ele iria me criticar, censurar ou sei lá, e preparei-me para o pior. No entanto, tudo que ele fez, foi oferecer-me seu ombro para que eu pudesse chorar toda a dor daquela despedida.

Não voltei mais para trabalhar naquele dia. Rodrigo também não. Ele segurou minha mão depois de eu finalmente soltá-lo, uns vinte minutos depois de me manter agarrada a ele e encharcar sua blusa, dessa vez com lágrimas ao invés de suco, e me levou para uma área próximo ao estacionamento do shopping, gramada e com algumas árvores em volta. Sentamos debaixo de uma das árvores e ficamos em silêncio enquanto observávamos o sol baixar na linha do horizonte até sumir. Já era noite quando finalmente abri a boca para falar ao invés de soluçar, e foi quando eu contei tudo sobre nós para ele.

Esperei mais uma vez a condenação e mais uma vez ela não veio. Rodrigo se mostrou, digamos, evoluído, quanto a ‘simplicidade’ de duas pessoas se apaixonarem, e quando o relógio bateu as 23h, que o avião de Mari provavelmente começava a manobrar e ganhar velocidade para levantar voo, Rodrigo me agarrou ainda mais forte, segurando-me junto ao seu peito para impedir que meus pedaços caíssem e se quebrassem ainda mais.

Lembrar daquele dia sempre foi doce com um leve toque azedo, ao fim de tudo. Dói, mas me conforta. Porque foi naquele dia que Mari e eu reafirmamos e entendemos o que somos uma para outra e que sempre seremos, e agora, segurando essa carta nas mãos, na minha casa de sempre, — da qual nunca mudei para ela saber onde me encontrar — reviver aquele dia, e tudo que foi vivido até chegarmos nele, é como voltar no tempo e quem sabe ter a chance de continuar de onde paramos.

Abro o envelope finalmente. Respiro fundo.

Santa Monica, Califórnia, 01 de janeiro de 2018

É ano novo, baby. Mais um ano que se inicia, mais um ciclo, mais um dia que amanhece e que você é a primeira coisa que vem a minha cabeça e que jamais saiu do meu coração.

É inverno aqui. Está frio e eu acabo de chegar ao meu apartamento, depois do fim de mais um trabalho com Jeremy. Sim, consegui a vaga de assistente e, amor, você não faz ideia do quanto pude aprender e dos lugares incríveis pelos quais passei. Quero levar você em alguns deles, quando houver oportunidade, outros, espero que você jamais precise passar nem mesmo por perto.

O trabalho do Jeremy é extraordinário. Ele captura a essência do

sofrimento de pessoas que foram devastadas por tragédias e, de uma forma meio louca e incompreensível, transforma a dor em algo belo, magnífico. Trabalhar com ele era tudo o que eu precisava para me encontrar profissionalmente e, graças a ele e a toda a experiência adquirida ao seu lado, pude enfim descobrir-me enquanto profissional.

Sou grata por tudo até aqui. Tenho medo de dizer isso, mas a verdade, é que estou agradecida por todas as escolhas que fiz até aqui, todas elas. Acho que elas foram necessárias no fim das contas. Hoje sou quem sou graças a elas, inclusive as ‘erradas’.

Gostaria que soubesse que, em nenhum momento você esteve longe de mim, apesar dos muitos anos sem que ao menos pudéssemos ouvir a voz uma da outra.

Esses anos foram longos, mas de extremo proveito. Não perdi nenhum deles e torço para que você também não o tenha feito.

Baby, estou voltando. Vou apenas resolver algumas pendências por aqui para que eu possa voltar ao Brasil. Jeremy me fez uma ótima proposta e estamos planejando meu primeiro projeto internacional, para daqui seis meses, mas olha só, não se desespere, ok? Vamos conversar pessoalmente em breve. Afinal, tem alguém prestes a passar dos trinta e eu jamais poderia perder a chance de conferir seus possíveis primeiros cabelos brancos.

Eu não sei como anda sua vida, não sei como anda seu coração e espero, honestamente, que você não o tenha guardado para mim. Espero que você tenha se apaixonado muito nesses anos em que estivemos longe. Que tenha se permitido ter seu coração roubado e que tenha partido alguns corações também. Espero que tenha conseguido enxergar a mulher incrível que sempre foi, que tenha se encontrado e enfim percebido que você é seu próprio lar e pode levar ele com você para onde quer que decida ir.

Estarei por aí na segunda semana de fevereiro. Guarde o dia vinte e

dois para mim, te vira. E tudo bem se não tiver esperado por mim, no entanto, espero que esteja pronta, porque estou voltando mais do que disposta a roubar seu coração de quem quer que seja e, prometo passar o resto dos meus dias fazendo você se reapaixonar por mim todos os dias de nossas vidas.

*Amo você, Vih.
...Ao infinito e além.
Mariana Fontenele.*

Seco as lágrimas o mais rápido que consigo por temer que elas acabem molhando e borrando as palavras de Mari. Releio a carta três vezes antes que possa finalmente tirar os olhos dela, meu sorriso se misturando ao choro quando sinto que minha Mari continua a mesma mandona e marrenta que sempre foi.

Hoje é 10 de janeiro. Mari estará na Califórnia talvez até no máximo dia 15 do próximo mês. Encho meus pulmões de ar e solto-o devagar, tentando acalmar o bater frenético do meu coração, afinal, apesar de ainda não ter cabelos brancos, não sou mais uma mocinha.

Eu amei Mari por toda minha vida e sempre fui consciente do lugar cativo dela em meu coração, mesmo durante esses anos em que estivemos longe, mas eu fiz uma promessa a ela de não me privar de viver. E vivi.

No passado, quando adolescentes, inseguras e cheias de medos e confusões, acabamos por escolher caminhos que nos levaram cada vez mais para longe uma da outra, mas depois daquele dia, caberia a nós decidirmos se iríamos para ainda mais longe ou para mais perto e, a partir daquele dia, eu soube bem para onde queria ir.



Mari

Depois que abri as celas que eu construí para mim mesma e experimentei a liberdade de ser quem sou, me apaixonei pela vida, pelas sensações que experimentamos ao decorrer dela e explorei uma a uma. E apesar dos beijos ardentes saboreados, das carícias e orgasmos, ninguém jamais conseguiu ultrapassar a linha da minha pele.

Tive alguns bons amantes, que tiveram domínio das reações do meu corpo, mas jamais alguém que conseguisse fazer a mais leve carícia em meu coração. Porque ele nunca deixou de ser dela.

Assim que abro os olhos pela manhã, como em todos os dias desde que programei minha volta ao Brasil, faço um x em mais um dia no calendário colado à minha cabeceira e respiro fundo. Não que eu esteja contando nem nada. Treze dias e poderei ver aqueles olhos novamente, apreciar aquele sorriso abobado e lindo tão característico dela.

Espero que a vida tenha sido gentil com ela e que não tenha lhe roubado aquele ar de inocência que tanto amo. Caso tenha, vou me empenhar ao máximo para trazer ele de volta.

Respiro fundo sentindo a dor de sua ausência e da incerteza sobre eu tê-la ou não perdido para sempre. Estou mais do que disposta a lutar por ela, mas tantas coisas devem ter acontecido em quase seis anos... Talvez ela tenha encontrado o lar que tanto buscou e, seria justo bagunçar sua vida, mais uma vez?

Sinto a saudade do que poderia ter sido doer em meu peito só de pensar em um futuro sem o nós que desejo e merecemos. A verdade, é que qualquer final feliz onde não estejamos juntas seria como ganhar uma copa do mundo com um único gol, quando poderíamos ganhar de goleada.

Faz mais de um mês que enviei uma carta para Vih e até agora, ela não entrou em contato. Eu gostaria de ter a esperança de que talvez ela não

houvesse recebido a correspondência, mas nem mesmo posso ter apego a essa dúvida, já que ontem recebi o protocolo de recebimento assinado por ela. Ela recebeu, sim. Bom, ao menos tenho certeza sobre onde encontrá-la.

Sempre que estou em meus momentos ociosos nesse apartamento enorme, fico tentada a procurar notícias sobre ela nas redes sociais, mas no fim acabo me convencendo a esperar para saber dela por ela mesma.

Victoria... Quanto tempo longe, não é meu amor? — penso, passando os dedos pela tatuagem em meu antebraço esquerdo, lembrando nossa promessa para tentar dar um pouco de paz ao meu coração aflito por respostas.

Levanto da cama e vou direto para cozinha para preparar meu café da manhã. O dia está com um clima gostoso devido a primavera que se aproxima. Morar em Santa Monica é como estar no paraíso. Decidi que seria aqui meu ponto seguro para onde voltar, depois das temporadas mundo à fora, sempre a trabalho ao lado de Jeremy, mas obviamente, não trabalhamos todas as vinte e quatro horas do dia, então, as viagens também tornaram-se um lazer.

Minhas torradas pulam para fora da torradeira e coloco-as em um prato, onde ovos mexidos com bacon fumegam a minha espera. Passo um pouco de geleia de amora na minha torrada, encho uma xícara com café puro, arrumo tudo em uma bandeja e caminho até a varanda do meu apartamento, acomodando-me em uma rede de onde gosto de observar o mar.

Acho que Vih iria gostar daqui — penso, sentindo o sol tímido e morno em minha pele e a brisa fresca balançar meus cabelos. E então ouço a campainha tocar. *Que estranho.*

Apesar de essa ser minha residência fixa, nunca fiquei aqui por tempo o suficiente para fazer amizades, então, imagino que seja Jeremy, já que ele é o único que não precisa ser anunciado quando vem me visitar.

Só espero que ele não tente me arrancar daqui para mais um trabalho de última hora, porque não vou abrir mão das férias prometidas. Ele me deu seis meses antes de voltarmos para o batente e só estou em casa por menos de dois.

Caminho até a porta devagar, mas obrigo-me a acelerar o passo, já que a pessoa parece meio desesperada para que eu abra a maldita porta e não para de apertar o caralho da campainha. *Porra, se for Jeremy eufórico com algum trabalho novo, vou matá-lo!*

Abro a porta e, meu corpo todo começa a fraquejar, suar, como se eu tivesse feito a volta ao mundo correndo sem parar para descansar. Meu coração bate tão frenético que me deixa aturdida e meu sorriso rasga-se inteiro.

— Oi, tudo bem? — diz ela com aquele sorriso que tanto amo e aquele brilho nos olhos de que tanto tive medo de que as porradas da vida o tivesse apagado.

Vih está aqui, parada na minha frente, mas ainda assim não consigo acreditar. Deixo meus olhos passearem por ela, absorvendo cada detalhe que a maturidade esculpiu nela, embasbacada com o quanto ela ficou ainda mais linda com traços mais maduros e ainda assim, sem perder o ar de mocinha sempre tão marcante na forma dela se portar.

Passam-se alguns minutos sem que eu consiga dizer nada. Porra, eu não consigo nem mesmo recuperar o fôlego que perdi quando a vi!

(Vicky)

Ver Mari depois de todos esses anos é estranho, engraçado e extraordinário.

Estranho: sinto como se aqueles longos e intermináveis anos, que me arrancaram lágrimas e mantiveram meu coração meio vazio, não tivessem

existido, pois, me sinto como se a tivesse visto ontem. Não por já ter suprido as saudades que senti ao longo desse tempo, mas pelos sentimentos que ainda me aquecem, dentro e fora de mim.

Engraçado: apesar da sensação de que não faz vinte e quatro horas que a vi, e, de eu conhecer essa mulher a vida toda, é como se eu a encontrasse pela primeira vez. Assim como me senti lá atrás, quando éramos adolescentes, sinto um desejo maluco de querer saber mais sobre ela e chegar mais perto.

Incrível: mesmo ciente de que sempre a amei, de que ela jamais abandonou meu coração, é como se eu acabasse de me apaixonar à primeira vista.

Mari continua parada me olhando sem nada dizer, sem me convidar para entrar ou mesmo fazer qualquer menção de que eu possa.

De repente, sinto-me insegura quanto a decisão louca de ter vindo sem avisar, sem nem mesmo *stalkear* ela nas redes sociais para tentar ter uma base de como anda sua vida. Privei-me disso desde que decidimos romper contato e, depois da certeza de que iria encontrá-la, não queria perder o encanto de ouvir suas histórias de vida sobre esses quase seis anos de ausência por ela mesma. *Será que ela tá acompanhada?*

Começo a entrar em pânico. *Ah meu Deus. Caramba, o que eu tinha na cabeça para vir assim, desse jeito? Será que não é uma boa hora? Por que ela não diz nada?*

— Ähn... Desculpa ter vindo assim... Acho que eu deveria ter avisado, não é? Tudo bem, se tiver ocupada, posso procurar um hotel... É... Eu sinto muito... Não quero atrapalhar... Ähn. Você está linda — solto sem conseguir segurar o fato de que sim, caraca, ela está muito linda — Que vergonha, você deve estar com alguém e eu devia ter avisado que estava vindo, vou procurar um hotel e te ligo para combinarmos um almoço? — falo atrapalhada,

tentando puxar a alça da minha mala, que trava e não consigo movê-la devido ao peso e Mari ri, me deixando ainda mais sem graça e confusa.

— Você não tem meu telefone, garota. Como vai me ligar? — questiona em tom brincalhão — Deixa de ser maluca e me dá logo um abraço! Caralho, como eu senti falta dessa sua leseira e desse seu jeito estabanado! — Mari fala sorrindo, e lágrimas começam a molhar seu rosto, me puxa para seus braços e eu relaxo sentindo a segurança que sempre senti quando estou com ela e, percebendo o quanto senti falta também da minha melhor amiga.

— Você é maluca! — diz ela em tom brincalhão, secando as lágrimas e destravando facilmente a alça da minha mala com uma das mãos, estendendo a outra até a minha.

Assim que nossos dedos se tocam, sinto como se cada nervo do nosso corpo se conectasse, encaixando nela o pedaço dela que ficou comigo e a parte de mim que faltava guardada com ela.

— Eu estava nesse exato momento pensando em você, baby! Como pode? — pergunta ela em tom eufórico, surpreso e, sinto meu coração aquecer ao ouvir o apelido carinhoso. Sorrio sentindo-o bater mais depressa. — Se bem que eu estou sempre pensando em você, nem é novidade — confessa, e surpreendo-me com a facilidade com a qual a confissão sai de sua boca.

Mari mudou. Claramente. Ela parece mais aberta, mais à vontade com ela e com o mundo. Até mesmo aquele toque de ira contida tão típico do tom de sua voz sumiu. Mari está feliz. E agora estou ainda mais.

Sigo-a por seu apartamento amplo e iluminado pela luz do sol que entra através das portas de vidro abertas da varanda.

— Seu apartamento é incrível — comento apenas para ter algo a dizer, sem graça, como se eu fosse uma menina diante do primeiro amor do ensino

médio. Bom, na verdade é o que ela é, porém, estou quase completando trinta e um anos e esse tipo de sensação não condiz com uma mulher adulta.

Sinto meu rosto corar, quando os olhos de Mari encontram os meus. Sou capaz de ouvir nossos corações batendo forte em nossos peitos, acima do barulho das ondas do mar que vem da varanda.

Mari solta minha mão e caminha até um corredor próximo a sala, coloca minha mala próxima a uma porta, que acredito que seja de um quarto, e volta a me olhar intensamente, seus olhos expressivos me dizem tantas coisas embaralhadas, no entanto, eu ouço cada uma delas. Eu sempre fui muito boa em ouvir o olhar de Mari e, é impossível não os ouvir gritando enquanto ela caminha de volta pra mim.

(Mari)

Entrelaço nossos dedos mais uma vez, segurando minhas palavras em minha garganta e guio Vicky até a varanda, sentando-me na minha rede branca, uma perna de cada lado, puxando-a para o meio de minhas pernas, acomodando suas pernas sobre as minhas, de frente para mim. Seguro seu rosto entre minhas mãos, encarando seus olhos, sentindo a paz que só ela é capaz de me dar.

Respiro fundo. Uma respiração difícil e trêmula, e passo meu nariz sobre o dela, sentindo seu cheiro junto ao da maresia trazido pelo vento.

— Tenho tantas coisas para contar, tantas coisas para ouvir, tanto para perguntar, — começo, beijando suas bochechas, sua testa, seus olhos, dando-lhe um último beijo no cantinho de sua orelha — mas por hora, antes de qualquer outra coisa, antes de saber se há alguém a quem eu deva matar para ter de volta seu coração: eu amo você — digo em tom baixo e firme. Seguro. — Eu amo você — repito, trazendo minha boca do seu ouvido até seus lábios. — Nossos olhos travam um no outro e, mais uma vez, com o coração

transbordando de certezas e coragem, proclamo — Eu. Amo. Você. Você! E em todos esses anos, mesmo depois de todos os beijos provados e corpos tocados, meu coração, por nem mesmo um segundo, deixou de pertencer a você. E eu não me importo com quantas bocas você também possa ter beijado, porque eu sei que nenhuma delas te fazia transbordar como a minha. — Afirmando e no segundo seguinte, transbordamos juntas, derramando nosso amor através dos beijos que guardamos uma para outra, aquele que é só nosso e que nunca partilhamos com mais ninguém. Porque ninguém mais no mundo é Vicky e ninguém mais é Mari.



Vicky

Beijar Mari é como voltar a fazer sentido, como se finalmente tivesse um lugar seguro pra ir.

Sinto seus lábios tocarem os meus docemente, e segundos depois estamos agarradas uma a outra com desespero, puxando nossos corpos para ainda mais perto um do outro, misturando nossas lágrimas e nossos cabelos, grudados e bagunçados em nossos rostos.

— Antes que eu me esqueça, estou muito orgulhosa de você — diz ela com um sorriso, com a testa colada a minha, ainda segurando meu rosto.

— Oxe, pelo quê? — pergunto confusa.

— Baby, você viajou sozinha para fora do país! — fala surpresa e noto que ela realmente está feliz por perceber o quanto amadureci.

— Amor, vou fazer trinta e um anos — respondo como se isso explicasse tudo.

— Sabe, confesso que tive muito medo de jamais ter a chance de ter sua vida entrelaçada a minha. Você sempre buscou tanto o tal “lar” com a famosa casa de jardim grande, que por muito tempo me vi insegura se eu seria capaz de fazer você feliz. Só hoje consigo ver isso claramente, engraçado, não é? Meu maior medo nunca foi assumir quem eu era, enfrentar os julgamentos alheios, meus pais ou sei lá. A cada vez que tentei tomar coragem para declarar meu amor por você, eu era atropelada pela certeza de que jamais teria como te dar o que sempre sonhou. Mesmo depois de você corresponder aos meus sentimentos, eu acreditei que no fim, eu estaria te impondo uma vida pela metade, e eu jamais iria querer isso pra você.

— Preciso te contar uma coisa — aviso em tom sério, e Mari se empertiga, preparando-se. — Eu me casei com Rodrigo. Não oficialmente, mas moramos juntos — digo e Mari assume uma expressão compreensível e dolorida. Ouço-a puxando o ar com força e seus olhos marejarem.

— Então, você encontrou sua casa de jardim grande, afinal — diz ela em tom sentido, com as mãos percorrendo cada pedaço do meu rosto.

— Sim, apesar de a casa não ter o jardim grande, já que me neguei a sair do meu *studio*. — O olhar de Mari vacila e ela olha para baixo, para nossas pernas entrelaçadas.

— Ei! — chamo-a, usando meu dedo indicador para erguer seu rosto em minha direção. — Preciso que preste muita atenção no que eu vou dizer agora, tudo bem? — peço e ela assente.

— Rodrigo é muito importante para mim. Ele se manteve ao meu lado em um momento que achei que não conseguiria sequer dar um passo a frente. Fabrícia se mudou uns seis meses depois que você foi embora. Ela passou para medicina na faculdade federal de Minas e eu me vi sozinha. Tive um choque de realidade, praticamente uma crise existencial, eu diria. Rodrigo foi a mão que me manteve firme no lugar, sem cair. O apoio que eu precisei para correr atrás do que eu queria. Eu precisava de alguém ali, do meu lado, guiando meus passos, porque eu era esse tipo de pessoa que até consegue caminhar com as próprias pernas, mas não sozinha, não sem um pulso firme para me impedir de desistir. Rodrigo foi esse pulso.

Mari continua em silêncio, pacientemente esperando que eu termine de falar, então prossigo.

— Amor, me formei em Jornalismo pela UFC, aprendi dois idiomas, sendo espanhol meu favorito. Meu curso de especialização começa daqui três meses e dividi todo esse pedaço da minha vida com ele, e sou imensamente grata por sua tentativa de me dar o lar que sempre sonhei.

— Fico feliz que tenha encontrado seu lar, Vih, mesmo que eu não tenha tido sequer a chance de oferecer o meu a você. — Mari me interrompe, chorando.

— Me deixa terminar, por favor? — peço.

— Desculpa — pede respirando fundo mais uma vez.

— Mari, a parte ruim de você querer um ideal e não algo concreto, é que você só vai descobrir se quer mesmo aquilo quando o tiver. Eu busquei um ideal de felicidade a vida quase toda, eu o alcancei, e então percebi que não era aquilo o que eu queria.

— Baby, eu não estou entendendo.

— Amor, lar é quando a gente se sente em casa, quando você está em paz e sente que nada mais falta, e só existe um lugar no mundo em que eu me sinto assim. — Seguro as mãos de Mari erguendo seus braços e envolvendo eles ao redor de mim. — Aqui.

Mari me aperta com força, suas costas sacudindo levemente contra meus braços com os soluços que escapam devido ao choro.

— Eu sabia bem para onde queria que minha vida fosse, e, eu cumprimos, minha promessa sobre não esperar por você e viver, mas não esperar por você não significava que eu não poderia estar pronta para o caso da vida ser generosa com a gente, fazendo nossos caminhos se cruzarem mais uma vez — afirmo e Mari assente. — Eu passei a vida buscando um lar de tijolos, fixo no chão e antes mesmo de receber sua carta, eu já havia percebido que esse não era o lar que me faria feliz.

— Então você e ele... — Mari pergunta, apenas para confirmar o que ela já sabe, que estou livre para nós.

— Sim, nós terminamos tem seis meses, mas ainda somos grandes amigos e honestamente, não imagino uma vida sem que ele esteja nela.

— Hum... Sei — diz ela, e sinto uma pontinha quase imperceptível daquela ira contida. Sorrio.

— Mariana, Rodrigo se tornou meu melhor amigo. Você é meu lar. — Digo dando-lhe um beijinho na ponta de seu nariz — Um lar de carne, alma e amor que posso levar comigo para onde quer que eu vá. Você é meu lar,

Mari. Aqui, no Brasil, naquelas ruínas que hoje formam o nosso lugar em Fortaleza... Meu lar estará onde você estiver, garota, e eu estou preparada para morar nele para sempre.

04 meses depois...

Faz apenas uma semana que voltamos para Fortaleza e, depois dos melhores meses da minha vida, de conhecer um pequeno e delicioso pedaço do mundo, é chegada a hora de mais uma despedida.

— Será que a vida nunca vai cansar de fazer a gente se despedir, amor? — pergunto, sentindo o coração apertar pela primeira vez desde que nos reencontramos.

Nossas mãos balançam entrelaçadas como sempre foi, nossos pés afundando na areia, enquanto caminhamos pela *Praia dos Crush*, em direção à Ponte dos Ingleses.

— Baby, essa despedida nada mais é do que um até breve. Você precisa concluir sua especialização e, em no máximo seis meses eu venho passar ao menos um mês aqui com você, antes de voltar para o exterior para concluir o trabalho com Jeremy. Eu preciso ir, mas eu vou voltar pra você, meu amor. — Mari leva nossas mãos até seus lábios e beija nossos dedos entrelaçados, olhando no fundo dos meus olhos, depois volta sua atenção para o caminho à nossa frente, seu peito estufado, ombros retos e cabeça erguida, enquanto desfilamos pela praia exibindo quão estamos fodidamente felizes por estarmos juntas, lado a lado.

Observo Mari ao meu lado e um sorriso bobo não sai do meu rosto. Absorvo todos os detalhes que fazem dela quem ela é. Admiro os traços do seu rosto, seu nariz afilado, seus lábios carnudos, seus olhos expressivos e altivos sempre prontos a enfrentarem o mundo, seus cabelos negros que o

vento bagunça sem que ela se incomode e, acima de tudo isso, vejo a mulher forte e corajosa que ela é e sinto um orgulho absurdo de ser eu a estar dentro do coração dela, assim como de tê-la no meu.

Quando chegamos em frente a velha ponte, sinto vontade de chorar por todas as lembranças lindas e doloridas que esse lugar me traz e, ao constatar em que estado se encontra hoje esse cantinho tão nosso.

Tapumes cercam todo o entorno da ponte. O corrimão que cercava toda a extensão da ponte está desmontado no chão de madeira. Está tudo destruído e arruinado.

— Será que um dia ela vai poder voltar a testemunhar casais apaixonados e suas promessas de amor? — pergunto com um ar sonhador.

— Espero que sim, baby — responde Mari, envolvendo-me em seus braços e beijando o topo de minha cabeça, abraçando-me por trás.

O sol começa a preparar-se para se despedir de nós e vai baixando lentamente na linha do mar e ficamos ali, apreciando a vista enquanto a brisa agradável nos cerca, sentindo o cheiro de areia e água salgada que tanto amamos em um silêncio reflexivo.

Estar aqui nesse lugar depois de tantos anos e, lembrar de tudo pelo que passamos até chegar aqui só reafirma o que somos.

Quando nossos olhos trombaram naquela sala de aula, escancaramos nossos corações uma para outra e neles fizemos nossa morada.

Eu sempre tive fascínio por Mari e tenho até hoje. Ficava boba olhando para ela e hoje ainda fico, talvez até mais abobalhada do que no passado, porque antes eu ainda tentava me enganar sobre a seriedade do que eu sempre senti por ela.

Uma vida inteira de um destino brincalhão, sempre aprontando com a gente. Ele brincou de esconde-esconde, de polícia e ladrão, de pega-pega... Ambas nos escondemos; quando uma tomou coragem a outra fugiu; quando

ambas entendemos o que queríamos, os caminhos estavam ao contrário.

Foram precisos trinta anos vividos pra sermos maduras o suficiente para estarmos prontas para ‘o nós’, para acreditar que era a hora de ser quem somos e não nos assustar com isso. Trinta anos de experiências: porrada na cara (na) nossa e de terceiros), abraços, beijos roubados, bebidas, viagens, flertes, choro, casamentos, divórcios, esconderijos, corações partidos, risos e certezas. E aí, catorze anos depois de residência fixa no coração uma da outra, a liberdade. Não para fora dele, mas para nossa voz.

Quatro meses que gritamos de dentro do nosso peito, alto o suficiente para o mundo todo escutar.

— Acho que no fundo a gente sempre soube, amor — digo quebrando o silêncio. — Sempre soubemos o que fomos e o que somos, apesar de que não fazíamos ideia do que poderíamos ser. Porém hoje, aqui, olhando para nosso lugar, que apesar de destruído pelo tempo e descuido ainda permanece de pé, tenho certeza absoluta que continuaremos sendo quem somos uma para a outra, e, iremos nos amar ainda mais do que nos últimos catorze anos e muito mais intensamente do que os quatro meses que se passaram — digo como uma promessa.

— Eu sei que ainda não podemos viver nosso amor da forma que merecemos, Vih — começa ela, girando-me em seus braços para que nossos olhos possam estar onde pertencem: submersos uns nos outros —, mas vamos continuar seguindo, baby, nos amando da melhor forma que conhecemos até o último dia das nossas vidas.

— Amor... — chamo, apenas pelo prazer de me referir a ela dessa maneira — Tão bom poder te tratar assim! — afirmo sorrindo e ela sorri também. — Amor, meu amor, minha namorada — digo e ela acaricia meu rosto sem tirar os olhos dos meus.

— Eu amo você, Vih.

— De agora e para sempre? — pergunto erguendo minha mão, assim como há tantos anos atrás, nesse mesmo lugar.

— Ao infinito e além, baby. — Mari promete, encaixando seu dedo mindinho ao meu, ao passo que nossos lábios se encaixam selando a nossa promessa.

Notas

Fomenta – pessoa que vive com fome.

Iga – expressão que indica nojo.

Malino – pessoa travessa, arteira.

Nota da autora

Se você ama uma pessoa e está esperando o momento certo de dizer isso a ela, é agora. Entretanto, se acredita que ainda é cedo, bom, cedo é melhor do que tarde demais. O quê, na verdade é tarde demais? Oh, meus pêsames, sinto muito por sua perda. Ah, ela não morreu... então ainda dá tempo, porém, lembre-se: ninguém dura para sempre.

Não há momento certo, até que você o faça. Então, corra: o momento certo é agora.

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus por me permitir viver e ser livre. A

liberdade de escolher nossos próprios caminhos é nos dada por Ele, criador de todo o universo, então, não permita que alguém tome isso de você.

Escrever a história de Vicky e Mari foi extremamente prazerosa, e, confesso que ter a companhia de algumas pessoas ao longo do desenvolvimento dela fez tudo ainda mais maravilhoso, então vamos agradecer!

D. Regina, minha mãe e fã número zero, aquela que acreditou em mim antes mesmo de eu vir ao mundo, obrigada por tanto amor e compreensão. Eu te amo.

Daiana, meu amor, minha namorada e parceira de crime. Obrigada pelo apoio, paciência, e por estar sempre à postos nas minhas crises de inseguranças. A vida foi generosa comigo ao entrelaçar nossos caminhos. Eu amo você.

As minhas leitoras betas, Elaine, do ig literário Pages and Seasons, minha amiga querida. Um dos muitos presentes que “Do Fim ao Começo” me deu. Obrigada pela parceria e amizade. Esteja pronta para betar todos os livros que eu vier a escrever, e para resenhar cada um deles. Sim, sou abusada, me ame mais! Hahaha.

Gabi, do ig Gabi e um Livro, o que seria de mim sem sua empolgação? Obrigada pelos áudios gigantes, pelas risadas e por seu apoio.

A minha melhor amiga da vida, Thalita. Obrigada por todos os anos de apoio, broncas, colo e carinho. Obrigada por sua crença em mim e nos meus sonhos e por me mostrar o que a palavra amizade e lealdade significam.

Aos autores, Witany Mirilson, que acompanhou de pertinho capítulo a capítulo, e, Jacinto Junior (Jass, para mim), o autor mais lindo, amável, *crushado* e talentoso de Fortal City! Meu enorme carinho e gratidão por você. Sou imensamente grata pela amizade de vocês e incentivo.

A minha capista e diagramadora linda e Diva, Ge Benjamim. Muito

obrigada pelo carinho com que tratou esse projeto e, pela amizade recíproca.

Tudo Sobre Nós é uma história de amor, mas acima de tudo de amizade. Ela conta como Vicky e Mari se apaixonaram, desde aquela primeira encarada, e como as duas acabaram por construir uma amizade sólida e verdadeira, onde através dela puderam viver seu amor, enquanto omissos, e que a mantiveram mesmo depois dele revelado, vivendo o amor em sua forma mais pura e bonita, como parceiras de vida.

A vida foi generosa com elas, no entanto, elas não são reais, nós somos.

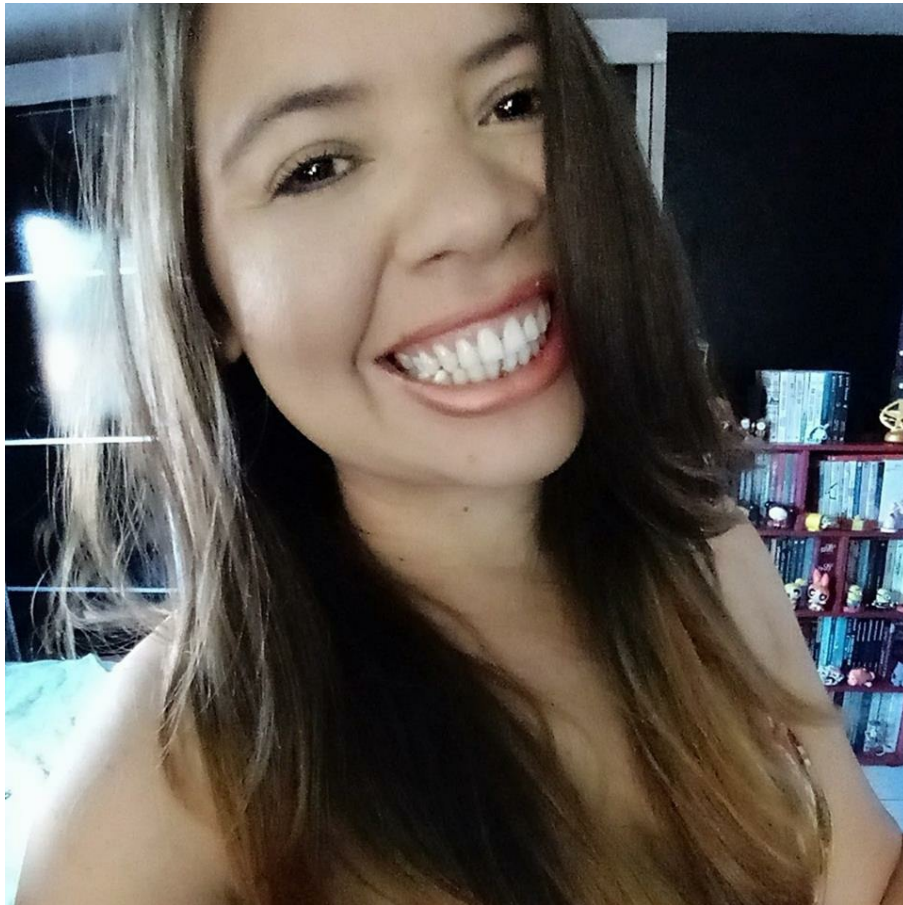
Então, não deixe sua vida a cargo do destino. Não espere que a oportunidade perdida irá voltar quando você se sentir pronto para ela, não viva a mercê da lenda do “o que é seu está guardado”. Se você quer mesmo ter seu felizes para sempre, comece a buscá-lo agora.

Cris Soares.



Playlist

Sobre a autora



Instagram: www.instagram.com/crisautora

Facebook: www.facebook.com/crisautora